

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS
CENTRO DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SOCIOLOGIA

LEILYANE SOUZA LEÃO

TRABALHADORAS DOMÉSTICAS E SUAS FILHAS:
um estudo sobre as percepções de mobilidade social em duas gerações

SÃO CARLOS – SP

2023

LEILYANE SOUZA LEÃO

**TRABALHADORAS DOMÉSTICAS E SUAS FILHAS:
um estudo sobre as percepções de mobilidade social em duas gerações**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal de São Carlos, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Sociologia.

Orientadora: Prof^a Dra. Aline Suelen Pires

SÃO CARLOS - SP

2023



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS

Centro de Educação e Ciências Humanas
Programa de Pós-Graduação em Sociologia

Folha de Aprovação

Defesa de Dissertação de Mestrado da candidata Leilyane Souza Leão, realizada em 24/03/2023.

Comissão Julgadora:

Profa. Dra. Aline Suelen Pires (UFSCar)

Prof. Dr. Jaime Santos Júnior (UFPR)

Prof. Dr. Jacob Carlos Lima (UFSCar)

O Relatório de Defesa assinado pelos membros da Comissão Julgadora encontra-se arquivado junto ao Programa de Pós-Graduação em Sociologia.

AGRADECIMENTOS

No percurso da minha formação muitos professores queridos fizeram-se presentes e contribuíram, cada um à sua maneira, para que eu pudesse não só tomar conhecimento das teorias importantes, mas também a enxergar a realidade social de forma sensível e crítica. Devo essa minha capacidade desenvolvida aos excelentes professores que tive contato desde a graduação em Ciências Sociais na UFRRJ, até o momento do Mestrado em Sociologia na UFSCar, instituições onde não me faltaram as melhores referências de pesquisadores para me inspirar.

Agradeço aos professores do PPGS-UFSCar que contribuíram na condução desta investigação. Em especial, agradeço à minha orientadora, Aline Suelen Pires, que acolheu a minha proposta de pesquisa desde o seu início, sempre presente e disposta a orientar e apresentar sugestões para o aprimoramento do meu texto. Ao Gabriel de Santis Feltran, por sua sensibilidade e atenção ao desenvolvimento da minha pesquisa durante as disciplinas de Pesquisa Sociológica e Seminários de Dissertação. Agradeço também ao Jacob Carlos Lima, que colaborou com suas sugestões na qualificação, além de ter me inspirado em suas aulas, sempre trazendo a discussão do trabalho de forma crítica.

Devo ainda um agradecimento especial à Marta Regina Ciocari, que encorajou-me tanto a iniciar a pesquisar sobre as trabalhadoras domésticas na graduação, quanto a prosseguir no Mestrado. Sou grata por ter me apresentado o estudo das trajetórias e histórias de vida que tanto aprecio e busco desempenhar com o maior respeito.

Agradeço à Denise Ribeiro, colega da minha turma de Mestrado, que se tornou uma amiga querida ao longo desses dois anos. Ter alguém com quem dividir as inseguranças, as descobertas e os aprendizados da pós-graduação é muito valioso. Sou grata também à Lúcia Cucchieri, amizade fruto do nosso grupo de pesquisa LEST-M - Laboratório de Estudos sobre Trabalho, Profissões e Mobilidades, que com a sua companhia tornou a minha permanência na cidade de São Carlos mais leve e agradável. Ainda desse grupo, agradeço também ao João Perin e ao Gabriel Ulbricht, pelas ricas trocas nesse processo de aprendizado da vida acadêmica. Nesse sentido, agradeço a todo o grupo de pesquisa LEST-M que contribuiu muito para a condução do meu estudo, a partir das reuniões em que houveram ricas trocas de experiências de pesquisas, sempre muito instigante.

Agradeço ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq - Processo: 130376/2021-3), pelo financiamento que tornou possível a realização desta pesquisa.

Nesse percurso do Mestrado, José Renan, meu companheiro, foi o meu principal apoio, com quem pude contar desde o início, ao me estabelecer na cidade de São Carlos. Devo à ele o meu agradecimento pelo companheirismo ao longo dessa jornada.

À meu pai, Natalino Silva Leão, sou grata pelo incentivo desde sempre, no incentivo à leitura, aos estudos e por ter contribuído para que eu prosseguisse nos estudos e não desistisse de uma escolaridade alongada. À minha mãe, Angélica Eleutério de Souza, agradeço por sua generosidade de me ensinar tanto, sobretudo com a sua história de vida, na qual me inspiro e procuro honrar em tudo o que faço.

Por fim, um agradecimento muito especial às interlocutoras desta pesquisa, que gentilmente compartilharam suas histórias de vida. Essas mulheres, mães e filhas, duas gerações das classes populares, vivenciaram momentos históricos distintos no Brasil, na busca de uma melhoria de vida utilizando estratégias da migração, do trabalho e dos estudos. Agradeço por permitir o estudo de suas trajetórias tão ricas e que fazem parte da história deste país.

RESUMO

Este estudo busca compreender as percepções de mobilidade social de duas gerações familiares das classes populares. Os sujeitos de pesquisa foram as trabalhadoras domésticas que migraram da Bahia entre o fim da década de 1960 e meados de 1990 para o Sudeste do país e suas filhas inseridas no contexto dos anos 2010 e 2020. Buscou-se acessar os sentidos que mães e filhas apresentam em suas estratégias para romper com uma determinada situação social de origem. No caso das mães, a hipótese é de que encontravam no emprego doméstico e na migração uma alternativa para romper com uma rotina de trabalho árduo e precário nas lavouras e, no caso das filhas, tratou-se de investigar como uma escolaridade mais alongada permitiu o acesso a outras profissões distintas da ocupação de suas mães. Nesse sentido, levou-se em consideração a criação de políticas públicas voltadas à educação, sobretudo a ampliação no acesso ao ensino superior entre a década de 2000 e de 2010. Assim, considerando as transformações no trabalho doméstico entre duas gerações familiares das classes populares, o objetivo deste trabalho é compreender as relações entre migração, geração, gênero e mobilidade social no Brasil contemporâneo. Através do método das histórias de vida, das trajetórias e narrativas, buscou-se acessar as percepções e sentidos atribuídos pelas interlocutoras desta pesquisa às suas experiências.

Palavras-chave: Trabalho doméstico; Migração; Gênero; Geração; Mobilidade social.

ABSTRACT

This work aims to understand the perceptions of social mobility of two generations from popular class families. The participants of the research were domestic workers who migrated between the late 1960s and the mid-1990s to the Southeast of the country and their daughters inserted in the context of the 2010s and 2020s. We tried to access mothers' and daughters' perceptions about their strategies to break with a particular social situation of origin. In the case of mothers, the hypothesis is that they found in domestic employment an alternative to break with a routine of hard and precarious work in the plantations. In the case of daughters, we tried to investigate how elongated schooling allowed the access to other professions different of their mothers' occupation. In this sense, we take into consideration the creation of public policies for education, especially the expansion of access to higher education between the decade of 2000 and 2010. Considering the transformations in domestic work between two generations from working class families, the objective of this study is to understand the relationships among migration, generation, gender, and social mobility in contemporary Brazil. Through the method of life stories, trajectories, and narratives, we sought to access the perceptions and meanings attributed by the participants of this research to their mobility experiences.

Keywords: Domestic workers; Migration; Gender; Generation; Social mobility.

Dedico esta dissertação às trabalhadoras domésticas e às suas filhas que lutam por uma vida mais digna.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	5
Apresentação da pesquisa	5
Percurso Metodológicos	6
1. TRABALHADORAS DOMÉSTICAS E SUAS FILHAS: UMA APROXIMAÇÃO DO CONTEXTO DE DUAS GERAÇÕES	11
1.1 Sobre as gerações	11
1.2 O projeto da migração.....	12
1.3 O emprego doméstico enquanto uma questão de gênero e raça	17
1.4 Algumas transformações recentes no emprego doméstico	21
1.5 Uma geração experimenta mudanças sociais.....	24
1.6 O debate sobre mobilidade social ao longo dos anos 2000	26
2. A BUSCA POR MOBILIDADE SOCIAL ENTRE AS CLASSES POPULARES	30
2.2 Sobre as narrativas e trajetórias	30
2.3 A trajetória de Bete	31
2.4 Betânia, a filha de Bete	37
2.5 A não hereditariedade do emprego doméstico.....	40
3. MOBILIDADE SOCIAL PARA MULHERES: EXPERIÊNCIAS GERACIONAIS	54
3.1 A alternativa do trabalho doméstico remunerado	54
3.2 A história de Joseane	55
3.3 Jussara, a filha mais velha de Joseane	61
3.4 Janaína, a caçula de Joseane	65
3.5 A trajetória no trabalho doméstico: entremeando a experiência de Joseane com a de outras trabalhadoras domésticas	70
3.6 O assédio sexual no trabalho doméstico remunerado	78
3.7 As filhas de Joseane: experiências juvenis entre o trabalho e o estudo	82
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	87
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	90

INTRODUÇÃO

Apresentação da pesquisa

Esta dissertação é resultado de um estudo realizado a partir das trajetórias de vida de trabalhadoras domésticas e suas filhas. Tendo um enfoque geracional, esta pesquisa de mestrado buscou compreender os percursos de duas gerações familiares. Por um lado, têm-se mulheres que migraram da Bahia entre o fim da década de 1960 e meados da década de 1990 para o Sudeste do país, a fim de acessarem melhores condições de vida. De outro, encontra-se a geração de suas filhas, inseridas em um contexto mais recente entre os anos 2010 e 2020, no qual buscavam e buscam uma inserção profissional distinta da de suas mães.

No esforço por ascensão social, as duas gerações estudadas apresentam estratégias distintas para alcançarem alguma mobilidade ascendente. No caso das mães, que partiam de um contexto de trabalho rural de escassez e precariedade, o emprego doméstico nas cidades apresentou-se, para essas mulheres, como uma alternativa de maiores rendimentos para o seu próprio sustento e de ajuda aos seus familiares. Já as suas filhas se inserem em um contexto resultado da implantação de políticas públicas focadas, sobretudo, na educação, em que se ampliou o acesso ao ensino superior. Com esse cenário, jovens oriundos das classes populares, como as filhas das trabalhadoras domésticas, vieram a ter maiores oportunidades, alcançando uma escolaridade alongada e ocupações de maior prestígio do que aquelas desempenhadas por suas mães.

Nesta pesquisa, a escolha de trabalhar apenas com as filhas dessas trabalhadoras domésticas em detrimento dos filhos do sexo masculino se deu diante da feminização do trabalho doméstico. Considerando a diferença na socialização de meninos e meninas, em que para estas são incentivadas atividades ligadas ao cuidado, compreende-se que o emprego doméstico, muitas vezes, acaba sendo a alternativa encontrada por mulheres empobrecidas. Desse modo, visto que são as mulheres que vem a desempenhar o trabalho doméstico remunerado, buscou-se observar quais as mudanças e permanências da geração das mães trabalhadoras domésticas para as suas filhas.

É importante ressaltar as transformações que o emprego doméstico passou nos últimos anos, sobretudo a partir da aprovação da PEC das Domésticas em 2013 e o maior debate sobre o tema nas mídias sociais. Além disso, a maior escolarização de mulheres jovens vem afastando esse grupo da ocupação do emprego doméstico (Pinheiro et al, 2019). Diante de tais mudanças que se apresentam em relação ao emprego doméstico no Brasil, esta pesquisa tem o objetivo de

compreender, a partir de duas gerações familiares - mães e filhas -, as relações entre migração, geração, gênero e mobilidade social.

Fazendo uso do método das histórias de vida e das trajetórias, pretende-se acessar os sentidos atribuídos pelas interlocutoras às suas experiências enquanto sujeitos das classes populares. Busca-se, assim, compreender as percepções sobre mobilidade social experimentadas por trabalhadoras domésticas que migraram da Bahia para o Sudeste do país entre o fim da década de 1960 e meados dos anos 1990 e também de suas filhas no contexto entre os anos 2010 e 2020 que foram beneficiadas, principalmente, por políticas públicas voltadas à educação.

Percursos Metodológicos

Esta pesquisa é resultado do desdobramento de uma pesquisa anterior, realizada durante a graduação em Ciências Sociais, quando pesquisei sobre trajetórias de trabalhadoras domésticas que migravam da Bahia para São Paulo.¹ Em entrevistas, as interlocutoras de pesquisa narravam o desejo de um outro futuro profissional para suas filhas em que estivessem amparadas por uma maior escolaridade. Muitas delas, inclusive, relataram que as filhas, naquele momento das entrevistas, estavam cursando uma universidade, o que era motivo de muito orgulho. Ao fim da pesquisa, passei a observar que havia uma expectativa de mobilidade social ascendente, não só para as próprias trabalhadoras domésticas que migraram para São Paulo a fim de acessarem maiores rendimentos, mas também para a próxima geração familiar, através do investimento na educação de suas filhas.

Passei então a me interessar não mais apenas pelo universo das trabalhadoras domésticas, como também o de suas filhas, no sentido de compreender suas percepções sobre mobilidade social. Na possibilidade da realização de um Mestrado em Sociologia, animei-me nesta empreitada de pesquisar duas gerações: as trabalhadoras domésticas e suas filhas. Pesquisar essas mulheres envolve a minha proximidade com o tema enquanto filha de uma trabalhadora doméstica. Ainda pequena, já era familiarizada com o universo do trabalho doméstico, seja a partir das histórias que minha mãe contava sobre a fartura e a beleza das casas onde trabalhou em São Paulo, seja frequentando as casas onde ela trabalhava em Paramirim, na Bahia - cidade onde nasci e cresci. Quando frequentava a casa dos patrões de minha mãe, mantinha-me na cozinha ajudando-a a tirar a mesa e secar a louça - era o máximo que ela me

¹ Pesquisa de monografia com o título *Trabalho Doméstico e Migração*: um estudo de trajetórias femininas nos deslocamentos entre o sertão da Bahia e São Paulo. A monografia, orientada pela Prof^a Dra. Marta Regina Cioccarri foi defendida em junho de 2018 como requisito parcial para a obtenção do título de Licenciatura em Ciências Sociais pela Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ).

deixava fazer - e assim contribuía para que logo fôssemos embora e que minha mãe pudesse então descansar depois de um dia inteiro de trabalho duro. Convivendo naquele espaço, senti o afeto entre patroa e empregada: o carinho, o respeito e a admiração. Sendo nesse mesmo lugar onde vi a mesquinhez e o desprezo das patroas e dos patrões.

Tendo a oportunidade de cursar a graduação em Ciências Sociais e estudar o tema do trabalho doméstico, passei a seguir o que sugere Roberto Da Matta (1985) de “transformar o familiar em exótico”. Com curiosidade sociológica, passei a notar as nuances do universo sobre o qual tinha interesse e elaborar questionamentos. Como essas mulheres se percebiam enquanto trabalhadoras domésticas? Quais as expectativas e os sentidos atribuídos às suas ações? Como percebiam a relação com seus empregadores que insistiam em afirmar que elas eram "da família"? Se pertenciam àquelas famílias, porque os patrões de minha mãe, das minhas tias, por exemplo, nunca visitaram suas casas? A partir desses questionamentos simples, passei a me interessar cada vez mais pela temática e elaborar trabalhos de fim de curso, minha monografia e o meu projeto para esta pesquisa de mestrado, a fim de melhor compreender a realidade social das trabalhadoras domésticas. Como pontuou Gilberto Velho em *Observando o familiar* (1981), no sentido de que nem tudo aquilo que é familiar é conhecido, fiz o exercício de observar de modo estranhado os relatos das trabalhadoras domésticas que, por muito tempo, soavam como comuns e corriqueiros para mim.

Hoggart (1973), que pesquisou os bairros operários de Leeds, na Inglaterra, esmiuçou o cotidiano da classe trabalhadora apresentando sua complexidade e os múltiplos sentidos que essas pessoas conferem às suas vidas. O autor tinha um conhecimento de “dentro”, uma vez que viveu sua infância ali naqueles bairros, como ele mesmo acentua. Desse modo, assim como Hoggart, pesquisei um universo conhecido, pois, sendo filha de trabalhadora doméstica, presenciei muitas das questões que atravessam a realidade dessas mulheres. Nutrida de uma curiosidade sociológica, busquei analisar as nuances de um universo amplamente estudado por pesquisadores que ocupavam um outro lugar social. Pesquisadores como Kofes (2010) e Velho (2012), que estudaram o mundo das trabalhadoras domésticas, relataram em seus estudos terem contato com essas mulheres como suas empregadas. Kofes (2010), por exemplo, ao relatar sua proximidade com as empregadas domésticas desde a sua infância, faz uma reflexão no sentido da possibilidade de avaliar essa proximidade com as trabalhadoras como uma “profundidade interna”, capaz de permitir a compreensão do mundo que ela tinha interesse em investigar. Minha proximidade com as trabalhadoras domésticas, diferente daquela de Kofes, permite também carregar uma “profundidade interna” com a realidade das trabalhadoras que pode ser útil para esta investigação. Entendo também que minha posição na pesquisa, enquanto

filha de trabalhadora doméstica, propiciou aquilo que Bourdieu chamou em *A Miséria do Mundo* (1997) de “comunicação não violenta”. A proximidade de gênero, classe e raça com minhas interlocutoras permitiu que fosse criado um ambiente confortável para as entrevistas, de modo que foi possível abordar as questões pretendidas, a fim de atender aos objetivos propostos desta pesquisa.

Para realizar esse estudo, optei pelo uso das entrevistas biográficas. A fim de atingir os objetivos propostos, entendo como fundamental a escuta das narrativas das minhas interlocutoras sobre suas histórias de vida, experiências e percepções. Sendo interesse desta pesquisa compreender as percepções de mobilidade social para essas mulheres, o método das histórias de vida mostrou-se como frutífero para apreender os sentidos que atribuem às suas histórias e o modo como se percebem no espaço social. Geralmente iniciava a entrevista pedindo para que minha interlocutora contasse como foi sua infância. Ao contar sobre a primeira fase da vida, elas discorriam sobre diversas etapas de suas trajetórias contemplando episódios ocorridos na vida adulta ou de um contexto mais recente. Seguindo as orientações de Daniel Bertaux (2010) sobre a entrevista narrativa, buscava encorajar minha entrevistada, sempre atenta, demonstrando interesse sobre sua vida. Além disso, tentava não interromper frequentemente a entrevistada e, quando havia algum momento de pausa na sua narrativa, buscava, no roteiro que ficava ao meu lado, alguma questão pertinente que pudesse explorar naquele momento.

Esta pesquisa foi realizada a partir de uma rede já estabelecida durante a elaboração da monografia. Assim, foi retomado o contato com as trabalhadoras domésticas com as quais já realizei entrevistas em um outro momento e, pela primeira vez, com as suas filhas. Houve ainda a realização de uma entrevista com uma trabalhadora doméstica que não fez parte daquela investigação e com suas duas filhas. Ao todo, foram realizadas nove entrevistas em profundidade, sendo que seis delas foram realizadas de forma virtual² através da plataforma Google Meet e as outras três em formato presencial. Em ambos os formatos, utilizei do recurso do gravador e de um roteiro de questões que serviam para guiar a entrevista. Quatro dessas mulheres compõem o grupo das trabalhadoras domésticas e as outras cinco integram a segunda geração privilegiada por esta pesquisa: as filhas destas trabalhadoras. Após a realização dessas entrevistas em profundidade, houveram contatos mais curtos com as interlocutoras, para

² A pesquisa iniciou-se no fim do ano de 2021, momento em que ainda acontecia a pandemia de Covid-19. As principais recomendações dadas pela OMS - Organização Mundial de Saúde, eram o distanciamento social e o uso de máscaras. Nesse contexto, o uso das plataformas de videoconferências foi amplamente utilizado para realizar encontros e reuniões, dado os limites impostos pela pandemia.

complementar algumas informações. No caso de uma interlocutora, em especial, foi possível realizar ainda uma segunda entrevista biográfica, abordando vários aspectos da sua trajetória.

Nos quadros (1 e 2) abaixo, apresento algumas informações sobre as entrevistas, divididas por geração:

Quadro 1. Primeira Geração – Mães

Nome ³	Ano de nascimento	Cor/Raça	Cidade de origem	Cidade atual	Ano da migração	Escolaridade	Moradia	Estado civil	Ocupação atual
Bete	1957	Parda	Paramirim-BA	Paramirim-BA	1968	Ensino fundamental incompleto	Casa própria	Casada	Aposentada
Cármen	1969	Parda	Poçoões-BA	Paramirim-BA	1983	Ensino médio completo	Casa própria	Casada	Empregada doméstica mensalista
Nelma	1976	Preta	Paramirim-BA	Sertãozinho-SP	1995	Ensino médio completo	Casa própria	União estável	Faxineira em uma usina de álcool
Joseane	1963	Amarela	Esplanada-BA	Itaboraí-RJ	1982	Ensino fundamental incompleto	Casa financiada	União estável	Diarista e cuidadora de idosos

Fonte: Elaboração própria a partir das entrevistas.

³ Os nomes de todas as entrevistadas deste estudo são fictícios.

Quadro 2. Segunda Geração – Filhas

Nome	Ano de nascimento	Cor/Raça	Cidade de origem	Cidade atual	Escolaridade	Moradia	Estado civil	Ocupação
Betânia	1993	Parda	Paramirim-BA	São Paulo – SP	Pós-graduação	Aluguel	Solteira	Atendente de balcão
Yara	1996	Branca	Paramirim-BA	São Paulo - SP	Ensino Superior completo	Aluguel	Solteira	Funcionária em uma fábrica
Estela	2001	Preta	Paramirim-BA	Sertãozinho -SP	Ensino Superior incompleto	Mora com os pais	Solteira	Estudante
Jussara	1981	Parda	Esplanada-BA	Itaboraí-RJ	Ensino médio completo	Casa própria	Casada	Desempregada
Janaína	1989	Preta	Rio de Janeiro - RJ	Florianópolis -SC	Ensino Superior completo	Aluguel	Solteira	Entrevistadora

Fonte: Elaboração própria a partir das entrevistas.

1. TRABALHADORAS DOMÉSTICAS E SUAS FILHAS: UMA APROXIMAÇÃO DO CONTEXTO DE DUAS GERAÇÕES

Neste capítulo, apresenta-se o cenário em que se encontram as trajetórias que serão analisadas nos capítulos seguintes. Assim, abordo brevemente sobre o conceito de "geração", diante de sua relevância para a condução desta pesquisa, uma vez que este estudo trata de duas gerações familiares, cada qual com suas especificidades contextuais. Além disso, traço um percurso sobre temáticas importantes para estas duas gerações. No caso das mães, a migração e o trabalho doméstico e, no caso das filhas, a categoria da juventude, uma vez que, em sua maioria, são mulheres jovens. Ainda faço uma apresentação do contexto de ampliação do acesso à educação que beneficiou sobretudo as classes populares.

1.1 Sobre as gerações

A perspectiva geracional adotada nesta pesquisa é inspirada nas observações do sociólogo alemão Karl Mannheim em seu ensaio *O problema sociológico das gerações* (1982). O autor defende que, para compreender uma geração, deve-se levar em consideração não só a idade de um determinado grupo, mas o contexto histórico no qual está inserido. Desse modo, compreender uma geração requer olhar com atenção para a situação comum de um grupo. Não desconsiderando o fator etário, é necessário um olhar refinado para localizar o fenômeno geracional. Nesse sentido, Mannheim complexificou a temática das gerações ao elucidar aspectos do fenômeno através da formulação de alguns conceitos. Um deles é o de “situação de geração” que compreende uma situação comum daqueles que nasceram dentro da mesma região histórica e cultural. Já quando o autor discute sobre “geração enquanto realidade”, refere-se à possibilidade de existência de um vínculo entre os indivíduos em uma realidade histórica específica. Nesse contexto de pertencimento a uma geração real, grupos podem estar experienciando de modos específicos a realidade social, o que os leva a pertencer ao que Mannheim entende por “unidades de geração” distintas.

Dessa maneira, conferir sentido a uma geração não é apenas estabelecer relações a partir da idade de um grupo geracional, mas compreender as nuances sociais e históricas que o envolve. A partir do conceito de “geração enquanto realidade”, Mannheim (1982) nos leva a situar com mais precisão os grupos que experienciam de formas distintas a realidade social. Na primeira geração aqui estudada, mulheres das classes populares do interior baiano experimentaram nas comunidades rurais a escassez. Buscavam então, a partir da migração e do trabalho doméstico remunerado no Sudeste do país, alternativas para melhorar de vida. Essa foi

a realidade em comum experimentada pela primeira geração de mulheres desta pesquisa. Em outro sentido, a geração das suas filhas experimentou um outro contexto histórico e social compartilhado entre elas que, dentre outros aspectos, permitiu uma maior escolaridade. Vale destacar que, todas elas, diferentemente de suas mães, nasceram no contexto urbano, o que possibilitou o acesso a serviços com os quais suas mães só vieram a ter contato na vida adulta. Além disso, as filhas dessas trabalhadoras experimentaram um contexto de ampliação da educação básica e, principalmente, do ensino superior, que passou a contar com políticas de cotas socioeconômicas e raciais. De uma geração para outra, observa-se transformações sociais marcadas por contextos sociais específicos e que podem ser analisados e mais bem compreendidos a partir das trajetórias dos sujeitos que as vivenciam.

Desse modo, estudar gerações implica estar atento às transformações que ocorrem de um período histórico para outro, sendo possível também notar as permanências. Neste estudo de trajetórias de duas gerações, busca-se apreender as percepções de mulheres das classes populares sobre mobilidade social. A partir de suas experiências expressas em narrativas, busco, nesta pesquisa, compreender como essas mulheres se veem em um mundo marcado por desigualdades. De modo geral, considera-se pertinente situar o que marca cada uma dessas duas gerações. No caso das filhas das trabalhadoras, há um contexto fortemente marcado pela criação de políticas públicas de ampliação do acesso à educação de uma maneira geral, favorecendo sobretudo as pessoas oriundas das classes populares. Já em relação às trabalhadoras domésticas, tem-se o fenômeno da migração que orientou suas trajetórias desde muito jovens. É sobre este tema que falaremos a seguir.

1.2 O projeto da migração

O Brasil foi marcado por diferentes movimentos migratórios ao longo da sua história, seja através do recebimento de imigrantes estrangeiros, seja pela migração interna. De acordo com Gremaud et al (p.49, 2007), o principal fluxo migratório que caracterizou a economia brasileira durante o século XX foi o êxodo rural, que provocou a diminuição da população rural e o crescimento da urbana. Segundo o autor, estima-se que, no período entre 1950 e 1990, mais de 40 milhões de pessoas saíram do campo rumo à cidade. Nesse deslocamento, os principais destinos eram as regiões mais urbanizadas e industrializadas do país, que, ao longo do século XX, era predominantemente a região Sudeste.

Em geral, entre os sujeitos que realizam a migração, existe uma expectativa de melhoria de vida no lugar em que se chega, ou ainda de alcançar melhores rendimentos a fim de retornar

ao local de origem. De todo modo, existem motivações ligadas, muitas vezes, à família, a projetos pessoais, entre outros, que impulsionam esses deslocamentos. As motivações dos sujeitos encontram-se ainda ligadas com uma estrutura mais ampla, delineada pelo contexto histórico e social vivenciado que acaba por caracterizar a migração realizada. Uma das questões mais levantadas quando se fala sobre motivações para a migração entre a população do Nordeste é a questão da seca. O problema da seca no Brasil é de conhecimento público há muito tempo. O economista Celso Furtado, ao longo da sua trajetória, esteve atento à questão da seca no Nordeste. Furtado (1998) trata a seca no Nordeste como um problema social diante da previsibilidade do fenômeno e, portanto, na possibilidade de articulação de políticas para enfrentar os danos da seca.

A matéria publicada no Uol⁴ sobre a maior seca no semiárido, recupera momentos históricos de seca no Nordeste através de dados do Inmet (Instituto Nacional de Meteorologia). Os dados do instituto informam que a primeira seca registrada foi em 1583, ainda pelos colonizadores portugueses, e, em 1845, começa o registro sistemático dos períodos de seca. A estiagem de 1929 a 1933 marcou a migração em massa de retirantes para o Sudeste do país. Os dados do Inmet informam também que, a partir do ano de 1970, não foram mais registrados mortos em decorrência da seca. No entanto, sucederam-se outros períodos de estiagem, sendo o mais recente entre os anos de 2012 a 2017, quando o semiárido experimentou o maior período de estiagem já registrado. Mesmo com o mais longo período de estiagem no Nordeste, os efeitos negativos da seca na população foram mais amenos, frutos de uma atenção maior⁵ que a região recebeu, sobretudo durante os governos do PT (Partido dos Trabalhadores).

No estudo de Ferrari (2005) a pesquisadora traz um panorama sobre a migração nordestina para São Paulo durante o segundo governo Vargas. A autora destaca que é nesse período que acontecem os maiores deslocamentos de migrantes, destacando-se os anos de 1951, 1952 e 1953. Trabalhando com discussões que foram feitas na câmara dos deputados nessa época, a autora aponta que havia debates entre os políticos sobre os problemas da seca e os condicionantes que impulsionaram a migração. No entanto, embora houvesse o debate, nada foi feito em relação à população migrante e às condições de trabalho no Nordeste. Por outro lado, nesse mesmo período, a autora chama atenção para a criação do Banco do Nordeste do

⁴ Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/meio-ambiente/ultimas-noticias/redacao/2018/03/03/seca-de-2012-a-2017-no-semiarido-foi-a-mais-longa-da-historia.htm>. Acesso em: 17 de Fevereiro de 2023.

⁵ Pode-se destacar a construção de cisternas tanto para uso doméstico, quanto para a captação de água para a produção de alimentos, que possibilitou o acesso à água de qualidade para a população sertaneja.

Brasil⁶, que ocorreu em 1952 e que tinha por objetivo financiar o desenvolvimento econômico do Nordeste. Desse modo, ela acentua que essa medida marcou a transição de uma fase em que as políticas para o Nordeste estavam pautadas na preocupação com a falta de água para uma com o foco no desenvolvimento econômico da região.

Outra ação importante que vai nessa mesma direção foi a criação da SUDENE⁷ em 1959, durante o governo Juscelino Kubitschek. Celso Furtado, que dirigiu a SUDENE, via a questão da seca do Nordeste como uma questão de ordem estrutural:

(...) O grande problema no Nordeste é social, não é econômico; é a falta de emprego para o povo. Emprego não é somente uma questão de renda; é também uma condição de sobrevivência da população. Tudo precisa estar relacionado. (FURTADO, 1998, p. 42)

Sobre o fenômeno da migração interna, encontra-se uma vasta bibliografia, resultado de pesquisa de muitos estudiosos que buscaram compreender o movimento migratório sob diferentes perspectivas. A socióloga Marilda Menezes (2012) recupera dois momentos importantes na pesquisa sobre migração no Brasil, sendo o primeiro aquele que tratou das migrações das áreas rurais para as urbanas no período de 1930 a 1970, caracterizadas por um deslocamento de regiões de economia estagnada para aquelas que estavam em pleno desenvolvimento, expressas na migração do Nordeste para o Sudeste. O outro momento importante de pesquisas na área é compreendido entre as décadas de 1970 e 1980. Esses estudos focaram no significado das migrações para as condições de reprodução social de populações de áreas rurais do Nordeste (Menezes, 2012).

Entre os trabalhos clássicos da sociologia brasileira sobre a questão da migração apontados pela autora encontra-se o livro *Desenvolvimento e Mudança Social*, de Juarez Brandão Lopes. A autora o situa fundamentado no paradigma histórico-estrutural⁸. Lopes (2008), analisou a constituição de uma sociedade urbano-industrial no Brasil elencando alguns fatores importantes que foram fundamentais para sua composição. O autor destaca: a constituição de mercados para produtos industriais importados em algumas áreas do país, a abolição da escravatura, a imigração europeia e as medidas de proteção tarifária. Desse modo,

⁶ O Banco do Nordeste do Brasil é constituído na forma de economia mista em que o governo federal é o maior acionista. Surgiu com a finalidade de promover o desenvolvimento da região Nordeste.

⁷ A Superintendência do Desenvolvimento do Nordeste, a SUDENE, que contou com a direção do economista Celso Furtado na sua fundação, tinha por finalidade promover o desenvolvimento do Nordeste.

⁸ Além desse livro do sociólogo Juarez Rubens Brandão Lopes, a autora considera também outra obra do mesmo autor: "A Sociedade Industrial no Brasil" (1971). Nesse paradigma histórico-estrutural, a autora inclui ainda o artigo do economista Paul Singer "Migrações Internas: considerações teóricas sobre o seu estudo" (1976) e o livro da antropóloga Eunice Durhan "A Caminho da Cidade" (1978).

o processo de urbanização, já em curso desde o século XIX, teve, na primeira república, um contexto de adoção de tarifas alfandegárias e crédito fácil. Esses fatores, somados à crise do comércio exterior e à incapacidade de importar, propiciaram o aparecimento de fábricas nacionais. Essa primeira industrialização acontece, sobretudo, na área compreendida entre São Paulo e Rio de Janeiro, então capital do país. Nesse sentido, Lopes (2008) salienta que, em 1938, São Paulo e o Rio de Janeiro apresentavam 57% do valor total da produção e, em 1958, essa porcentagem ultrapassa 66%. Em um modelo de substituição de importações, há uma industrialização do Brasil a partir de uma concentração da indústria no Centro-Sul do país.

No processo de concentração do desenvolvimento no Centro-Sul, Lopes (2008) sinaliza alguns dos seus efeitos, sendo um deles a migração inter-regional que apresentou uma intensidade significativa entre os anos 1930 e caracteriza três correntes principais das migrações internas:

1. A rural-urbana, em todo o país (como porém a maioria das cidades se situa no Leste e no Sul, esse fluxo significa também movimento para essas regiões);
2. A inter-regional do Nordeste para o Leste e para o Sul;
3. A para a “franja pioneira”, no Paraná, Mato Grosso, Goiás e Maranhão. (LOPES, 2008, p. 64)

Utilizando-se de dados censitários, Lopes (1976) demonstra a intensificação da taxa de emigração e imigração nos estados do país entre as décadas de 1940 e 1950, em que todos os estados do Nordeste tiveram uma elevação na taxa de emigração. Sob uma ótica de regiões mais adiantadas e regiões mais atrasadas, o autor interpreta o processo da migração como uma transferência das pessoas da região mais atrasada para a mais adiantada.

Nesse processo migratório, um elemento importante que vem a garantir o êxito na investida do deslocamento são os contatos acionados pelos migrantes, tanto no local de origem quanto no de destino. A rede familiar, nesse momento, cumpre um papel fundamental. O estudo da antropóloga Eunice Durham sobre as migrações rurais-urbanas na década de 1960 e 1970, em seu livro *A Caminho da Cidade* (1978), trouxe valiosas contribuições para o tema. A autora verificou a importância de uma rede de familiares no processo da migração, pois aqueles que já migraram levam as referências da cidade grande para o lugar de origem ao realizarem visitas aos parentes. A família ainda se faz presente na integração do migrante no espaço urbano, ao garantir a permanência na cidade daqueles que migraram recentemente, funcionando como o “(...) ponto de referência e o núcleo de reelaboração dos padrões de comportamento e das representações coletivas” (DURHAM, 1978, p. 211).

Ainda em seu estudo, Durham (1978) verificou que o sucesso da migração não era percebido pelos migrantes em decorrência do tipo de ocupação, mas do nível de consumo voltado para a unidade doméstica. Em outro texto, Durham (1984) analisa que a população de origem rural que passou a morar nas grandes cidades, especialmente a partir da década de 1950, provocava a emergência de novos padrões de consumo. A autora enfatiza que esses novos padrões de consumo, para aquela população, eram vividos como “melhoria de vida” (DURHAM, 1984, p. 26). Em sentido parecido, em minha pesquisa, as mulheres que migraram encontraram, através do emprego doméstico nas cidades, condições materiais para o consumo a que não tinham acesso quando estavam restritas ao meio rural no Nordeste. Assim, na percepção das migrantes, a migração funcionava como uma alternativa, não só de saída das condições precárias de trabalho no interior da Bahia, mas também de possibilidade de ascensão social (Leão, 2018).

A socióloga Marilda Menezes (1985), em sua dissertação de mestrado *Da Paraíba pra São Paulo e de São Paulo pra Paraíba: migração, família e reprodução da força de trabalho*, traz uma interessante análise sobre o processo migratório no interior do Brasil ao estudar emigrantes da Paraíba em São Paulo, bem como seus familiares na Paraíba e aqueles que fizeram a migração de volta à origem. Trata-se de uma investigação sobre a migração do campo para a cidade e da cidade para o campo. Ao realizar esse esforço de estudar a questão da migração buscando relatos dos migrantes e seus familiares, tanto em São Paulo quanto na Paraíba, a pesquisadora chega a análises muito interessantes sobre o movimento migratório no interior do Brasil. Ao estudar a migração de volta à origem, por exemplo, ela não utiliza a denominação “migração de retorno” pois, em sua concepção, equivaleria pensar a migração entre pontos fixos de saída e chegada. Desse modo, ela entende que há variados movimentos: do campo para a cidade, da cidade para o campo, em que o migrante não abandona a origem para integrar no destino: “(...) a migração representa um ponto de contato permanente entre um e outro (...)” (MENEZES, 1985, p. 5).

O que se observa em seu trabalho é a migração como um esforço coletivo para a sobrevivência das famílias. Assim, os filhos de pequenos proprietários da Paraíba migravam para São Paulo onde iam para o trabalho assalariado e, com muita dificuldade, auxiliavam financeiramente aqueles que ficavam. Essa prática contribuía para a permanência no campo daqueles que não migraram, ao mesmo tempo que garantia também a condição do pequeno proprietário na Paraíba. Por outro lado, havia também a migração da cidade para o campo em razão do desemprego, baixos salários e as dificuldades de moradia. Desse modo, nessa

investigação, Marilda Menezes (1985) apresenta a migração como um processo social e a maneira como se realiza através de estratégias coletivas.

Na expectativa de uma vida melhor, o migrante se sujeita a uma realidade desconhecida com a esperança do êxito no percurso. No entanto, as imagens positivas sobre o lugar de destino, muitas vezes relatadas por aqueles que os antecederam, não condiz com a realidade. É nesse sentido que o sociólogo argelino Abdelmalek Sayad (1998) traz a narrativa de um emigrante da Cabília, Mohamed, que vai para a França em busca de trabalho. No livro, é trazida a narrativa do jovem emigrante, que conta a percepção das pessoas da aldeia e as dele próprio sobre os emigrantes. A França era imaginada por todos como um lugar de felicidade até o momento em que ele também experimenta a França dos imigrantes, bem diferente daquela por ele imaginada. A França que descreve então é a da infelicidade, do terror. Assim, o autor analisa o discurso do migrante a partir da tripla verdade da *elghorba* (exílio). Uma vez que o exílio, em sua lógica tradicional, é associado, entre tantas outras coisas, à infelicidade, na visão idealizada da emigração traz uma verdade que a identifica à felicidade. No entanto, é a partir da experiência da realidade da emigração que é desmentida a ilusão criada e é restabelecido o sentido original da *elghorba*.

Sayad (1998) compreende que a experiência de vida de Mohamed oscila, portanto, entre essas duas verdades contraditórias da *elghorba*: felicidade e infelicidade. Por não conseguir resolvê-la, resta mascarar a realidade de sofrimento vivida por aqueles que migram. Isso porque, como diz Mohamed, os emigrantes escondem os aspectos negativos da vida na França, o que ele mesmo faz quando também realiza a migração. Assim, o autor pontua o modo como o desconhecimento coletivo da verdade objetiva da emigração é mantida e constitui uma mediação para garantir a necessidade econômica daqueles que não migram.

As análises cheias de sensibilidade oferecidas por Sayad (1998) sobre o exílio nos ajudam a pensar sobre a experiência das empregadas domésticas migrantes desta pesquisa. Essas mulheres, ao se verem tão distantes de suas famílias, voltavam ao fim do dia para uma *elghorba* peculiar à essa ocupação no Brasil: o quartinho da empregada. Em função de servir a uma família e longe da sua, é nesse pequeno espaço que essas mulheres tiravam suas poucas horas de descanso, sujeitas a estarem à disposição a qualquer tempo na casa de seus patrões.

1.3 O emprego doméstico enquanto uma questão de gênero e raça

Para muitas mulheres, especialmente aquelas com pouca escolaridade, o emprego doméstico remunerado apresenta-se como uma possibilidade de obter renda e sustento para si e para sua família. E essa é a realidade de muitas brasileiras, uma vez que, no Brasil, das pessoas

que se empregam no trabalho doméstico, 92% são mulheres.⁹ De acordo com dados da PNAD Contínua (Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios) do IBGE de 2020, 4,5 milhões de mulheres ocupam-se do emprego doméstico no Brasil, o que corresponde a 12% das trabalhadoras ocupadas. O que acompanha esse elevado número de mulheres desempenhando tal atividade é a baixa remuneração e os inúmeros constrangimentos experimentados por elas no interior das casas onde trabalham.

Embora as tarefas domésticas sejam imprescindíveis para a reprodução da vida humana, caracterizam-se como atividades com pouco ou nenhum prestígio social. Historicamente desempenhado por mulheres, o trabalho doméstico, por muito tempo, sequer era considerado como um trabalho, como nos diz Silvia Federici (2019). Partindo de um contexto europeu para a sua análise, a filósofa se debruça sobre a questão da reprodução e discute como o trabalho doméstico, ao longo da história, foi transformado em um atributo natural das mulheres.¹⁰ Nesse sentido, identificar que existe uma naturalização do trabalho doméstico como atividade feminina ajuda a esmiuçar a estrutura da sociedade na qual vivemos e a melhor compreender quais são as ocupações destinadas às mulheres.

As distinções entre os sexos, portanto, ganham um contorno social complexo ao se falar sobre trabalho. Para Danièle Kergoat (2009), homens e mulheres formam dois grupos sociais envolvidos nas relações sociais de sexo, tendo como base material o trabalho. Nessa divisão, destina-se aos homens a esfera produtiva e às mulheres a esfera reprodutiva, garantindo, por sua vez, dois princípios organizadores da divisão social do trabalho: “o da separação (existem trabalhos de homens e outros de mulheres) e o da hierarquização (um trabalho de homem “vale” mais do que um de mulher)” (KERGOAT, 2009, p. 67). Desse modo, as relações sociais de sexo expressam a divisão sexual do trabalho.

Referindo-se à sociedade francesa em uma discussão sobre gênero e trabalho, Hirata e Kergoat (2007) refletem sobre as mulheres do Norte trabalharem e investirem cada vez mais em suas carreiras, o que as levaram a delegar o trabalho doméstico para as imigrantes que chegavam em seus países em busca de emprego. As autoras chamam atenção para o fato de que, nessa configuração, ocorre um apaziguamento das tensões entre os casais burgueses do Norte a partir do desempenho do trabalho doméstico pelas mulheres imigrantes do Sul. Desse

⁹ Disponível em: <https://www.dieese.org.br/outraspublicacoes/2021/trabalhoDomestico.html>. Acesso em: 17 de Fevereiro de 2023.

¹⁰ Para o seu reconhecimento, a autora defende o salário para o trabalho doméstico como uma maneira de torná-lo visível. A autora critica a reivindicação de algumas feministas pela inserção no mercado de trabalho quando o fundamental seria o reconhecimento do trabalho doméstico, uma vez que sua participação no trabalho produtivo não pouparia do trabalho doméstico levando as mulheres a uma dupla jornada de trabalho.

modo, aquelas que se empregam como domésticas encontram-se em profunda desvantagem social em relação aquelas que delegam tal trabalho.

No caso do Brasil, o trabalho doméstico foi, historicamente, delegado às mulheres negras. Em tempos de colonização portuguesa, o trabalho doméstico já era uma atividade feminilizada e racializada. Através do regime de escravidão, as mulheres negras, entre tantas outras atividades, realizavam as tarefas domésticas em uma posição de subserviência e controle. Assim, se o período da escravidão foi marcado pela submissão e exploração das mulheres negras, não foi com o fim dela, em 1888, que a servidão deixou de existir, mas sim a se complexificar em sua forma. É o que apresenta a pesquisadora Flávia Fernandes de Souza (2017), que analisou o serviço doméstico no período de aumento do trabalho assalariado e o fim da escravidão entre os anos 1850 e 1920 na cidade do Rio de Janeiro. A autora nos conta que os trabalhadores escravizados incumbidos do trabalho doméstico constituíam a maioria dos cativos da capital até início dos anos 1870. Com o declínio da escravidão nas décadas de 1870 e 1880, o serviço doméstico¹¹ passou a ser ocupado por trabalhadores livres, muitos deles trabalhadores estrangeiros, ao passo que crescia também a participação de criadas e criados domésticos brasileiros que haviam saído do cativeiro. Após a abolição, de acordo com a autora, é possível observar um aumento no número de mulheres que pertenciam, provavelmente, a uma população negra liberta, ocupando-se como trabalhadoras domésticas. Dessa maneira, no período analisado, o serviço doméstico teve uma centralidade importante para a sobrevivência de mulheres pobres, de modo que estava em curso na cidade uma feminilização do serviço doméstico.

Diante de todo um histórico de escravidão de povos afrodescendentes em terras brasileiras, que fez uso do corpo das mulheres negras para servir, é impossível falar de emprego doméstico sem sinalizar o racismo que marca essa ocupação no Brasil. Lélia González (1979) nos fala de um racismo cultural que se opera no Brasil atingindo particularmente as mulheres negras que desempenham papéis sociais desvalorizados. Diante da falta de perspectiva, as mulheres negras se sujeitam ao serviço doméstico que as coloca numa situação de dependência das famílias de classe média branca. Na tarefa de servir no seio dessas famílias, enquanto a empregada doméstica tem sofrido a “internalização da diferença”, o seu trabalho possibilita a emancipação econômica e cultural da patroa. No Brasil, em tempos de colonização, sabe-se que

¹¹ A preferência da autora pelo termo serviço doméstico ao invés de trabalho doméstico não se dá de forma aleatória. A autora relata que em vários documentos da época “serviço doméstico” era mais comum do que trabalho doméstico.

o trabalho doméstico era desempenhado por mulheres pobres, sobretudo por mulheres negras escravizadas. Com o fim da escravidão no fim do século XIX, essa realidade deixou ainda suas marcas na contemporaneidade: segundo a PNAD Contínua do IBGE de 2019 e 2020, as mulheres representavam 92% das pessoas que trabalhavam no emprego doméstico, sendo que 65% destas eram mulheres negras.¹²

Nesse sentido, discutir sobre o trabalho doméstico implica trabalhar de maneira articulada os diversos marcadores sociais que o atravessam, especialmente os de classe, de gênero e raça. Por isso, teorias que se propõem a trabalhar de maneira articulada tais marcadores sociais são fundamentais para a melhor compreensão de como se dá a inserção e a relação das mulheres que se empregam no trabalho doméstico. A socióloga Danièle Kergoat (2010), partindo da noção de que toda relação social é conflituosa, defende a perspectiva da consubstancialidade:

(...) as relações sociais são consubstanciais; elas formam um nó que não pode ser desatado no nível das práticas sociais, mas apenas na perspectiva da análise sociológica; e as relações sociais são coextensivas: ao se desenvolverem, as relações sociais de classe, gênero e “raça” se reproduzem e se co-produzem mutuamente. (KERGOAT, 2010, p. 94)

Nessa perspectiva, a consubstancialidade contribui para analisar o modo como as relações de classe, gênero e raça estão imbricadas nas relações materiais de trabalho. No caso do trabalho doméstico, por exemplo, a partir da divisão sexual do trabalho, as mulheres são levadas a realizá-lo, liberando os homens para o trabalho produtivo. A mulher, por sua vez, quando favorecida pela classe, delega esse trabalho a uma outra mulher, geralmente pobre e, no caso do Brasil, uma mulher negra e, muitas vezes, migrante. Ou seja, há uma reprodução das relações sociais em que se opera uma sobreposição de desvantagens para certos grupos.

Em sentido parecido, outro conceito bastante útil é o de interseccionalidade, cunhado pela jurista e militante dos direitos humanos Kimberlé Crenshaw (2002). Sobre o conceito, ela nos diz que este “(...) busca capturar as consequências estruturais e dinâmicas da interação entre dois ou mais eixos da subordinação” (CRENSHAW, 2002, p.177). A partir da metáfora da intersecção, a autora propõe uma análise que leve em consideração o cruzamento de vários eixos de poder como o racismo, o patriarcalismo, a opressão de classe e outros sistemas discriminatórios. No entrecruzamento desses eixos, os grupos marginalizados, e, neste caso, as

¹² Disponível em: <https://www.dieese.org.br/outraspublicacoes/2021/trabalhoDomestico.html>. Acesso em: 17 de Fevereiro de 2023.

mulheres racializadas, estão sujeitas a serem atingidas pelo impacto dessas intersecções diante da vulnerabilidade e da desvantagem social em que estão imersas.

De modo geral, o conceito de consubstancialidade e de interseccionalidade têm em comum a não hierarquização das opressões. Segundo Hirata (2014), a categoria da interseccionalidade desenvolvida pela jurista Kimberlé Crenshaw oferece destaque para as intersecções da raça e do gênero, enquanto que a de consubstancialidade da socióloga Danièle Kergoat abrangeria classe, gênero e, posteriormente, também a categoria de raça. Embora os conceitos de consubstancialidade e interseccionalidade tenham em comum a articulação de categorias de opressão, é importante ater-se que suas teorias foram produzidas em campos distintos. O termo da consubstancialidade foi criado por Danièle Kergoat na França e trata o gênero, a classe e a raça imbricadas nas relações de trabalho. Já a interseccionalidade foi criada pela norte-americana Kimberlé Crenshaw, que busca interseccionar diferentes marcadores, focados na desumanização sofrida pelas mulheres racializadas.

Desse modo, o conceito da interseccionalidade é útil para oferecer tratamento analítico à questão da desumanização das empregadas domésticas, que, em sua maioria, são mulheres negras. Já a consubstancialidade contribui para a compreensão das relações de trabalho que são marcadas pela divisão sexual do trabalho.

1.4 Algumas transformações recentes no emprego doméstico

Apenas no ano de 2015 vieram a ser assegurados às trabalhadoras domésticas direitos constitucionais ao ser sancionada a Lei Complementar nº 150, referente à Emenda Constitucional 72/2013.¹³ Embora seja extremamente importante a garantia de amplos direitos para as trabalhadoras, alguns autores destacaram questões pertinentes em relação à efetividade prática dessa lei para as trabalhadoras domésticas.¹⁴ É o que apontam Girard-Nunes e Silva (2013) que discutem a distância daquilo que está prescrito na lei e o que ocorre de fato no cotidiano do trabalho doméstico. Os autores fazem uma importante problematização sobre como é moldada a relação empregado e empregador, marcada por submissão, hierarquia e afetividade, que podem dificultar a garantia, na prática, de valores estabelecidos em lei.

Mesmo diante das problematizações que podem ser suscitadas sobre a efetividade ou

¹³ A Lei Complementar nº 150, amplamente conhecida como PEC das Domésticas, teve como relatora a então deputada federal Benedita da Silva que também já foi empregada doméstica. Com a aprovação da PEC, passou a ser assegurado em lei aos empregados domésticos o seguro-desemprego, o adicional noturno, a indenização por demissão sem justa causa, o Fundo de Garantia do Tempo de Serviço (FGTS), o seguro contra acidentes de trabalho, entre outros direitos já garantidos aos demais trabalhadores.

¹⁴ Adota-se aqui o uso de trabalhadoras domésticas, no feminino, diante a predominância das mulheres na atividade.

não da lei, é importante frisar a visibilidade que o tema do trabalho doméstico passou a ganhar no espaço público após a aprovação da PEC das Domésticas. Em 2015, por exemplo, entra em cartaz nos cinemas de todo o Brasil o filme *Que Horas Ela Volta?*, dirigido por Anna Muylaert, que tinha como protagonista uma trabalhadora doméstica. Val, interpretada por Regina Casé, é uma migrante que deixa sua filha aos cuidados de parentes no Recife, a fim de trabalhar como empregada doméstica para uma família de classe média alta em São Paulo. Chega um momento em que sua filha, Jéssica, já está adulta, resolve ir para São Paulo prestar vestibular, hospedando-se na casa dos patrões de Val. Lá, passa a desafiar vários comportamentos impostos, mas não ditos no interior da casa. Jéssica não se conforma, por exemplo, com as distinções sutilmente impostas, como a de ter a separação entre o sorvete dos empregados e o dos patrões, ou com o fato de a mãe ter morado lá por tantos anos e nunca ter entrado na piscina da casa. De uma forma leve, mas com cenas que levantaram discussões na época, o filme, que conta com uma trabalhadora doméstica como protagonista e sua filha como aquela que passa em um dos vestibulares mais concorridos do país, entrou no imaginário da população brasileira, despertando sensibilidade para uma realidade de desigualdade já naturalizada.

No rol dessas discussões, em 2016, a hashtag *#euempregadadoméstica*¹⁵ no *Facebook* ganhou visibilidade na internet, através da qual mulheres podiam expor abusos e humilhações sofridos no exercício da ocupação de empregada doméstica. A hashtag, que logo se tornou uma página na rede social, foi criada pela historiadora e rapper Joyce Fernandes, que também já foi empregada doméstica. Sua iniciativa foi relevante ao tirar do silêncio uma realidade sofrida por tantas mulheres no interior das casas dos seus patrões. Ao tornar pública sua experiência de constrangimento na casa de seus patrões, Joyce Fernandes encorajou muitas outras mulheres a relatarem os abusos e preconceitos sofridos na ocupação de empregada doméstica. Além disso, tirando da invisibilidade essa realidade, foi possível intensificar o debate sobre os valores de desigualdade que persistem no interior das famílias de classe média e alta do país.

Em sua pesquisa de mestrado, o sociólogo Alexandre Fraga (2010) analisou as novas configurações do trabalho doméstico em estudo realizado no Rio de Janeiro.¹⁶ O autor observou

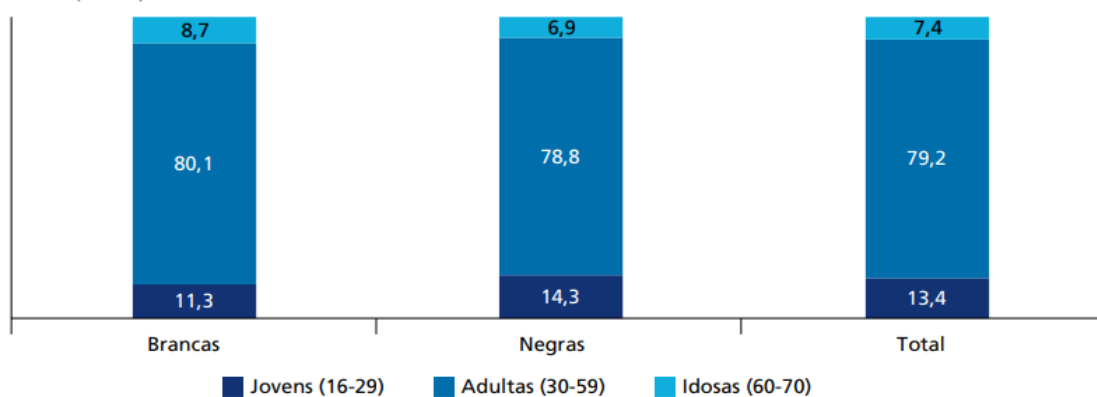
¹⁵ Disponível em: <https://emails.estadao.com.br/noticias/comportamento.euempregadadomestica-campanha-revela-abusos-sofridos-por-domesticas-em-servico,10000064191>. Acesso em: 17 de Fevereiro de 2023.

¹⁶ Fraga (2010) observou essas mudanças no cenário do serviço doméstico a partir de dados da Pnad de 1992 a 2008. Verificou algumas outras mudanças em curso, tais como a redução das trabalhadoras domésticas que residem no local de trabalho, aumento da formalização, a elevação da escolaridade das trabalhadoras, o envelhecimento da categoria e a diminuição da população feminina ocupada do serviço doméstico.

o aumento no número de diaristas, já que houve um crescimento na categoria desde os anos 2000, o que poderia indicar mudanças nas relações dos serviços domésticos no Brasil. Em sua análise, verificou diferenças existentes nas relações de trabalho entre as trabalhadoras domésticas polivalentes e as diaristas e chamou a atenção para a necessidade de uma melhor compreensão sobre as relações de trabalho das últimas.

Pinheiro et al (2019), a partir de dados da PNAD Contínua do IBGE de 2018, fazem uma interessante discussão sobre o trabalho doméstico remunerado. Apontam para o envelhecimento da categoria das trabalhadoras domésticas, elencando o aumento da escolaridade como fator importante. Chamam atenção para uma considerável diminuição da juventude no emprego doméstico, como é demonstrado no gráfico elaborado por elas:

GRÁFICO 5
Distribuição percentual da população feminina de 16 anos ou mais de idade ocupada em trabalho doméstico remunerado, por cor/raça e faixa etária – Brasil (2018)
 (Em %)



Fonte: PNAD Contínua/IBGE.
 Elaboração das autoras.

Gráfico retirado de: Texto para discussão 2528 Os desafios do passado no trabalho doméstico do século XXI: reflexões para o caso brasileiro a partir dos dados da PNAD contínua, p. 15. Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada - Brasília, novembro de 2019.

As autoras sugerem que o afastamento da juventude do trabalho doméstico é explicado pelo maior acesso à educação e a outras ocupações, como o serviço de telemarketing. Outros fatores que também contribuem para que muitas mulheres se distanciem desse tipo de trabalho é a não valorização do trabalho doméstico remunerado e o estigma que marca a ocupação, fazendo com que aquelas que têm a oportunidade busquem trabalhos menos estigmatizados e mais valorizados socialmente. Além disso, as autoras consideram o aumento da escolaridade que pode ter atingido as mulheres jovens devido à universalização do ensino fundamental e à política de cotas, bolsas e financiamento estudantil que possibilitaram uma maior democratização do ensino (Pinheiro et al, 2019).

Desse modo, longe de ser o fim de uma ocupação no Brasil, sobretudo para as mulheres, o emprego doméstico aparenta vir passando, entretanto, por algumas transformações

importantes. Seja no âmbito legal, diante da regulamentação do emprego doméstico em 2015, seja no perfil das pessoas que estão nessa ocupação. Isso demanda esforços de pesquisa para melhor compreender quais os impactos que essas novas configurações no mundo do emprego doméstico suscitam. No caso das trabalhadoras domésticas que são interlocutoras nesta pesquisa, verificou-se o investimento que despendiam na educação formal de suas filhas. Na expectativa de empregos menos precários e socialmente mais valorizados para a próxima geração familiar, a educação parece ser a estratégia traçada para conquistar a mobilidade social ascendente.

1.5 Uma geração experimenta mudanças sociais

Pensar a juventude no Brasil implica levar em consideração uma série de fatores que caracterizam esse grupo. Isso porque, para além de um critério etário que limita quem pertenceria ao grupo jovem, existem outros fatores que diferenciam esse grupo como a classe, a raça, a religião, a moradia entre outros, como alertou Groppo (2000), ao definir a juventude enquanto uma categoria social. Desse modo, a juventude pode ser bastante diversa considerando o seu contexto social, cultural e econômico.

De acordo com o Estatuto da Juventude do Brasil¹⁷, são consideradas jovens pessoas com idade entre 15 e 29 anos de idade. Nesta pesquisa, o grupo que se encaixa nesse critério etário são as filhas das trabalhadoras domésticas, já que a maioria delas correspondem a essa faixa etária. De um modo geral, são mulheres jovens que compartilham experiências a partir do gênero, da classe, da raça e, sobretudo, em relação às oportunidades no que diz respeito à educação e trabalho.

Algumas políticas públicas voltadas para a juventude foram implementadas ao longo dos anos 2000 e 2010 no Brasil. O Reuni¹⁸, por exemplo, foi um importante programa com ações voltadas para o acesso de mais pessoas ao ensino superior, sobretudo aquelas de baixa renda, uma vez que uma das características do programa era possibilitar a permanência dos estudantes nas universidades. Outra medida importante e que gerou impactos consideráveis no acesso da população pobre, negra e indígena do país às universidades, foi a Lei de Cotas¹⁹

¹⁷ Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2013/lei/112852.htm. Acesso em: 17 de Fevereiro de 2023.

¹⁸ O Reuni - Reestruturação e Expansão das Universidades Federais foi implantado pelo Decreto nº 6.096, em 24 de abril de 2007.

¹⁹ A Lei nº 12. 711, de 29 de agosto de 2012, conhecida como Lei de Cotas, passou a reservar 50% do total de vagas das instituições de ensino superior para estudantes de escolas públicas. Destes 50% são subdivididas metade para estudantes de escolas públicas com renda familiar bruta igual ou inferior a um salário mínimo e meio e a outra metade para estudantes de escolas públicas com renda familiar superior a um salário mínimo e meio. Nos dois casos, é levado em conta o percentual de pretos, pardos e indígenas no estado de acordo com o último censo do IBGE.

implementada em 2012. Ainda no bojo dessas medidas voltadas para a educação de nível superior, encontra-se o Prouni, o Sisu e o Fies. Com o Programa Universidade Para Todos - Prouni, implementado a partir da Lei nº 11.096 de 13 de janeiro de 2005, o Ministério da Educação (MEC) passou a conceder bolsas de estudo parciais e integrais em universidades privadas de todo o Brasil, através das notas dos estudantes obtidas no Exame Nacional do Ensino Médio, o ENEM. Já o Sistema de Seleção Unificada, o Sisu, possibilitou a utilização da nota dos estudantes nas provas do ENEM como forma de seleção para o ingresso nas universidades públicas. Importante realçar que, com essas mudanças, muitos estudantes do interior do país que não tinham condições financeiras de se deslocarem para realizarem as provas de vestibulares em outras localidades passaram a ter maiores possibilidades de ingressarem nas universidades. Além disso, em 2010 foi expandida a quantidade de bolsas do FIES (Fundo de Financiamento ao Estudante do Ensino Superior) que também teve taxas de juros reduzidas e um maior tempo para o formando quitar o financiamento.

Assim, esse conjunto de programas e políticas públicas impactou toda uma geração, sobretudo um grupo jovem das classes populares que veio a usufruir de maiores oportunidades de escolarização do que tiveram seus pais. Desse modo, esses jovens, ao serem beneficiados pela ampliação do acesso à educação, principalmente ao ensino superior, passaram a vislumbrar trajetórias profissionais distintas da geração de seus pais. Esse é o caso das filhas das trabalhadoras domésticas estudadas nesta pesquisa. Nesse sentido, a demógrafa Priscila Silva (2014) estudou, em sua dissertação de mestrado, a mobilidade intergeracional de ocupação das filhas de trabalhadoras domésticas nas grandes regiões brasileiras. A autora analisou dados da PNAD/IBGE de 2014, apontando que a maioria das filhas das trabalhadoras domésticas não desempenhavam as mesmas ocupações das suas mães, de modo a realizarem uma ascensão ocupacional e menor imobilidade. Observa-se, assim, uma mudança no cenário de possibilidades para a geração das filhas, ao mesmo tempo em que se operam mudanças no emprego doméstico, uma vez que parece haver uma interrupção (ou, ao menos, redução) da hereditariedade desse trabalho. O estudo de gerações, portanto, nos faz pensar as mudanças que decorrem no processo histórico e o modo como se refletem nos grupos sociais de uma maneira geral, mas também nas suas particularidades.

Um interessante estudo sobre relações intergeracionais é o da socióloga Kimi Tomizaki (2005), que pesquisou duas gerações de trabalhadores metalúrgicos no ABC paulista. A primeira geração estudada era formada por aqueles que foram jovens na década de 1970,

oriundos da migração e de origem rural, que alcançaram uma mobilidade ascendente em suas trajetórias. Já a segunda era formada por jovens metalúrgicos no final da década de 1990, muitas vezes filhos da geração anterior, que experimentaram um contexto de transformações e crises no mundo do trabalho. Dessa maneira, a autora analisou processos de continuidades e rupturas entre as duas gerações. Em relação à primeira, verificou que a maioria dos seus entrevistados desejavam que seus filhos trabalhassem na fábrica da Mercedes-Benz - a mesma onde eles haviam trabalhado. Em contrapartida, os filhos não almejavam seguir a trajetória profissional de seus pais e aspiravam abandonar a condição operária. A autora acredita que uma das coisas que alimentava o desejo dos pais de que os filhos dos metalúrgicos seguissem trajetórias operárias é a de avaliarem as pequenas chances de conseguirem uma ocupação melhor do que a deles. Essa análise dos pais impulsionava o investimento na escolarização formal e profissional dos filhos, a fim de garantir emprego na fábrica posteriormente.

De outra forma, apresenta-se, em minha pesquisa, as relações intergeracionais no que diz respeito ao tema do trabalho. Isso porque estudar trabalhadoras domésticas e suas filhas implica uma perspectiva que se atente para a questão do gênero e que ofereça um lugar particular para o caráter do trabalho doméstico. Dessa maneira, é importante levar em consideração que as garotas, por conta da sua socialização, mantêm, desde muito cedo, uma relação muito mais estreita com as atividades domésticas do que os garotos, o que acaba por construir um destino social muito particular e restrito para elas. Isso se apresenta em minha pesquisa quando as trabalhadoras domésticas relataram a preocupação de que as filhas não desempenhassem a ocupação de empregadas domésticas, ao mesmo tempo em que não demonstravam a mesma preocupação em relação aos filhos. Ou seja, há uma feminização do trabalho doméstico de tal maneira que esta acaba sendo uma ocupação destinada principalmente às mulheres pobres. Em vista disso, o investimento das mães na educação das filhas vem a ser o caminho que encontram para que não reproduzam a mesma trajetória profissional que a delas.

1.6 O debate sobre mobilidade social ao longo dos anos 2000

A persistente desigualdade de oportunidades no Brasil ao longo da sua história não permitiu que parcela importante da população ocupasse empregos formais, tivesse uma renda justa ou o acesso à educação. No entanto, é possível considerar períodos em que houve uma crescente na possibilidade de mobilidade social. É nesse sentido que Ribeiro (2012) aponta que o Brasil passou, desde a década de 1970 até o final dos anos 2010, por um processo de diversas transformações que impactaram nas tendências de mobilidade social e de desigualdade de oportunidades. O autor chama atenção e analisa o período de 1996 a 2010, marcado por

mudanças consideráveis na área econômica e social do país. Destacando o controle da inflação e a expansão da educação básica nos anos 1990 e a década de 2000 como aquela em que houve a retomada do crescimento econômico, Ribeiro (2012) sinaliza mudanças na desigualdade de oportunidades. Ao apresentar dados da PNAD entre 1996 e 2008 o autor verifica que, durante os governos de FHC e Lula, houve uma diminuição das desigualdades de oportunidades educacionais, fruto sobretudo da expansão educacional que aconteceu nesse período.

A partir desse contexto de maior possibilidade de mobilidade social no Brasil, a discussão sobre o tema ganhou destaque especial ao longo dos anos 2000, momento em que parte da população mais pobre do país experimentou um aumento no poder de consumo e uma maior escolarização. Barros et al (2010) analisaram o período de 2003-2007, em que houve uma significativa queda na pobreza e na extrema pobreza no Brasil. Apontam que 60% da queda de desigualdade na distribuição de renda deveu-se a melhorias na distribuição de renda derivada do trabalho por trabalhador, e 40% às transformações na distribuição de renda não derivada do trabalho (Barros et al, p.47, 2010). Em relação à melhoria da renda derivada do trabalho, a escolaridade constituiu um dos principais fatores que contribuíram para a queda da desigualdade de renda.

O maior poder de consumo das classes populares passou a ser debatido por intelectuais que procuravam compreender o fenômeno. Um dos principais expoentes desse debate foi o economista Marcelo Neri que nomeou o grupo em ascensão como “Nova classe média” (Neri, 2008). Para suas análises, o economista considerou principalmente o fator da renda. A partir de microdados de 2008 da Pesquisa Mensal do Emprego (PME/IBGE), Neri (2008) analisou a redução da desigualdade naquele período, sinalizando um aumento da classe C, entendida como classe média, sugerindo que houve, naquele momento, a emergência de uma nova classe média. O pesquisador acentua que, no ano de 2008, o que se destacava era a geração de renda do trabalho. Assim, o que o autor elenca como o fator mais representativo do surgimento de uma nova classe média foi o emprego com carteira assinada.

Apesar de ser um consenso entre os pesquisadores a diminuição da desigualdade de renda ao longo da década de 2000, assim como o aumento do rendimento e consumo do grupo de pessoas mais pobres, a interpretação sobre o contexto que se apresentava variava, principalmente em relação ao surgimento de uma nova classe, no caso, uma nova classe média, termo usado por Neri (2008) que rendeu críticas.

Diferentemente da perspectiva de Neri, que valorizava sobretudo os rendimentos e o poder de consumo para definir uma classe, outros pesquisadores enfatizaram diversos elementos para se compreender a classe. Scalon e Salata (2012), buscaram mensurar o

fenômeno da classe média a partir da observação de sua composição sócio-ocupacional. Utilizando-se de dados dos levantamentos da PNAD/IBGE dos anos de 2002 a 2009, os autores classificaram a classe média da seguinte maneira: profissionais e administradores, trabalhadores não-manuais de rotina, trabalhadores manuais qualificados, pequenos proprietários, trabalhadores manuais não qualificados e trabalhadores rurais. Com essa classificação, os autores analisam que os que mais se beneficiaram proporcionalmente do aumento de rendimentos foram as classes localizadas entre os trabalhadores manuais.

Enquanto, por exemplo, a renda média dos profissionais e administradores crescera 2,7%, entre 2002 e 2009, a dos trabalhadores manuais qualificados crescera 13,3%, a dos manuais não qualificados crescera 9,8%, e o crescimento da renda dos trabalhadores rurais ficara em 15%. (SCALON e SALATA, 2012, p.398)

Oferecendo foco à heterogeneidade da classe média, Scalon e Salata (2012) consideraram que, ao invés de se falar de uma nova classe média, seria mais apropriado ponderar sobre uma parcela da classe trabalhadora, que principalmente em relação aos seus rendimentos, estaria se aproximando dos setores mais baixos das classes médias.

Em outra perspectiva, Souza e Carvalhaes (2014) a partir de dados da PNAD de 2002 a 2011, sinalizam a mudança do perfil educacional da população ocupada remunerada. Os autores verificaram que “o percentual de indivíduos sem escolaridade ou apenas com o elementar incompleto caiu mais de 7 p.p., enquanto o de pessoas com ensino superior completo ou não cresceu 6,5 p.p (...)” (SOUZA e CARVALHAES, 2014, p. 113-114). Assim, apresentou-se, pela primeira vez, um maior número de pessoas com ensino superior completo ou incompleto do que aqueles sem escolaridade ou com o elementar incompleto.

A massiva mobilidade social ascendente que aconteceu no Brasil ao longo dos anos 2000 rendeu variadas pesquisas, além de atenção no debate público com a euforia de “nova classe média” (Neri, 2008). O aumento da renda da população mais pobre acompanhou uma maior escolarização desse mesmo grupo de pessoas. Esse conjunto de fatores somados apresentou um novo contexto na história do Brasil para uma geração sobretudo jovem.

A proposta desta pesquisa é compreender as percepções de mobilidade social das trabalhadoras domésticas que migraram entre o fim da década de 1960 e meados da década de 1990 e de suas filhas no contexto dos anos 2010 e 2020. Na tentativa de compreender a percepção dos sujeitos envolvidos em um processo de mudanças sociais, faz-se necessário o conhecimento da discussão de mobilidade social que permeou o debate público e acadêmico nos anos 2000 diante o aumento de renda de parte da população mais pobre. Desse modo, o

contexto dessa discussão é importante para uma melhor dimensão do período histórico e social de que as mulheres desta pesquisa fizeram parte, sobretudo da segunda geração.

2. A BUSCA POR MOBILIDADE SOCIAL ENTRE AS CLASSES POPULARES

Neste capítulo, são desenvolvidas duas trajetórias de gerações distintas de forma aprofundada. Através da trajetória de uma mãe e sua filha, discute-se sobre trabalho doméstico remunerado, migração, juventude e mobilidade social. É explorado ainda relatos de outras interlocutoras da pesquisa, abordando sobre suas experiências na busca por mobilidade social ascendente.

2.2 Sobre as narrativas e trajetórias

As trajetórias de vida que trabalho a seguir - mães e filhas - circunscrevem-se no contexto das classes populares que, em gerações distintas, buscaram e buscam melhores oportunidades, almejando alguma mobilidade social ascendente. Em um estudo da história de vida dessas mulheres, marco uma sucessão de episódios de suas vidas, privilegiando a narrativa dos próprios sujeitos, conforme a noção compreendida pelo sociólogo Howard Becker das histórias de vida como “um relato fiel da experiência e interpretação por parte do sujeito do mundo no qual vive” (BECKER, 1993, p.102). Dedico, assim, atenção especial à própria narrativa da pessoa, de modo a respeitar a interpretação do sujeito sobre sua experiência narrada, mas não deixando também de marcar os períodos contextuais importantes correspondentes. Embora as trajetórias analisadas a seguir sejam apresentadas cumprindo uma linearidade dos acontecimentos numa sequência cronológica da vida das interlocutoras, não se opera no sentido de estabelecer sentidos de causa e efeito, o que levaria a uma “ilusão biográfica” como chamou Bourdieu (1996). Para isso, busca-se não perder de vista os condicionantes estruturais impostos aos sujeitos que aqui têm suas trajetórias de vida analisadas.

Entre as entrevistas realizadas, selecionei para este capítulo a trajetória de uma trabalhadora doméstica e sua filha que suscitaram questões pertinentes a serem tratadas nesta pesquisa, como as transformações experimentadas de uma geração para outra no sentido das oportunidades de emprego e estudo para as classes populares. Além disso, esse par de trajetórias mostra-se interessante ao evidenciar as dificuldades enfrentadas por uma juventude que buscou uma escolaridade alongada a fim de acessar ocupações de maiores rendimentos e prestígio social. No seio dessa discussão, uma outra entrevista foi utilizada também para dialogar sobre essa realidade que assola os jovens. Utilizando dos relatos das interlocutoras desta pesquisa, buscou-se elucidar as percepções dos sujeitos sobre as suas condições sociais.

Nos relatos trazidos das interlocutoras desta pesquisa, buscou-se manter sua expressividade narrativa, de modo que seus relatos no texto não foram corrigidos para o português culto, garantindo assim a riqueza da oralidade dessas trabalhadoras. Inspirada na escritora Carolina Maria de Jesus, que narrou em *Quarto de Despejo: diário de uma favelada* (1960), suas próprias percepções sobre o cotidiano de muitas privações e miséria que vivia. Carolina Maria de Jesus foi uma mulher negra migrante como a maioria das interlocutoras desta pesquisa, trabalhou como empregada doméstica e, por muitos anos, como catadora de papel. Sua origem popular e a escassa formação formal, não impediu que suas percepções sobre o mundo desigual e injusto fossem reveladas na escrita para tantos leitores. Desse modo, trazendo a oralidade das minhas interlocutoras nesses relatos, busca-se garantir a expressividade narrativa delas, bem como garantir os sotaques e maneiras de falar das pessoas simples. Assim, caracteriza-se melhor essas pessoas ao trazer um pouco de seu mundo para o texto, a partir das marcas da sua oralidade.

2.3 A trajetória de Bete

Em Paramirim, cidade localizada no sertão baiano, encontrei Bete, que me recebeu na cozinha de sua casa. Ali, pela segunda vez,²⁰ pude ouvir a narrativa da sua história de vida. Bete é uma mulher negra de pele clara. Ela nasceu no ano de 1957 em Conceição, comunidade rural pertencente ao município de Paramirim, na Bahia, onde viveu parte de sua infância. Bete era a quarta filha de nove irmãos, sendo, ao total, seis mulheres e três homens. Aos seus oito anos de idade, era familiarizada com as atividades domésticas, já sabendo lavar roupa, buscar água e fazer comida, tarefas atribuídas por sua mãe, que precisava de tempo para o trabalho na roça. Consultando as horas diante a posição do sol, Bete conferia se já estava no horário de iniciar o almoço e subia em um banquinho para preparar a comida para a sua família. Conta que, como era "maiorzinha", ficava em casa para tomar conta dos irmãos mais novos enquanto aqueles que eram mais velhos seguiam para o trabalho na roça. Aos nove anos de idade, trabalhou na colheita do feijão, do milho e do algodão, sendo essa a dinâmica para a divisão do trabalho em sua família: conforme os irmãos - tanto as meninas quanto os meninos - iam crescendo, passavam também a lidar com a colheita na lavoura enquanto que o trabalho doméstico era tarefa designada às mulheres do núcleo familiar, divididas entre Bete, sua mãe e suas irmãs. Já seu pai se restringia ao trabalho na roça, seja prestando trabalho na terra de outras pessoas na comunidade ou na própria terra, além de ter ido para São Paulo trabalhar na colheita da manga.

²⁰ Bete foi também uma das minhas interlocutoras para a pesquisa de monografia com o título *Trabalho Doméstico e Migração: um estudo de trajetórias femininas nos deslocamentos entre o sertão da Bahia e São Paulo* (2018).

É na zona rural ainda que Bete realizou toda a formação escolar a que teve acesso, tendo cursado apenas as primeiras séries do ensino fundamental. Conta que a escola era distante, localizada em uma comunidade rural vizinha chamada Sobradinho, o que rendia-lhe uma longa caminhada que fazia em companhia de seus irmãos. Lembra que era um "tempo esquisito", pois a estrada era temida pela presença de "vacas loucas" o que preocupava os pais em deixar os filhos percorrerem caminhos tão longos para estudar, por exemplo. Além disso, relata que a professora da escola morava na cidade e não mantinha uma regularidade em relação aos dias em que lecionava na zona rural. Muitas vezes, Bete e seus colegas chegavam na escola cansados da caminhada e descobriam que não teriam aulas, o que acabou a desmotivando a prosseguir nos estudos. Nessa fase de sua vida, Bete relata o hábito de ficar na estrada perto de casa com seus colegas riscando o chão. É em um desses momentos de brincadeiras que um fazendeiro conhecido da região, que tinha costume de passar por ali e beber água em sua casa, começou a convidá-la para morar em Salvador para "brincar com os seus filhos". Com a permissão de sua mãe, aos dez anos de idade,²¹ Bete seguiu então para a capital baiana, onde trabalhou por um ano e meio cuidando das crianças do fazendeiro e realizando as atividades domésticas da casa.

Em Salvador, conta que sentiu muita saudade de sua mãe e decidiu retornar para a sua comunidade no interior baiano. Para a sua surpresa, não encontrou seus pais que, devido à seca daquele período, haviam migrado para Fernandópolis, interior de São Paulo, em busca de melhores condições de vida. Procurou então pessoas próximas ali que fariam a viagem para o estado de São Paulo e encontrou um conhecido de sua família que iria para Jundiaí-SP. Em companhia deste homem seguiu viagem para a cidade de Jundiaí e conta que logo seus pais com três de seus irmãos foram lhe buscar. Em seguida, deslocou-se para Santo André, para ficar na companhia de seu irmão, José. Lá ela cozinhava e preparava as marmitas do seu irmão e dos outros rapazes que moravam na casa. Em 1969, começou a trabalhar em uma fábrica de fiação, em uma jornada que ia de duas da tarde às dez da noite. Nesta fábrica, permaneceu trabalhando por um período de seis meses, ao que se seguiu o trabalho em um frigorífico por sete meses, onde realizava a limpeza do local. Conta que, após o casamento do seu irmão, mudou-se para a capital paulista para trabalhar em uma casa no bairro da Pompéia, zona oeste da cidade, como empregada doméstica, onde permaneceu por quinze anos. Com a sua patroa, a Dona Vera, personagem lembrado constantemente em sua narrativa, teve uma relação agradável de muito aprendizado e acolhida. Bete preza por contar a quantidade de coisas que aprendeu com a sua

²¹ Quando pergunto à Bete sobre o ano em que ela foi para Salvador, ela não diz não se recordar, mas relata que se recorda ter, naquele momento 10 anos de idade, o que nos leva a deduzir que seria o ano de 1967.

patroa, listando uma série de atividades domésticas que aprendeu com ela, como passar, dobrar e guardar roupas, a limpeza de uma cozinha bem feita, entre outros hábitos de limpeza que ela trouxe para o seu próprio lar posteriormente.

No decorrer de sua narrativa, Bete destaca as vantagens que encontrava naquele momento em trabalhar como doméstica. A escassez experimentada por minha interlocutora ao longo de sua vida, sobretudo na infância, no que se refere à alimentação e às condições de moradia, levava Bete a um certo entusiasmo em trabalhar e morar num local onde o básico era-lhe garantido. As condições materiais que eram oferecidas no emprego doméstico, em relação ao que havia sido experimentado até então em sua vida, se apresentavam como mais confortáveis. É comparando a situação vivida em São Paulo como doméstica com a sua situação social de origem na Bahia que Bete descreve as condições em que viveu parte de sua vida no interior baiano:

B: Agora na época que eu trabalhei, que a sua mãe trabalhou, Vanessa trabalhou, era assim. Era! Era mais sofrido, mais... sei lá! Ninguém não dá nem pra falar as hora, né?! De tanto sofrimento que era! E pra nós era, vixi, nossa! Era uma... nossa! Era mil maravilha! (risada)

L: Por que? Como assim?

B: É porque quando a pessoa não tem aquele conforto, quando ocê chega num negócio assim você vê que você fica à vontade, cê ganhar seu dinheiro, cê luta pra você ganhar, então! Ocê morar numa roça, não tinha água, não tinha luz.

L: Você achava mais confortável?

B: Era! Onde nós morava não tinha água, não tinha luz, pegava água ni tanco, aquele sofrimento, era de lata. Então cê chega num lugar desse, cê vê água encanada e luz tudo então parece que cê vivi mil maravilha! Agora pra nós, hoje que não acha! Hoje que não dá valor! Porque na roça tudo tem, mas de primeiro o pessoal dava muito valor! Ixi! Era um valor enorme! Ali era um paraíso! (risada)

Minha interlocutora, a partir de um processo de recuperação de uma memória de um período carregado de dificuldades e sofrimentos, traça uma comparação com uma experiência que, naquele momento, lhe pareceu mais confortável, fazendo, portanto, uma análise positiva de sua experiência como trabalhadora doméstica. Por outro lado, embora reconheça as vantagens que visualizava no emprego doméstico, não deixa de ponderar a respeito das dificuldades, como o fato de ser um trabalho degradante:

Era perfum, desodorante, móde, tudo ela [a patroa] comprava! Tudo! era uma coisa assim que quando ieu... se eu morasse na roça, eu não tinha, entendeu? Ela mesmo falava: “Bete, eu vou fazer supermercado, cê quer fazer a listinha?

Cê vê o que cê quer” Eu já falava: “eu quero desodorante, quero móde”. Ixi, eu falava, tinha vez que eu falava que era shampoo, quero condicionador, tudo ela trazia, tudo na conta dela. Então, se eu morasse na roça ieu não tinha como ganhar pra mim comprar isso aí, entendeu? Ieu agradeço a Deus! Pois como eu vou falar que uma pessoa dessa é ruim? Ieu não vou falar que é ruim! Tendeu? Trabalhei lá muitos anos. É sofrido, falar a verdade, porque quem trabaia em casa de família, minha fia, às vezes você não tá nem bem de saúde. Procura sua mãe! Às vezes, cê não tá nem bem de saúde, cê tem que trabalhar! Às vezes, cê tá com uma cólica, ocê num guenta trabalhar, assim, esforçar! Eu lavava o quintal também, então, às vez cê tá com cólica, lavar aquele quintal com aquele frio, sabe? Aquela coisa, sabe? Às vezes, aquele produto forte! Eu sei que tá ganhando dinheiro, cê tá trabalhando, cê tem que trabaia! É sofrido! Hoje... eu trabaiei na casa dessa mulher 15 ano, minha fia.

Ao trazer em sua narrativa as dores enfrentadas nesse tipo de trabalho em relação ao cansaço, minha interlocutora aborda também o fato de morar no local de trabalho, o que dificultava, por exemplo, uma separação entre o período e o espaço do descanso e o período e o espaço do trabalho, já que, nesse caso, se confundiam. Ao narrar as dificuldades enfrentadas, logo lembra de sua filha, a qual não deseja que herde este tipo de trabalho:

É! Era desse jeito! Ó, bichinha, casa de família... ieu falei assim, eu sempre falo. Ieu não vou falar não porque se eu começar falar, água cai. Eu falo, tomara que Betânia nunca passa perto! Pedi pra Deus todos os dias. E graças à Deus minha fia não passa! Porque é uma coisa assim que ocê trabalha, que nem tem caso, se ocê tá no trabalho e ocê não tá sentindo bem, cê sai pá ir embora e casa de família se você morar lá assim, que nem nós morava? Ah, fi, cê tem que trabalhar! Cê tem que tomar um remédo agora, mais tarde cê tem que entrar na cozinha.

A questão da migração, do trabalho e da família sempre estiveram relacionados na vida de Bete. Nos primeiros trabalhos que teve em Salvador e depois em São Paulo - ainda menor de idade - e depois durante os quinze anos trabalhados na casa de Dona Vera, relata que, em todos esses momentos, reservava um dinheiro que mandava para a sua mãe. Embora sentisse muita saudade da mãe, conta que o que a motivava a permanecer em São Paulo ao longo desse período era a remuneração que era superior a do interior e que lhe garantiria dar uma casa boa para sua mãe. Ela narra que tinha muita vontade de construir uma casa melhor para seus pais que moravam na zona rural da cidade, pois a casa era bastante simples, de “varinha”. Com o trabalho de doméstica em São Paulo em conjunto com suas duas irmãs, que também trabalhavam como domésticas, conseguiu construir uma casa de tijolos na zona rural para seus pais. Conta que ajudava a sua mãe também nas passagens para São Paulo, quando precisava fazer algum exame na capital paulista, pois sua mãe tinha algumas doenças que necessitavam de tratamento. Com o seu salário, conta que ajudou muito nesses cuidados de saúde.

Se morar em São Paulo restringia a maior parte de seu tempo aos cuidados da casa de Dona Vera, era nos fins de semana que Bete encontrava tempo para a dimensão do lazer. Conta que, aos finais de semana, ia, às vezes, para Jundiaí visitar parentes e amigos ou saía com suas colegas para os “pagodes de samba” na Lapa, onde se divertia. Quando chegava o momento de retornar para casa, suas colegas a acompanhavam ficando com ela no seu quartinho localizado aos fundos da casa de seus patrões. Este quarto, segundo ela, era grande, com banheiro, beliche, televisão, e destaca que não era abafado, o que a permitia ficar à vontade. Dormindo até tarde no domingo e assistindo televisão com as suas colegas, relata que, ao fim do dia, seus patrões chegavam, pediam pizza e jantavam na sala de jantar. Ao terminarem a refeição, sua patroa a chamava para se servir junto com as suas colegas:

Minha fia, quando elas acabava de comer tudo, sabe o que ela fazia? Falar pra você como era bom. Ela falava: “Bete, cê não quer tomar lanche, não? Nós compramos pizza, sobrou bastante! Ainda cê vai comer, ainda vai sobrar pra amanhã se quiser comer. Se quiser comer amanhã no café da manhã.”

É nesse sentido que enfatiza a atitude da patroa de não se importar com a presença de suas colegas no quartinho nos finais semana, tampouco de pessoas de sua família. Inclusive, era incentivada por sua patroa a trazer seus familiares para passarem meses ali, caso fosse necessário, e que sua patroa não era mesquinha com a comida da casa. No entanto, Bete entende essa sua atitude também como uma forma de segurá-la no emprego, já que, com frequência, dizia que Bete era uma pessoa de confiança. Além disso, menciona também o apreço que sua patroa tinha por ela, o qual era reforçado pelo fato de que Bete nunca recusava acompanhar, a trabalho, as viagens da família. Lembra que seus patrões, a Dona Vera, advogada aposentada na época e Seu Geraldo, dono de uma imobiliária em São Paulo, viajavam com frequência. Acompanhando seus patrões nessas viagens, recebia a remuneração em dobro, e é poupando esse dinheiro que Bete consegue, anos depois, comprar a sua casa em Paramirim.

Aqui eu falei assim, esse dinheiro é sagrado que ieu trabaiei tanto, tanto naquela pedra daquela pia e fazendo tudo, queimando lá naquele fogão. Não vou gastar! E tirava aquele dinheiro assim, botava direto na poupança.

Foi em conjunto com suas duas irmãs, mais uma vez, que Bete planejou fazer uma economia para comprar uma casa em Paramirim. Assim, quando a sua mãe, que morava na zona rural, precisasse consultar o médico, teria um local para se acomodar na cidade. É sobretudo com a remuneração que recebia a partir do trabalho nas viagens em família da Dona Vera que

Bete consegue reservar uma soma em dinheiro, permitindo a compra de uma casa com duas de suas irmãs. Conta que a maior parte do investimento foi realizada por ela. Decidiram ainda entre elas que aquela que tivesse mais condições compraria, posteriormente, a parte das outras. Bete, naquela época, ficou com a responsabilidade de fazer a escritura da casa adquirida, o que demandava fazer uma viagem à Bahia, sendo essa a ocasião em que ela conheceu o seu atual esposo. Realizando as burocracias pendentes para a compra da casa, retornou para São Paulo, onde trabalhou por mais cinco meses até que decidiu pedir as contas à sua patroa, que relutou em acreditar que ela estava deixando o emprego. Para a tomada dessa decisão, conta da importância que teve a outra empregada que trabalhava na casa de Dona Vera, a Luíza.²² Conta que Luíza a incentivou a voltar para a Bahia, uma vez que tinha conhecido seu marido, realçando que ela poderia formar uma família, algo que seria difícil ela conseguir morando na casa dos patrões em São Paulo. Além disso, ela realçou a questão da idade, tanto no sentido de conseguir se casar e formar uma família, quanto na questão do envelhecimento da empregada doméstica que, com a idade, vai perdendo o valor para a patroa.

Retornando à Bahia em 1992, casou-se em janeiro de 1993 e, ainda naquele ano, teve a sua primeira filha, Betânia. No ano seguinte, engravidou novamente e tem o seu segundo filho, dessa vez um menino, Antônio. Conta que, nos três primeiros anos do casamento, morou com os sogros na zona rural, até que conversou com suas duas irmãs, com as quais havia comprado a casa em conjunto na cidade, e vendeu sua parte para uma delas. Com esse valor, comprou uma casa a fim de morar com a sua família em Paramirim. Mudando-se para a cidade, seu marido conseguiu um emprego para trabalhar na construção da barragem do município de Paramirim. Já ela, nesse período, ficou restrita aos cuidados dos filhos, pois não encontrou emprego na cidade. Por motivos de saúde, resolveu ir para São Paulo em 1997, deixando seus filhos ainda pequenos aos cuidados de sua sogra. Após sete meses na capital paulista, onde realizou o tratamento de saúde, retornou para Paramirim, mas, em 2001, decidiu voltar novamente a São Paulo. Dessa vez, a motivação era financeira, devido à falta de oportunidade de emprego na cidade. Além disso, a construção da barragem onde seu marido trabalhava já havia finalizado e seu marido também encontrava-se desempregado. Chegando na capital paulista, trabalhou por oito meses para a patroa de sua irmã.²³ Lembra que, nessa época, sofreu muito com a saudade dos filhos que haviam ficado na Bahia ainda muito pequenos.

²² Enquanto Bete era responsável pela cozinha, manutenção da copa e passar as roupas, Luíza cuidava da limpeza da casa no geral. Bete conta que Luíza, na época, já era mais velha e contava quarenta e dois anos de serviço na casa de Dona Vera.

²³ Nesse momento Bete trabalhou para a patroa de sua irmã (trabalhadora doméstica) em um pequeno negócio, onde realizava atividades manuais como o tingimento de fitas para presentes.

Narra que sua patroa, vendo o seu sofrimento diante da saudade que sentia de seus filhos, a aconselhou a montar uma barraca na cidade para vender frutas, incentivo que ela conta como fundamental em sua trajetória de vida e descreve com muita gratidão, pois foi com essa orientação e estímulo de sua patroa da época que resolve voltar para a Bahia e lá montar uma barraca de comida. Com o dinheiro adquirido ao longo dos oito meses trabalhados na capital paulista, compra o fogão e o botijão de gás para montar uma barraca de comida na feira que havia na cidade aos sábados.

Aí botei a barraca de comida. Moça, se eu soubesse eu tinha botado ó... tempão! Porque pra mim o que eu botava, eu vendia na barraca. Tudo que eu botava, vendia. Tive muita sorte, graças a Deus! Agradeço a Deus toda hora!

E se eu soubesse que é assim ieu não tinha deixado meus fi piqueno. Eu tinha ido, eu tinha montado o negócio assim, que nem ela me ensinou.

O êxito que obteve no trabalho com a barraca de comida na feira, onde trabalhou por mais de oito anos, é narrada com entusiasmo. Hoje, já aposentada, Bete conta que só parou o trabalho na feira por não poder contar mais com a ajuda da família para a manutenção da barraca, já que os filhos atualmente se encontram em São Paulo. Além disso, seu marido não tem tempo disponível para auxiliá-la, já que ocupa-se atualmente de atividades na zona rural. Caso contrário, destaca que continuaria trabalhando na feira, pois era um trabalho que gostava de realizar. Atualmente vive do seu rendimento da aposentadoria na cidade de Paramirim em companhia de seu marido. Ele ainda não se aposentou e segue trabalhando na roça ao longo do dia e retornando no fim da tarde para a cidade.

Com seus filhos hoje morando em São Paulo devido ao trabalho, relata sentir muita saudade, mas que se enche de alegria por terem conseguido estudar. Ambos realizaram o ensino básico na cidade de Paramirim e depois migraram para São Paulo a fim de trabalharem e estudarem. O seu filho, Antônio, realizou curso técnico em mecânica e trabalha em São Paulo, morando já com sua companheira e filha. Já a irmã, em um primeiro momento trabalhou e realizou cursinho pré-vestibular em São Paulo e depois, sendo aprovada pelo processo do SISU, foi para o Rio de Janeiro cursar Biologia na UFRRJ. É sobre sua trajetória que iremos nos debruçar a seguir.

2.4 Betânia, a filha de Bete

Betânia é uma mulher negra de pele clara que contava, na ocasião da entrevista, com 28 anos de idade. Nascida e criada na cidade de Paramirim, na Bahia, atualmente reside na cidade de São Paulo. Para a entrevista, nos encontramos na mesma casa onde conversei com Bete, sua

mãe. Em janeiro de 2022 ela se encontrava ali em Paramirim, passando suas férias, depois de um período de quase dois anos em que não encontrava seus pais devido à pandemia de Covid-19. Na sala da casa onde cresceu, conversamos sobre sua trajetória depois de um mês que havia realizado a entrevista com sua mãe. Ali, ela me contou um pouco de sua infância e sobretudo sua trajetória escolar, trazendo relatos em sua narrativa que, muitas vezes, ia ao encontro com situações já relatadas por sua mãe.

Quando peço para contar sobre sua infância, logo resgata as memórias sobre o período em que sua mãe foi para São Paulo para trabalhar e ela e seu irmão ficaram aos cuidados do pai e de outros familiares próximos, como a avó, tias e primas. Lembra especialmente de uma prima, pouco mais velha que ela, que tomava conta dela e de seu irmão enquanto seu pai ia para o trabalho na roça. Conta que esses momentos foram muito difíceis, pois ainda era muito pequena e sentia muita falta de sua mãe, aliviando a saudade apenas nos dias de domingo, quando seu pai a levava, junto com seu irmão, ao orelhão da cidade para falar com ela, e recorda de serem momentos em que chorava muito. Inclusive, aponta que tem mais lembranças da segunda vez que sua mãe foi para São Paulo, quando já contava com oito anos, pois, da primeira vez, ainda era muito pequena e não tem tantas memórias. Lembra que, desta segunda vez, quando sua mãe retornou, sabia que ela não voltaria mais para a capital paulista.

Com o retorno de sua mãe de São Paulo, iniciou-se, em 2002, o empreendimento da barraca de comida na feira aos sábados. Aos poucos, Betânia passou a auxiliar a mãe lavando louça, fazendo saladas e cobrando os pratos, e lembra que, nessa época que passou a ajudar a mãe, estava na sexta série. Quando pergunto quanto tempo ficou auxiliando sua mãe na barraca da feira, remete a sua trajetória escolar, afirmando que foi até a sua formatura no ensino médio, quando foi para São Paulo a fim de trabalhar. Pergunto também se chegou a trabalhar enquanto cursava o ensino básico, além de ter ajudado a sua mãe na barraca, o que ela me responde:

“Você só vai estudar. Não precisa... só me ajuda na feira.” Eu só ajudava na feira. Aí nunca trabalhei assim, eu tinha amigas que trabalhava de babá, alguma loja assim, mas eu nunca... nunca procurei porque minha mãe sempre falava “ah, não precisa trabalhar não, só estuda e me ajuda no sábado”, aí ela me dava um trocadinho.

Embora Betânia não tenha trabalhado durante o período em que realizava o seu ensino básico, conta de seu irmão, que trabalhava nos finais de semana - sexta, sábado e domingo - frisando que isso ocorria apenas nos fins de semana, pois, se fosse durante a semana, sua mãe não permitiria, uma vez que os estudos eram a prioridade na vida deles. Ao longo de sua trajetória escolar, Betânia relata ter sentido muita dificuldade com matemática e sua mãe, atenta

à vida escolar dos filhos, logo passou a pagar um reforço da matéria quando notou a dificuldade da filha com a disciplina, o que ajudou bastante em seu desempenho, lembra Betânia.

Realizando todo o seu ensino básico na rede pública de ensino, Betânia concluiu o ensino médio em 2010. Quando lhe perguntei quais eram seus planos após o ensino médio, Betânia relata sobre a sua expectativa em relação a São Paulo, muito ligada à sua memória de, com frequência, ver suas tias indo para a capital paulista. Além disso, conta que as pessoas próximas no geral a indagavam se iria ficar com suas tias em São Paulo após a conclusão dos estudos em Paramirim. No último ano do ensino médio, quando os professores passaram a incentivar os alunos sobre as provas de vestibulares e do ENEM, Betânia passou a focar mais nos estudos. Finalizando o ensino médio, deu aulas de reforço durante seis meses em casa até que, em meados de 2011, surgiu uma oportunidade para Betânia trabalhar em um mercado de uma de suas tias em São Paulo, onde passou a trabalhar como operadora de caixa no período da tarde e a frequentar o cursinho pré-vestibular pela manhã.

No fim do ano de 2011, prestou o ENEM e fez as inscrições no SISU para os cursos que desejava em universidades variadas. Uma delas foi a Universidade Federal de Uberlândia, a UFU, onde depois descobriu que havia sido aprovada, mas já com atraso, o que a fez perder a vaga. Conta que, nesse dia, chorou muito, mas prosseguiu, em 2012, nos estudos no cursinho, conciliando com o trabalho. Em meados desse mesmo ano, foi contemplada com uma bolsa pelo Prouni para o curso de Nutrição em uma universidade privada na cidade de São Paulo. Já estava certa de que iria fazer o curso até que viu que tinha sido aprovada na Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, a UFRRJ. Lembra que, no cursinho, ouvia muitas pessoas mencionarem que as universidades federais eram melhores, o que a motivou a optar por se matricular na UFRRJ, em Seropédica, no Rio de Janeiro. No ingresso na universidade, Betânia utilizou das cotas socioeconômica e aquelas destinadas a alunos de escola pública.

Betânia pediu demissão do emprego e, em Paramirim, aguardou por quase seis meses o início das aulas, que só vieram a começar no início de 2013, por conta da greve das universidades federais naquela época. Como não conhecia o Rio de Janeiro, sua mãe resolveu acompanhá-la na viagem. De ônibus, as duas estranharam tudo, principalmente por não terem conhecidos que pudessem orientá-las na cidade. Chegando na universidade, no mesmo dia resolveu a questão da moradia e se acomodou no alojamento universitário, onde já tinha adquirido sua vaga, sendo bem acolhida pelos estudantes que ali viviam. Sua mãe permaneceu com ela por uns quatro dias, até que ela pudesse se instalar, e depois foi embora de ônibus para Paramirim. Betânia continuou na moradia estudantil durante os cinco anos de sua graduação em Ciências Biológicas e lembra ter sido difícil, pois dividia o quarto com mais seis pessoas,

experiência nova e desafiadora para ela até então. No entanto, destaca que foi uma boa experiência no sentido de aprender a conviver com pessoas diversas.

Embora desejasse trabalhar no período da faculdade, o fato de cursar a graduação em período integral a impedia, então sua permanência na universidade foi garantida com ajuda financeira de seus pais, somada às bolsas de permanência às quais teve acesso, como a de alimentação no restaurante universitário e a moradia estudantil. Contou ainda, por um período de pouco mais de um ano, com uma bolsa de iniciação científica da FAPERJ (Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro), período em que não precisou do auxílio financeiro dos pais. Sendo a pesquisa uma experiência agradável ao longo de sua graduação, chegou a apresentar seus resultados em um congresso em Águas de Lindóia, em São Paulo. Após concluir a graduação, conta que pretendia seguir na carreira de pesquisa, mas, como não passou nos primeiros processos seletivos que tentou, acabou ficando desmotivada.

Finalizando a graduação em 2016, Betânia voltou para Paramirim por não encontrar “nenhum Norte”, o que significava não ter encontrado um emprego ou oportunidade após sua formatura. Relata ainda a realização de provas de concursos antes mesmo do retorno para cidade, nas quais não obteve êxito naquele momento. Desse modo, ficou na casa de seus pais estudando por um período de seis meses até que uma tia que trabalhava como diarista em São Paulo a convidou para morar em sua casa, na aposta de haver mais oportunidades na cidade grande. No ano de 2018, já em São Paulo, tenta um processo seletivo para mestrado no qual não é aprovada, o que a desanimou, passando então a distribuir currículos para diferentes áreas, embora almejasse um trabalho em sua área de formação. No ano seguinte, conseguiu emprego como atendente de balcão em uma farmácia onde segue trabalhando desde então. Nesse período, realizou uma pós-graduação particular em Análises Clínicas e tem distribuído currículos na expectativa de ser chamada para trabalhar na sua área. Relata o cansaço diante a rotina de trabalho ser de segunda a segunda, com apenas uma folga na semana, e segue fazendo cursos online a fim de aperfeiçoar sua formação, chegando também a considerar fazer uma segunda graduação.

2.5 A não hereditariedade do emprego doméstico

Quando Bete conta sobre sua mudança para Salvador, aos dez anos de idade, apresenta de uma forma quase lúdica o início da sua trajetória no emprego doméstico, que se deu a partir do convite de um fazendeiro para *brincar* com seus filhos em Salvador.²⁴ Nesse sentido, Peralva

²⁴ Esse tipo de situação em que meninas pobres vão morar com famílias de classe média exercendo tarefas domésticas e de cuidado, muitas vezes, sem remuneração, foi e ainda é muito comum no Brasil. Uma outra interlocutora desta pesquisa, Nelma, por exemplo, relata essa experiência em sua trajetória. Aos 11 anos de idade

(1997) ao abordar sobre a definição da infância enquanto fase da vida, menciona Ariès (1973) sobre a infância como uma noção da Modernidade, sendo nesse momento histórico que se passou a considerar a infância enquanto uma categoria para organizar a sociedade. Com a escolarização separando os seres em formação dos seres adultos, a criança passou a ganhar, a partir de então, uma atenção voltada para a sua educação. Essa noção moderna, no entanto, não é encontrada nessa trajetória, o que nos leva a notar uma experiência de infância que vai em outro sentido, voltada ao trabalho e quase nenhuma escolaridade.

São o trabalho doméstico e a migração, então, que apareceram muito cedo na vida de Bete e que acabaram sendo elementos centrais na sua trajetória de busca por melhores condições de vida. Assim como é apresentado no estudo sobre migração da antropóloga Eunice Durham (1978), a orientação da família é fundamental no processo de saída do mundo rural para sua integração no espaço urbano. Nesse sentido, o segundo deslocamento realizado por Bete, dessa vez para São Paulo, foi amparado em uma noção de projeto familiar, uma vez que, chegando na nova cidade, tinha pessoas com quem contar, no caso, seus irmãos. Ao mesmo tempo, passa a manter uma obrigação com sua mãe, que retornou para a Bahia e contava com sua ajuda financeira.

Sarti (2005) ao estudar famílias pobres, traz a análise de que a noção de família para esse grupo social é definida a partir de uma obrigação moral que estrutura as relações. No caso da migração de Bete, a família esteve presente em diferentes momentos, fortalecendo laços entre seus membros a partir do estabelecimento de redes. Estas estavam presentes tanto no local de origem quanto no de destino. Embora essas redes não se caracterizassem mais pelo vínculo original da zona rural na Bahia, se expandiu numa obrigação moral da ajuda mútua, ainda que distantes uns dos outros. Nesse sentido, Bete, ao prestar auxílio financeiro para sua mãe que permanecia morando na Bahia, garantiu a reprodução daqueles que não migraram, práticas também encontradas em pesquisas sobre migração, como a de Woortmann (1990) sobre sítiantes em Sergipe. Nesse caso, o autor considera que, naquele contexto estudado, o processo da migração estava relacionado à permanência dos camponeses em sua terra, de modo que a migração poderia ser considerada uma prática na reprodução camponesa.

É interessante frisar que a migração de Bete foi orientada para o trabalho e, em especial, para a ocupação no emprego doméstico. Assim, enquanto uma mulher migrante, se estabeleceu

saiu da zona rural da casa dos seus pais e foi para a cidade de Paramirim morar em uma casa onde desempenhava atividades domésticas sem remuneração. Após oito anos nessa casa, Nelma decidiu ir para São Paulo ainda que sua patroa resistisse e insistisse para que ficasse em sua casa. A trajetória de Nelma foi explorada com mais detalhes em artigo publicado na Revista da ABET em 2017. Ver Leão (2017).

na cidade de São Paulo em busca de melhores condições de vida. Enquanto trabalhadora doméstica, conseguiu ajudar financeiramente a sua mãe e poupar dinheiro suficiente para que, em conjunto com suas irmãs (também trabalhadoras domésticas), conquistasse uma casa na cidade de origem na Bahia. Antes disso, ela conta (já em uma segunda entrevista para esta pesquisa) que, em conjunto com suas irmãs, construiu uma outra casa para a sua mãe na zona rural na Bahia. Conta que a antiga casa era bem "mixuruca", com o dinheiro adquirido de seu trabalho em São Paulo e em conjunto com as suas irmãs, conseguiu finalmente construir uma primeira casa de tijolos. A construção dessas duas casas para sua mãe foi muito significativa para Bete. Aliás, quando lhe pergunto sobre o principal fator que a motivava a permanecer em São Paulo, ela remete a remuneração que recebia e a vontade que tinha de dar uma casa boa para a sua mãe.

A maneira que ela entende sua melhoria de vida se expressa quando menciona as condições de vida que experimentou na casa onde trabalhou, que oferecia um conforto do qual não desfrutava antes. Destaca o conforto no sentido do acesso à luz elétrica, à água encanada, à televisão, coisas que não tinha no interior baiano. Lembra de itens básicos de higiene pessoal a que tinha acesso enquanto trabalhadora doméstica e que não teria se permanecesse na zona rural, já que não teria dinheiro para comprá-los. Destaca ainda a variedade de alimentos que passou a desfrutar em relação à alimentação que tinha durante a infância. Uma série de itens básicos de consumo, que, em sua condição de origem, eram escassos, são lidos por ela no presente como uma melhoria de vida. Podemos considerar, portanto, principalmente diante da percepção que a interlocutora nos apresenta, que houve uma certa melhoria de vida ao longo da sua trajetória, sobretudo no período em que trabalhou como empregada doméstica em São Paulo.

Vale destacar, a dimensão negativa que o emprego doméstico possui no Brasil explicado pela história desse trabalho no país, ligado ao passado escravocrata e às características desse período, que persistem ainda nos dias atuais.²⁵ As privações e humilhações que as mulheres que se ocupam desse trabalho passam são conhecidas e cada vez mais problematizadas. No entanto, na trajetória aqui estudada, temos Bete, que foi trabalhadora doméstica por mais de quinze anos e que afirma ter alcançado uma melhoria de vida em sua trajetória. É claro que, nesse caso, não podemos perder de vista o contexto do qual ela partiu para entendermos a sua visão positiva de

²⁵ Ao longo do ano de 2022, diversas mulheres que trabalhavam como empregadas domésticas no Brasil foram resgatadas após viverem anos em situações análogas à escravidão. Muitos jornais fizeram matérias sobre o tema como esta: <https://g1.globo.com/pb/paraiba/noticia/2022/02/03/trabalhadora-domestica-e-resgatada-apos-39-anos-em-situacao-analoga-a-escravidao-na-paraiba.ghtml>. Acesso em: 17 de Fevereiro de 2023.

tal ocupação em sua vida: trabalho na roça em uma região com poucos recursos de emprego e renda que era a situação das zonas rurais do Nordeste entre o fim da década de 1960 e meados de 1970, quando Bete realizou a migração. Tendo em perspectiva essa realidade anterior, melhor compreendemos a sua relação com o trabalho doméstico. Em sua narrativa, ela diz, com satisfação, aquilo que conquistou: ajudar financeiramente a mãe, comprar uma casa, constituir uma família e, principalmente, não transmitir sua ocupação para a filha. E esse ponto é fundamental para compreendermos que havia ali uma noção muito clara do desejo, não só por mobilidade social ascendente na família, mas a percepção de que o trabalho doméstico era um trabalho degradante e com pouco valor social.

Quando pergunto sobre o relacionamento com seus patrões, Bete prontamente relata sobre o seu relacionamento com a Dona Vera, sua patroa, com quem parece ter tido uma relação mais estreita enquanto trabalhou em sua casa. Essa relação entre patroa e empregada revela um pouco das nuances do trabalho doméstico e suas desigualdades. Ao longo da sua narrativa, Bete nos conta sobre a diversidade de coisas que aprendeu com a sua patroa em relação a hábitos de higiene, limpeza e organização de uma casa, além de receitas culinárias. Todo esse conjunto de aprendizados, ao quais Bete confere valor em sua narrativa, estiveram ligados ao seu relacionamento com a sua patroa. Nesse sentido, cabe problematizar o quanto o espaço doméstico é administrado e gerido por mulheres e o quanto a divisão sexual do trabalho opera nesse ambiente. Hirata e Kergoat (2007) discutem sobre a delegação do trabalho doméstico. É certo que as autoras se referem ao contexto europeu em que as mulheres do Norte empregam mulheres migrantes do Sul para o trabalho doméstico, mas pode-se apontar um paralelo aqui, onde uma mulher do Sudeste do Brasil, privilegiada pela classe, delega o trabalho doméstico a uma migrante oriunda do Nordeste do país.

A antropóloga Suely Kofes, em sua pesquisa de doutorado, estudou as relações patroas e empregadas, o que, anos mais tarde, resultou no livro *Mulher, Mulheres: Identidade, diferença e desigualdade na relação entre patroas e empregadas* (2001). A autora aponta que o espaço doméstico é designado à mulher, tendo a patroa e a empregada o compartilhamento do gênero nessa relação. No entanto, cada uma cumpre um papel social distinto e com atribuição de valor desigual no ambiente doméstico. As patroas ocupam os lugares femininos nas relações familiares e as empregadas cumprem as tarefas femininas. Assim, a autora analisa o modo como o doméstico produz tanto identidade quanto diferenças e desigualdades para os sujeitos femininos. Nesse sentido, pode ser interessante pensar que, entre Bete e Dona Vera, a mesma relação de gênero que as aproxima também as separa, uma vez estabelecidas no espaço doméstico.

No desenvolvimento de estudos de uma antropologia das sociedades complexas, Gilberto Velho (2001) pensou as empregadas domésticas como mediadoras socioculturais. Isso porque elas, ao se deslocarem de suas casas, geralmente nas periferias da cidade, para os bairros de classe média e de elite, fazem o trânsito entre classes e culturas diversas. Assim, a empregada doméstica tem acesso à intimidade e hábitos de seus patrões, bem como leva seus conhecimentos e costumes para o interior dessas casas onde trabalham. Nessa perspectiva, é possível perceber o modo como Bete cumpriu a função de mediadora entre diferentes estilos de vida. Bete conta em entrevista diversos hábitos que adquiriu no interior da casa onde trabalhou e que acabou incorporando em sua vida doméstica. Além de novos aprendizados no que diz respeito à organização e limpeza da casa, ela destaca o conhecimento culinário que posteriormente foi útil no seu empreendimento da barraca de comida na feira de Paramirim.

A vida de Bete foi marcada pelo trabalho e pelas responsabilidades com a família, realidade que mudou na geração de sua filha. Bete, em sua empreitada de migrar para São Paulo, teve um propósito constante de ajudar a família. Seus deslocamentos, estiveram mais ligados a um projeto coletivo, uma preocupação orientada para não apenas a sua sobrevivência, mas também a de sua família. Já na trajetória de sua filha, é possível perceber uma mudança importante: Betânia não tem uma preocupação de suprir necessidades básicas da família como tinha a sua mãe. Arrisco apresentar dois fatores que podem contribuir para esta realidade. Primeiro, a realidade de fato de um maior conforto que experimenta a geração de sua mãe no atual momento, o que permite a Betânia uma liberdade para a criação de projetos de vida mais individuais, como é possível notar em sua trajetória. Em relação a esse ponto, é interessante que, quando indago Betânia se ela chegava a ajudar financeiramente sua mãe, ela me diz que não, mas que se precisasse ela ajudaria. Ou seja, é possível perceber que não é uma preocupação presente na vida de Betânia, permitindo um espaço na sua vida para aspirar possibilidades mais amplas como realizar concursos e pós-graduações.

Vale destacar, portanto, que Betânia, teve, como prioridade em sua vida, os estudos, notada, inclusive, na marcação do tempo quando narra a sua história, a partir das séries que cursou ou nos momentos ligados à sua educação formal. A lembrança que traz em entrevista de que sua mãe não queria que ela trabalhasse durante o ensino básico, dedicando-se apenas aos estudos, demonstra que Betânia teve uma experiência de infância distinta da geração de sua mãe. De modo geral, temos na trajetória de Betânia a dimensão dos estudos marcando diferentes fases de sua vida. Assim, de uma geração para a outra, há uma mudança no leque de oportunidades que permite que Betânia tenha o trabalho como uma preocupação bem mais tarde do que teve a sua mãe. A cena do trabalho para ela então passa a ser precedida pela dedicação

aos estudos. Uma escolaridade alongada, nesse caso, passa a ser uma expectativa transmitida por Bete a Betânia, e que esta última passou a almejar também. Assim, Betânia, de fato, vem a conquistar uma maior escolaridade em relação à sua família, alcançando o diploma de ensino superior, mas segue com a frustração de, após seis anos de graduada, ainda não trabalhar em sua área de formação.

Para compreender as mudanças experimentadas por duas gerações, a teoria produzida pelo sociólogo francês Pierre Bourdieu se faz útil. A teoria de síntese de Bourdieu (2013), que uniu a perspectiva objetivista com a subjetivista, oferece atenção para as condições estruturais do mundo que opera sobre os agentes, mas sem perder de vista a maneira que os agentes lidam com a estrutura que é apresentada para eles. O conceito que vem a sintetizar as duas perspectivas de análise do autor é o conceito de *habitus*. Este conceito se refere à incorporação das estruturas pelo agente e à exteriorização, nas práticas, daquilo que foi elaborado em sua subjetividade. A partir desse conceito, pode-se pensar o *habitus* incorporado por Bete em relação ao trabalho doméstico, atividade com a qual ela mantinha bastante familiaridade desde a sua infância na casa onde cresceu e que posteriormente tornou-se uma atividade profissional. No entanto, após trabalhar quinze anos como empregada doméstica, Bete não desejava a mesma ocupação para a filha e recorre às oportunidades disponíveis, no caso, a educação pública para a filha, na esperança de que Betânia não reproduzisse as mesmas condições materiais e simbólicas de existência experimentadas por ela.

Desse modo, Betânia passou a portar conhecimentos socialmente valorizados apresentados na forma de diplomas. Bourdieu (1998) entende esse tipo de conhecimento como um tipo de capital que pode ser mobilizado pelos agentes na sociedade: o *capital cultural*. O autor explica três estados do capital cultural: o incorporado, obtido de forma inconsciente e hereditária; o objetivado, que estaria mais ligado à posse de bens culturais materiais, e o institucionalizado, aquele que viria na forma de diploma. Esse último é o capital cultural que Betânia garantiu em sua trajetória, através do diploma do ensino básico, o do ensino superior e, mais recentemente, o de pós-graduação. Para mãe e filha, o investimento na educação veio a ser o meio em que apostaram suas energias a fim de obter vantagens para acessarem maiores rendimentos e prestígio social. Nesse sentido, Bourdieu (1998) nos diz “(...) que o rendimento escolar da ação escolar depende do capital cultural previamente investido pela família e que o rendimento econômico e social do certificado escolar depende do capital social - também herdado - que pode ser colocado a seu serviço.” (1998, p.74).

Seguindo esse raciocínio, entendemos que o capital cultural institucionalizado conquistado por Betânia, quando sozinho, parece ser um recurso frágil a ser mobilizado na

busca por melhores rendimentos. Nesse ponto, entra em questão o capital social, assim definido por Bourdieu (1998):

O capital social é o conjunto de recursos atuais ou potenciais que estão ligados à posse de uma rede durável de relações mais ou menos institucionalizadas de interconhecimento e de inter-reconhecimento ou, em outros termos, à vinculação a um grupo, como conjunto de agentes que não somente são dotados de propriedades comuns (passíveis de serem percebidas pelo observador, pelos outros ou por eles mesmos), mas também são unidos por ligações permanentes e úteis. (...) (BOURDIEU, 1998, p.67)

Esse tipo de capital parece ser escasso na vida de Betânia. É possível perceber isso a partir do que ela nos conta sobre sua busca por emprego. Em um primeiro momento, Betânia explica seu retorno para Paramirim após sua formatura por “*não ter nenhum Norte*”. Quando segue para São Paulo, despende suas energias na insistente distribuição de currículos, sem qualquer outro intermédio de contatos que facilitasse a sua inserção no mercado de trabalho. Já cansada, passa a buscar empregos que não correspondiam à sua área de formação e, assim, consegue se empregar como atendente de balcão em uma farmácia, trabalho que ocupa desde 2018.

Embora a mãe de Betânia tenha se empenhado para que a filha obtivesse sucesso escolar, Bete não tem a seu favor uma rede de relações que pudesse orientar a filha a se inserir no mercado de trabalho após formada. Com a falta de um *capital social*, pode-se explicar, em parte, as dificuldades encontradas por Betânia para ocupar vagas de empregos que correspondam a sua área de formação e nível de escolaridade. Além disso, a rede de relações com quem Betânia conta na cidade de São Paulo é aquela que se aproxima de sua mãe. Duas delas são mencionadas ao longo da entrevista: a tia com a qual ela divide um apartamento e que trabalha como diarista e outra tia que trabalhava como empregada doméstica, mas atualmente possui um mercado, no qual Betânia já trabalhou. De um modo geral, a rede familiar e de proximidade com que Betânia pôde contar não foi capaz de facilitar a obtenção de um emprego em sua área. A migração efetuada pela geração anterior - e aqui destaco não só a de sua mãe, mas a de tias e parentes próximos - não possibilitou uma rede que absorva um profissional altamente qualificado como é o caso de Betânia, que além de contar com ensino superior, possui também uma pós-graduação.

Nesse sentido, é possível pensar sobre os capitais disponíveis na vida de Betânia. O capital econômico, aquele que poderia facilitar o acesso a outros capitais, já era ausente, não só em sua trajetória, mas nas gerações que lhe antecederam. Nesse caso, é importante considerar

a escolaridade que avança em sua geração, pois sua mãe não concluiu nem o primeiro fundamental e, se formos mais longe em sua história familiar, encontramos sua avó, que não tinha escolaridade alguma.²⁶ Assim, no que diz respeito à escolarização, notamos um salto importante em sua trajetória, com muitos anos de estudo em relação às gerações anteriores de sua família. Pode-se dizer, então, que Betânia porta um capital cultural, ausente até então em sua família, que a faz desejar postos de trabalho mais qualificados, com maior remuneração e prestígio social do que aqueles que ocupou a sua mãe, por exemplo. No entanto, a não compatibilização desse capital cultural adquirido com o capital social de que dispõe leva Betânia a uma busca por empregos através da distribuição de currículos, sem nenhum retorno.

Além de uma análise que atente-se para os capitais disponíveis em duas gerações, é importante não perder de vista o contexto do mundo do trabalho em que se encontram essas mulheres. A partir da década de 1970, o sistema capitalista passou por transformações que impactaram as formas de trabalho, deixando para trás um regime de estabilidade para um de instabilidade e incertezas. Nesse sentido, o sociólogo norte-americano Richard Sennett, em seu livro *A Corrosão do Caráter: consequências pessoais do trabalho no novo capitalismo* (2009), faz uma interessante discussão a partir de duas gerações. O autor retrata como o trabalhador situado no contexto do capitalismo flexível é impactado em sua subjetividade. Refletindo sobre duas entrevistas realizadas em momentos diferentes com um pai e o seu filho nos Estados Unidos, o autor pontua as experiências distintas vividas por essas duas gerações em relação ao mundo do trabalho.

O pai, Enrico, um faxineiro, viveu num contexto de garantia de direitos ao trabalhador, que permitia a construção de uma história para si mesmo, no sentido da acumulação de experiências proporcionando uma narrativa linear de sua vida. Por outro lado, seu filho, Rico, situado em um regime flexível de trabalho, alcançou uma mobilidade ascendente, embora seja marcante em sua trajetória a instabilidade nos empregos. Desse modo, Sennett (2009) apresenta como, em duas gerações, mudou-se a forma com que se organiza o trabalho e, por sua vez, a subjetividade dos trabalhadores. De um capitalismo rígido, marcado pela estabilidade que valorizava o senso de caráter pessoal do trabalhador, para um capitalismo flexível que preza por aquele que seja inventivo e adaptável às mudanças.

Já na minha pesquisa, ao falar de Bete e sua filha Betânia, embora também sejam apresentadas diferenças de uma geração para outra, essas personagens estão inseridas em um

²⁶ Essa informação sobre a avó de Betânia é relatada em entrevista por Bete.

contexto brasileiro que apresenta algumas características distintas do contexto norte-americano ou europeu. No caso do Brasil, marcado pelo trabalho informal e de pouca garantia de estabilidade, as mudanças geracionais, sobretudo nas classes populares, são menos demarcadas pela transição de um regime de estabilidade para um de instabilidade, como no caso de Enrico e seu filho Rico nos Estados Unidos. A instabilidade já estava presente na primeira geração aqui estudada, basta lembrar que as trabalhadoras domésticas só vieram ter seus direitos assegurados no ano de 2015, quando a lei complementar nº 150 aplicou a Emenda Constitucional 72/2013, amplamente conhecida como “PEC das domésticas”.

As experiências de trabalho em gerações familiares também foram analisadas na interessante pesquisa de Beaud & Pialoux trazidas no livro *Retorno à Condição Operária* (2009). Nesse livro, os autores analisam as mudanças experimentadas pela classe operária no novo modelo de produção em oficinas de montagem da Peugeot de Sochaux-Montbéliard na França. A introdução do modelo toyotista desencadeou mudanças não só no modelo de produção, mas na maneira que os operários se organizavam coletivamente, gerando uma desmobilização da classe operária. No livro, os autores trazem o desencantamento dos antigos operários com o novo cenário para a condição operária que se contrasta com uma geração jovem no interior da fábrica, mais adaptável às mudanças estabelecidas. Os pais operários veem então um processo de decadência de um mundo operário em contraposição com o surgimento de outro que exige cada vez mais do trabalhador, demandando um funcionário não só mais flexível, mas com maior escolaridade. Assim, a escolaridade alongada dos filhos passa a ser a busca desses pais e também dos filhos que passam a recusar o ensino profissionalizante em uma fuga do trabalho manual.

Já no caso analisado nesta pesquisa, a fuga das filhas da condição de trabalho de suas mães, no caso, o emprego doméstico, se deu sobretudo diante um contexto político e social do país que despontou e prolongou-se ao longo dos governos petistas²⁷. As políticas públicas voltadas sobretudo para a educação tiveram impactos substanciais para a possibilidade de uma escolaridade alongada para as filhas das trabalhadoras domésticas, o que conseqüentemente permitiu a possibilidade da não hereditariedade do trabalho doméstico. Essa é a experiência não apenas de Betânia, mas também de Yara, outra interlocutora desta pesquisa, autodeclarada branca, filha de Cármen, trabalhadora doméstica. Yara cursou uma universidade privada através

²⁷ Luíz Inácio Lula da Silva foi o presidente eleito nas eleições de 2002 e teve o seu primeiro mandato entre os anos de 2003 a 2006. Reeito, seguiu mais um mandato entre os anos de 2007 a 2010. Em 2010 é eleita a primeira mulher para Presidência da República do Brasil, a Dilma Rousseff que governou o país no período de 2011-2014. Sendo a candidata reeleita democraticamente nas eleições de 2014, seu mandato foi marcado por uma crise política até o momento em que sofreu um processo de impeachment e em agosto de 2016 teve seu mandato cassado.

do FIES e, em 2018, se formou em Nutrição. Yara, desde que foi para São Paulo no ano de 2014, conta com ajuda financeira de seus pais. Sua mãe, Carmen, trabalha como empregada doméstica na cidade de Paramirim-BA há mais de vinte anos e, junto com seu marido, auxiliou a filha durante a graduação em Nutrição. Cármen conta que mesmo que sua filha também trabalhasse em São Paulo, os gastos acabavam sendo muito altos por conta do alto custo de vida da cidade. Após a conclusão da graduação da filha, Cármen conta que continua ajudando a filha a fim de que ela se mantenha em São Paulo.

A ida de Yara para São Paulo esteve muito ligada à formação de redes sociais já estabelecidas na geração de sua mãe, já que a escolha por São Paulo foi justamente em razão da rede familiar que tinha estabelecida na cidade. No estudo de Both (1976) que teve como objeto de estudo famílias, verificou-se dois tipos de formação de redes que se estabelecem: as redes de malha frouxa e as de malha estreita. A primeira correspondia a relações mais fracas que uma família pode estabelecer com outras pessoas e, por outro lado, esta última, sendo caracterizada por relações em que os laços são mais fortes. A mãe de Yara, Cármen, era a irmã mais velha de uma família de dez filhos e foi a primeira da família nuclear a migrar nos anos 1980. Seu deslocamento se deu acompanhada de uma tia que já trabalhava como doméstica na capital paulista. Sob o seu cuidado, foi levando aos poucos as demais irmãs e até seu pai que trabalhou por um período na construção civil. Embora nos anos 1990 Cármen tenha voltado para a Bahia, a rede familiar ficou estabelecida na cidade e, quando sua filha encontra-se adulta, busca nessas tias o amparo para se estabelecer na cidade. Desse modo, é possível sinalizar a manutenção de “redes de malhas estreitas” (BOTH, 1976) na família de Cármen que garantiu essa mobilidade da filha de forma um pouco mais estável do que quando migrou sozinha para trabalhar como empregada doméstica em São Paulo.

Morando na cidade de São Paulo há nove anos, Yara revela um sentimento de inadequação na cidade de origem e admite uma identificação com a cidade de São Paulo. Destaca uma maior liberdade para se expressar religiosamente, nas maneiras de vestir, no estilo de cabelo, gostos, uso de tatuagens e piercings²⁸. Na busca por uma mobilidade social a partir da migração e da escolaridade alongada, Yara encontra em São Paulo também uma mobilidade na sua subjetividade, em que passa a ter uma identificação com os modos de vida da cidade grande, de modo que deixa de fazer sentido o modelo de vida do interior da Bahia onde nasceu

²⁸ Em entrevista, Yara conta que foi em São Paulo onde conheceu o Candomblé e começou a seguir a religião a qual lhe faz se sentir bem. Na sua cidade de origem sente o preconceito das pessoas em relação a sua religiosidade. Além disso, conta que o seu estilo de vida gera muitos incômodos entre alguns familiares e antigos amigos da cidade, não sentindo-se acolhida e livre. Já em São Paulo ela relata se sentir confortável para ser ela mesma com liberdade.

e cresceu. Essas mudanças são interessantes quando se observa a trajetória do sujeito, em que a busca por uma melhoria de vida provoca mudanças subjetivas que, por sua vez, também acabam por orientar essa busca. Embora Yara encontre dificuldades de se inserir em uma ocupação correspondente a seu nível de formação na cidade, encontrou em São Paulo uma identificação com valores mais ligados a seus modos de ser enquanto indivíduo e que fazem sentido para ela. Nisso, difere de sua mãe, que teve, desde o seu deslocamento para São Paulo até o retorno para a Bahia, uma busca por mobilidade ligada a uma noção mais coletiva de manutenção e formação familiar.

Entre os deslocamentos realizados na geração das mães e na das filhas, verifica-se uma mobilidade espacial em busca da mobilidade social. Assim como constatou Lima (1996) no contexto de sua pesquisa com trabalhadores fabris na Paraíba, "mobilidade social e mobilidade espacial se confundem" (LIMA, 1996, p.150). Nesse processo de busca por mobilidade social vale destacar a importância do movimento migratório realizado também na segunda geração aqui estudada. Uma migração diretamente relacionada com a busca por uma maior escolaridade. Tanto no caso de Betânia quanto de Yara, há o apoio familiar para realizar essa migração, ou seja, uma realidade muito diferente daquela que encontrou suas mães quando migraram para São Paulo. As filhas realizam uma migração sem necessariamente um compromisso em garantir uma ajuda à família, pelo contrário, essa migração é garantida justamente pelo empenho e ajuda financeira dessas mães. Nota-se então a inversão da ajuda entre mãe e filha.

No entanto, no momento da conclusão do curso superior, essas jovens não encontram um contexto que pudesse garantir uma estabilidade profissional fruto de uma maior escolarização, sendo esta inédita nas histórias de suas famílias. Betânia se formou em 2016 e Yara em 2018, momento em que o país passava por uma crise política e social importante. A partir de 2016 com "o golpe jurídico, parlamentar e midiático"²⁹, que provocou o impeachment da presidenta eleita Dilma Rousseff, inaugurou-se um cenário adverso para as políticas públicas para a juventude brasileira. Ao estudar documentos de políticas para a juventude envolvendo ações, projetos e programas desenvolvidos ao longo dos governos do Partido dos Trabalhadores, Silva (2021) observou as mudanças que essas políticas públicas sofreram após 2016.³⁰ Em matéria publicada no Uol em 2019, são apresentados dados sobre a redução nos

²⁹ Silva (2021) explica que essa expressão compreende a articulação entre os poderes judiciário, parlamentar e dos meios de comunicação do Brasil na elaboração de uma narrativa anticorrupção contra um governo popular que resultou na prisão do então ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva em 2018.

³⁰ Silva (2021) destaca que, durante o governo Temer, a Reforma do Ensino Médio valorizou uma escola tecnicista em que deixou de ser obrigatória as disciplinas de Sociologia, Filosofia, Educação Física e Artes. Essa reforma trouxe um modelo de ensino composto por itinerários formativos que traz uma flexibilização no currículo que, por sua vez, conduz a uma precarização da formação dos jovens agravada com a aprovação da Reforma Trabalhista.

investimentos em educação. A partir de um informativo técnico da Câmara dos Deputados, a matéria apresenta que, de 2014 a 2018, houve uma redução no investimento em educação em 56%, uma diminuição de 11,3 bilhões para 4,9 bilhões.³¹ Esse contexto é marcado também pelo aumento do desemprego entre os jovens brasileiros. O índice de desemprego é tratado em reportagem a partir de dados da OIT, que indicam que o desemprego da população entre 15 e 24 anos é estimado em 20% em 2022. Os dados indicavam ainda que mais de 23% da população jovem nem trabalhava nem estudava naquele momento.³² Tudo isso agravado com a pandemia do coronavírus a partir de 2020.

Se, desde 2016, a conjuntura sociopolítica brasileira não tem sido uma das mais favoráveis, há ainda um contexto mais amplo em que se encontra uma sociedade marcada por riscos e incertezas. Inserido em um debate sobre o capitalismo flexível, o sociólogo Ulrich Beck (2010) traz a discussão de como, em uma sociedade de riscos marcada pela flexibilidade do trabalho, o diploma deixa de ser uma garantia. Beck (2010) afirma que, mesmo com uma formação profissional, se torna cada vez mais a regra passar por uma “instável fase de transição”, onde se intercalam empregos ruins, contratos de curto prazo e subemprego. Desse modo, se o diploma não vem garantir certas posições profissionais, ao mesmo tempo aparenta ser cada vez mais necessário diante uma concorrência qualificada que impõe uma constante busca por aperfeiçoamento na carreira, como diz o autor:

Começa assim a firmar-se a fórmula segundo a qual certificados de qualificação são cada vez menos suficientes, mas ao mesmo tempo cada vez mais necessários, para alcançar as almeçadas e disputadas posições profissionais (BECK, 2010, p. 224).

Esse é o caso de Yara, que após três anos de conclusão da graduação, não conseguiu inserção profissional em sua área de formação e, no momento da entrevista, seguia trabalhando

O autor destaca que embora no governo Temer tenha tido algumas ações para a juventude foram de curto alcance “como levantamento de dados, projetos de inovação e empreendedorismo, ações esportivas, continuidade de algumas ações do governo anterior, atualização de documentos, articulação institucional, disponibilização e acesso à informação (p. 161)”. Já no governo Bolsonaro a política econômica adotada implicou na entrada e permanência no Ensino Superior público dos jovens. Entre tantas outras medidas de austeridade que afetaram a juventude brasileira foram os contingenciamentos dos recursos para o Ministério da Educação e de Ciência e Tecnologia.

³¹ Disponível em: <https://educacao.uol.com.br/noticias/2019/05/02/em-4-anos-brasil-reduz-investimento-em-educacao-em-56.htm>. Acesso em: 29/01/2023

³² Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/colunas/jamil-chade/2022/08/11/um-a-cada-quarto-jovens-brasileiros-nao-trabalha-e-nem-estuda-diz-oit.htm>. Acesso em: 30/01/2023

em uma fábrica de peças de transformadores na cidade de São Paulo³³. Frustrada por não conseguir um emprego que almejava, destaca que trabalhar nesta fábrica foi a opção que encontrou disponível. Afirma que, como não tem “quem a indique” para um emprego que corresponda a sua área de formação, acredita que a saída é investir em sua carreira através de uma pós-graduação e, assim, ter maiores oportunidades no mercado de trabalho.

Beck (2010) discute sobre uma fronteira entre a educação e o trabalho na sociedade pós-moderna. O autor acentua que, a partir dos anos 1970, o sistema educacional perdeu a função de garantir uma determinada posição profissional, acompanhada de prestígio e renda. Desse modo, notamos, tanto no caso de Betânia, quanto no de Yara, uma expectativa de ascender socialmente amparada no acesso à educação. Entretanto, no contexto do capitalismo atual em que se encontram essas jovens, há cada vez mais exigências para que um profissional adentre e permaneça no mercado de trabalho. Como é possível notar nas trajetórias de Betânia e Yara, elas sentem essa exigência uma vez que Betânia já concluiu uma pós-graduação e Yara expressou em entrevista o plano de também realizar uma pós-graduação. Assim, apresenta-se um contexto adverso para que essas jovens alcancem a ocupação desejada. Ao maior nível de exigência do mercado de trabalho soma-se um escasso capital social, fatores que vem a prejudicar as chances dessas jovens em conseguirem uma inserção profissional correspondente à área de formação.

Se, ao longo dos anos 2000 e 2010, havia todo um otimismo frente ao número de vagas nas universidades e políticas públicas visando o acesso e a permanência dos jovens das classes populares nas universidades, a partir de 2016, principalmente, esse cenário apresenta mudanças. Logo, o cenário de desemprego passa assombrar jovens que alguns anos atrás estavam entusiasmados com a possibilidade de uma formação de nível superior, o que possibilitaria maiores chances de empregos qualificados.

Assim, encontramos Betânia e Yara, ambas mulheres jovens e beneficiadas pelas políticas públicas de ampliação do acesso ao ensino superior. Sem a presença dessas políticas, dificilmente seria possível acessar ou prosseguir em uma trajetória de escolaridade alongada no caso dessas mulheres. É relevante também a importância da família e da composição das redes estabelecidas na geração anterior para que essas jovens realizassem os movimentos migratórios e assim prosseguissem no projeto de ascensão social. No entanto, nota-se o peso que um

³³ Em uma segunda conversa com Yara, esta já se encontrava em outro emprego. Em 2022 contou estar trabalhando em uma loja de bolsas e acessórios.

contexto político e social mais amplo é capaz de exercer nas suas trajetórias, implicando no sucesso de seus projetos de ascensão social.

3. MOBILIDADE SOCIAL PARA MULHERES: EXPERIÊNCIAS GERACIONAIS

Neste capítulo, são desenvolvidas três trajetórias familiares. Trata-se de uma trabalhadora doméstica e suas duas filhas. Buscou-se explorar as distintas experiências geracionais entre essas mulheres diante o contexto social em que viviam e analisa-se a busca pelo rompimento com o trabalho doméstico remunerado nas gerações mais jovens. É explorado também relatos de outras interlocutoras da pesquisa relacionando com as experiências das trajetórias destas mulheres para discutir sobre trabalho doméstico remunerado, a questão do gênero e da raça.

3.1 A alternativa do trabalho doméstico remunerado

Tratar de trabalho doméstico requer, sobretudo, pensar a partir de um recorte de gênero específico. Isso porque quando se refere a esse trabalho, as pessoas que o estão desempenhando, em sua maioria, são mulheres e, em se tratando de trabalho doméstico remunerado, encontram-se as mulheres pobres. Enquanto um trabalho historicamente desempenhado por mulheres, quando passa a ser desempenhado de forma remunerada, vem acompanhado de baixos salários, o que demonstra o baixo prestígio conferido às mulheres na sociedade em geral e no mercado de trabalho em especial. Essa realidade fica ainda mais complexa quando se trata da sociedade brasileira, em que historicamente o trabalho doméstico foi designado às mulheres negras escravizadas. Após a abolição, a população negra não teve direito a reparação, sendo inserida na sociedade de livre mercado com muitas desvantagens. Assim, o que restou à população negra recém liberta foi o trabalho manual e, às mulheres negras, em especial, o trabalho doméstico. No século XXI, a realidade é um Brasil com o segundo maior número de empregadas domésticas do mundo³⁴. Com um número tão expressivo, vale lembrar que é um trabalho majoritariamente feminino, e, em maior número, encontram-se as mulheres negras.

Nesse cenário, as mulheres das classes populares, na busca por um sustento, vem a desempenhar a atividade do trabalho doméstico remunerado. Na maioria das vezes, essas mulheres, além das próprias limitações materiais, possuem baixa escolaridade. Somado a isso, pode-se destacar a primeira socialização na infância, que faz com que essas mulheres

³⁴ De acordo com dados da Organização Internacional do Trabalho, a OIT, o Brasil possui 6,2 milhões de trabalhadoras domésticas, somando o segundo maior número de empregadas domésticas no mundo. A China é o país que supera o Brasil, somando 22 milhões de trabalhadoras. Ver mais em: <https://noticias.uol.com.br/colunas/jamil-chade/2021/06/15/1-em-cada-4-trabalhadoras-domesticas-perdeu-emprego-com-pandemia-no-brasil.htm#:~:text=Apenas%20a%20China%2C%20com%202022,sua%20situa%C3%A7%C3%A3o%20pr%C3%A9via%20%C3%A0%20pandemia>. Acesso em: 25 de Fevereiro de 2023.

desempenhem essa atividade de uma forma mais habitual, construindo uma habilidade e uma afeição no cozinhar e limpar que posteriormente passam a aproveitar como um trabalho remunerado. Com escassas oportunidades de educação e tomadas pela necessidade de trabalho para a sobrevivência, essas mulheres encontraram no trabalho doméstico o meio de conquistar condições de vida mais dignas.

3.2 A história de Joseane

Eu vim embora de Esplanada pro Rio por causa disso. Pelas humilhações que eu sofria, eu e meus irmão, pela vida difícil lá, então quando eu me vi com os filhos, eu falava que eu não queria que meus filhos vivesse ali e passasse pela situação que eu passei, então eu quis, eu queria que eles tivessem uma vida diferente da minha.

De forma remota, realizei a entrevista biográfica com Joseane, que estava na cidade do Rio de Janeiro, em seu ambiente de trabalho, enquanto encontrava-me em minha casa, em São Carlos, interior de São Paulo. Diferentemente das demais interlocutoras desta pesquisa, Joseane é uma mulher que eu não conhecia pessoalmente. Nossa relação foi intermediada por sua filha, que, assim como eu, cursou a graduação em Ciências Sociais na UFRRJ. Acredito que essa proximidade mantida com a sua filha, bem como saber da minha origem na Bahia, além de ser filha de uma trabalhadora doméstica, possibilitou que a entrevista biográfica transcorresse de maneira fluida, mesmo nos momentos que envolveram temas delicados em sua trajetória de vida. Joseane reside entre a cidade do Rio de Janeiro e Itaboraí. Ela conta que, durante a semana, permanece no bairro de Laranjeiras da cidade carioca, onde durante o dia trabalha como zeladora, e, à noite, cuida de uma senhora residente do mesmo prédio. No final de semana, Joseane vai para a sua casa, que fica em Itaboraí, cidade localizada na região metropolitana do Rio de Janeiro.

Embora o estado do Rio de Janeiro seja central no momento atual da vida de Joseane, sua história começa no estado da Bahia, na cidade de Esplanada, onde nasceu em 1963. Na zona rural, perto de várias fazendas, cresceu com muitas dificuldades. A casa onde cresceu foi adquirida por seus pais através do cuidado que sua mãe teve com um bezerro doente. Ela conta que um fazendeiro da região havia jogado um bezerro doente fora, o qual sua mãe resolveu pegar para cuidar e, posteriormente, veio a se tornar uma vaca sadia que conseguiu vender para o antigo dono. Com o dinheiro adquirido, sua mãe e seu pai compraram uma casa onde Joseane cresceu junto com seus seis irmãos. No entanto, quando ela contava com apenas sete anos de idade, seu pai veio a falecer em um acidente de cavalo, e, a partir daquela fatalidade, a mãe de

Joseane foi obrigada a cuidar dos sete filhos sozinha. Para dar conta de tamanha responsabilidade, passou a trabalhar muito na roça e a sobrecarga de trabalho foi levando-a ao adoecimento. Como Joseane era uma das filhas mais velhas, passou a trabalhar cada vez mais nas lavouras, a fim de ajudar sua mãe no sustento dos irmãos mais novos.

Mesmo Joseane encontrando muitas dificuldades na infância que a levaram a trabalhar, ainda teve a oportunidade de estudar na zona rural de Esplanada, onde aprendeu o alfabeto. Sua mãe pagava para a professora da comunidade rural para que seus filhos pudessem ter as aulas que aconteciam na casa da própria professora, que ensinava para várias crianças da região naquela época. Quando Joseane completou a idade que a permitiria cursar uma escola pública na cidade, precisou trabalhar mais para ajudar a sua mãe, o que impossibilitou o prosseguimento nos estudos. Começou então a trabalhar no interior das casas de família que não permitiam que ela estudasse.

Desse modo, assim como na história de Bete, trazida no capítulo anterior, Joseane teve uma compreensão das responsabilidades que tinha que assumir ainda muito jovem. O trabalho foi entendido como algo necessário para atender as necessidades básicas de sobrevivência de si e de sua família, uma noção de infância diferente, por exemplo, da experimentada nas trajetórias de suas filhas, que será contada mais adiante.

Mas aí eu me entendi como gente, com consciência de como era a vida do que tinha que dar continuidade à minha vida, eu tinha onze anos (...)

Nessa idade, começou a trabalhar como babá nas fazendas para ajudar sua mãe a criar seus irmãos. E destaca que “de lá pra cá, eu não parei mais”. Quando contava já com seus doze anos, em 1975, foi trabalhar como babá em uma casa na cidade de Alagoinhas, na Bahia. No entanto, nessa casa, para além de cuidar do bebê, seus patrões designavam uma série de tarefas domésticas como lavar, passar e cozinhar. E ela lembra de ser “na base de gritos”. Permaneceu nesta casa por alguns meses, a fim de adquirir uma quantia em dinheiro para ajudar a sua mãe. Logo decidiu abandonar esse trabalho e partiu em busca de outras oportunidades.

Joseane conseguiu um trabalho em Salvador na casa do filho de um médico de Esplanada. Esse homem, que também já havia se formado em medicina, era casado e acabara de ter um filho naquela época, do qual Joseane passou a cuidar. A experiência de trabalho, mais uma vez, não foi digna, pois, nessa casa, Joseane foi maltratada por sua patroa que chegou a cometer agressões físicas contra ela. Certa vez, Joseane sofreu puxões de cabelo e ofensas por parte de sua patroa que afirmou que seu cabelo era cheio e feio e lhe deu a ordem de cortá-lo.

Entre choros e gritos, Joseane teve a seu favor, naquele momento, a defesa da outra empregada da casa que a protegeu. Nesse mesmo dia, relatou o ocorrido para o seu patrão e pediu para que ele a levasse de volta para a sua cidade, pedido que foi atendido.

Voltando para Esplanada, passou a auxiliar sua mãe na atividade de costura. Em 1977, contava com seus quatorze anos quando começou a namorar um rapaz que veio a se tornar o seu marido. No ano seguinte engravidou do seu primeiro filho, o Leandro. Permaneceu em Esplanada até os seus dezoito anos de idade, quando já tinha nascido sua segunda filha, a Jussara. Grávida do seu terceiro filho, o Pedro, Joseane decidiu tentar a vida no Rio de Janeiro. A decisão de ir para a capital fluminense se deu porque seu marido já havia morado lá, embora fosse também natural da Bahia. Além disso, naquela época, a mãe do seu marido estava morando na cidade. Dessa maneira, em 1982, Joseane chega ao Rio de Janeiro grávida, acompanhada do seu marido e de seus dois filhos - Leandro e Jussara. Nesse momento, todos eles foram morar num “barraquinho na Maré” com a sogra de Joseane. Recém chegada na cidade, Joseane passou a fazer faxinas no município do Rio de Janeiro entre os bairros da Ilha do Governador, Penha e Olaria, a fim de conseguir o sustento para a sua família.

Embora não conhecesse a cidade e sua dinâmica, conversava com as suas vizinhas que indicavam as casas nas quais poderia fazer faxinas. Na experiência de trabalhar como diarista na cidade do Rio de Janeiro, viveu extremos nas relações com as suas patroas. Ao narrar a sua história, destaca que, logo que chegou na cidade, trabalhou para uma senhora que era “muito boazinha” que lhe orientava e lhe ajudava no que podia. Por outro lado, nessa mesma época, teve a experiência de trabalhar para uma mulher que lhe tratava muito mal e lembra de uma situação em que estava com muita fome e ela lhe deu um pão duro e mofado para comer:

(...) eu morrendo de fome. Grávida, né? Fazendo faxina e doida pra ganhar aquele dinheiro... que eu ganhava dinheiro do dia pra levar pra casa pra comprar as coisa pros meus filho. E aí... assim, tinha aquele... tem... essa história de diarista, de trabalhar como... com essas pessoas, é... tem altos e baixo. Até hoje tem! Muito! Como eu ainda tô nisso, eu sei.

No final do seu primeiro ano na cidade do Rio de Janeiro, em dezembro de 1982, seu filho Pedro nasceu e, em fevereiro de 1983, retornou ao trabalho de diarista. Enfrentou muitas dificuldades para conciliar trabalho e maternidade e, embora as pessoas para as quais trabalhava soubessem da sua condição de mãe, não se sensibilizaram com a sua situação. Lembra de uma de suas patroas que a maltratava muito, inclusive constringendo-a para trabalhar mais horas do que o combinado. Apesar de relatar para sua patroa sua necessidade de ir embora, pois tinha filhos pequenos em casa, inclusive o mais novo, que contava apenas com alguns meses de vida

e que precisava ser amamentado, ela não se comovia. Seguiu com as ameaças dizendo que não lhe pagaria, caso não desempenhasse todas as atividades que havia mandado, mesmo que já houvesse passado o tempo estipulado da diária. Recuperando lembranças dessa época de sua vida, Joseane lembra que nunca se esqueceu da vez que essa mesma patroa falou: “tem um monte de pão velho ali, cata e leva pro teus ratinhos comer”. Nesse momento, sua reação foi respondê-la afirmando que seus filhos não eram ratos e, naquele instante mesmo, deixou de trabalhar para aquela mulher.

Apesar de, em sua narrativa, Joseane relatar muitas situações de humilhações e constrangimentos vividos no ambiente do trabalho doméstico, lembra também de pessoas para as quais trabalhou e com as quais conseguiu manter uma relação de respeito e acolhida. Recorda-se de uma senhora para a qual trabalhou nesse mesmo período que foi muito importante para ela naquele momento, quando ainda era muito jovem e recém chegada na cidade do Rio de Janeiro.

Ela me ensinou muita coisa, ser econômica, o que fazer com o dinheiro, me ensinou a cuidar dos meus filhos, me ensinou me portar das situações ruim, de maus tratos pra eu reagir, me ensinou muito! Muito! Então, aprendi muito!

No ano de 1989 nasce Janaína, sua filha mais nova. A partir desse ano, viviam na mesma casa Joseane, seu marido, seus quatro filhos e a sua sogra. Para cuidar dos seus filhos, por um tempo Joseane contava com a ajuda de uma vizinha. Depois do nascimento de seu filho Pedro, sua sogra acabou ficando doente e passou a ficar em casa. Assim, Joseane passou a contar com um pouco de ajuda de sua sogra para o cuidado com os filhos. Enfrentando mais uma vez dificuldades, ela passa a ter uma rotina exaustiva já que, com a sua sogra doente, passou a ter que cuidar dela também. Diante das limitações físicas da sogra, Joseane buscava deixar tudo pronto antes de ir trabalhar fora, para que ela apenas olhasse as crianças em sua ausência.

Depois de ter trabalhado em diversas casas como diarista na cidade do Rio de Janeiro, Joseane começou a trabalhar como faxineira em uma empresa onde limpava escritórios, contando com carteira assinada. Além disso, trabalhou como copeira e auxiliar de cozinha. No entanto, a remuneração acabava sendo inferior àquela que obtinha no trabalho de diarista, não sendo suficiente para o sustento de seus filhos. Então, retornou ao trabalho como diarista que, segundo ela, oferecia uma condição financeira um pouco melhor, além de lhe oferecer uma maior liberdade em relação à gestão do tempo. Assim, conseguia ter horários disponíveis para

levar os filhos ao médico, ao dentista e tomar vacinas, revelando um certo orgulho de si quando narra esse cuidado que conseguiu ter com a saúde dos filhos durante a infância deles.

Mesmo com uma rotina cansativa onde se via muito sobrecarregada, aos finais de semana Joseane buscava garantir algum lazer e, como ela destaca, “sempre com meus filhos, né?”. No sábado cuidava de alguns afazeres da casa que não era possível conciliar na semana com a rotina do trabalho, como lavar roupas. Já aos domingos, ia para Copacabana com seus filhos. Lembra que ia de ônibus com o dinheiro da passagem contada e já avisava as crianças que não era para pedir nada quando chegassem à praia, levando sempre lanches em um isopor para comerem ao longo do dia.

No ano de 2002, diante das dificuldades que encontrava na cidade, resolveu voltar para sua cidade natal na Bahia, Esplanada. Com seu marido e filhos, foram para o interior da Bahia, menos a sua filha Jussara, que na época já não morava com a família. Também encontrou dificuldades assim que chegou na cidade de Esplanada. Seu plano era ficar na casa de sua mãe que, na época, já havia falecido, no entanto um dos seus irmãos foi morar nesta casa e não permitiu que ela se acomodasse lá com a sua família. Assim, ela teve que alugar uma casa às pressas na cidade. Logo ela e seus filhos conseguiram emprego na cidade, mas enfatiza que o valor era muito inferior ao que recebia no Rio de Janeiro. Joseane começou a comparar as condições de vida que tinha no Rio de Janeiro e aquelas que estava experimentando na Bahia. Além disso, sua filha Janaína, que na época contava com doze anos de idade, também não estava se adaptando à cidade. Assim, depois de quatro meses, decidiu voltar para o Rio de Janeiro.

Inicialmente, voltaram Joseane e a sua filha Janaína. Em seguida, seus filhos e seu marido. Logo quando retornou, sua sogra, que havia ficado no Rio de Janeiro, veio a falecer diante das complicações do câncer que enfrentava há alguns anos. A partir daí, mais uma vez, as dificuldades sobressaíram-se, já que Joseane até então contava com a ajuda da sogra. Diante a postura de seu marido, que era ausente como pai e como companheiro, Joseane tinha uma rotina sobrecarregada, em que além de desempenhar o papel de cuidados com os filhos, centralizava a responsabilidade de trazer o sustento para casa.

Nesse retorno turbulento para o Rio de Janeiro, Joseane voltou a trabalhar para uma mulher para a qual já havia trabalhado em 1998. Destaca que não gostava de trabalhar para ela, uma vez que ela não a respeitava. No entanto, quando retornou à cidade carioca, não encontrou outro emprego e, desse modo, por falta de outras oportunidades, permaneceu trabalhando para essa mulher, período marcado por sofrer assédio moral de sua patroa. Em tom de desabafo, conta que, naquele momento, se viu dependente daquele emprego:

(...) assim, sabe quando você tem aquele, aquele momento da sua vida que fica tão difícil que você não pode largar o trabalho? E a pessoa percebe que você tá à mercê daquele trabalho?

Ela... ela se achava dona de mim que ela achava que eu tinha tá o tempo todo na casa dela fazendo as coisas pra ela... Tinha que fazer tudo do jeito que ela queria, achava que eu tinha que sair no horário que ela quisesse e quando eu enfrentava ela, era uma discussão dos inferno, falava que eu era morta de fome que eu tava dependendo daquele trabalho que se eu não fizesse do jeito que ela queria eu podia ir embora e que muitas vezes eu fui e ela depois ficava atrás de mim e eu voltava porque eu não conseguia.

Com esse trabalho ocupando quase todo o seu tempo, Joseane recorda-se, entristecida, dos eventos do colégio em que sua filha estudava e dos quais não conseguia participar por conta dos abusos dessa patroa. Conta que, por mais que trabalhasse como diarista para essa mulher, eram quatro dias na semana. Havia muito trabalho na casa que lhe era designado, somado aos cuidados com o pai e com o marido que eram doentes e precisavam de suporte. Além disso, sua patroa vendia gelo e carvão na porta e esse trabalho também lhe era designado. Todo o sofrimento e estresse que passou nesse trabalho acabou gerando consequências para sua saúde, e destaca o rompimento de cinquenta por cento do tendão de seu ombro, a tendinite em ambos os braços, além de duas hérnias de disco, consequências do trabalho físico que realizava. Desabafa:

Tô desgastada como doméstica e decepcionada com o que eu passei, que eu tive que engolir, conviver com pessoas assim bem difíceis, viu? Pessoas que se acha superior ao ponto de achar que o outro ser humano é um lixo, né? É muito triste saber que o ser humano mesmo acha que você é um lixo. Se você tá fazendo um trabalho pra aquele outro ser humano, aquele ser humano deveria ser grato porque tem ser humano que não tem a capacidade de fazer aquilo que você faz. Não sabe nem como que faz e mesmo assim quer tratar que nem um lixo. Então essas coisas marcam.

Joseane passou dez anos trabalhando para essa mulher e destaca que foi uma época muito difícil para ela. Nesse período, conta que também houve a separação de seu marido, com quem teve uma relação turbulenta em que, segundo ela, faltou companheirismo, sentindo-se sempre muito só para cuidar dos seus filhos.

Em sua narrativa, Joseane cita também outras mulheres para as quais trabalhou que foram gentis com ela, em que foi estabelecida uma relação de respeito. Entre elas lembra de Mariane, que era uma advogada e que lhe orientou em diversos aspectos, inclusive quando sua filha fazia faculdade, dando dicas de como ajudar sua filha Janaína para que esta não desistisse da graduação. Cita outras mulheres também com as quais ainda mantém contato, embora não preste serviços mais para elas. Assim, ao longo de sua trajetória, talvez pelo caráter do trabalho

de diarista que passa por mais casas do que a trabalhadora doméstica mensalista, Joseane acabou tendo experiências mais diversas no emprego doméstico, tanto situações extremas de humilhação e constrangimentos no trabalho, quanto de acolhimento e decência na relação patroa/patrão e empregada.

Aos cinquenta e nove anos de idade, Joseane trabalha como zeladora de um prédio no bairro de Laranjeiras, na zona sul do Rio de Janeiro. Conta que trabalhou muitos anos como diarista para algumas pessoas nesse prédio até que, um dia, um dos moradores sugeriu que ela trabalhasse como zeladora do prédio, e ela aceitou a proposta. No período da noite passou a cuidar de uma idosa residente do mesmo prédio e sogra deste mesmo rapaz que mediou o trabalho como zeladora.

Em um novo relacionamento afetivo, em que encontrou respeito mútuo e companheirismo, Joseane financiou uma casa pela Caixa Econômica Federal na cidade de Itaboraí, onde passa os finais de semana, e, junto com o seu companheiro, também comprou um carro. Quando fala de seus filhos, demonstra entusiasmo com o fato de que todos estudaram. Destaca que, além da conclusão do ensino médio, Leandro, seu filho mais velho, realizou um curso Técnico de Refrigeração, já Pedro fez técnico em Tecnologia da Informação, Jussara, iniciou Técnico de Segurança do Trabalho e a sua filha mais nova, Janaína, concluiu o curso de graduação em Ciências Sociais. Cansada do trabalho doméstico e diante todas as dificuldades enfrentadas, destaca uma preocupação, em especial em relação às suas filhas, as quais não desejava que trabalhassem como empregadas domésticas:

(...) tanto que todo mundo foi fazer curso, todo mundo pra estudar... que eu nunca... não deixei minhas filha trabalhar como doméstica, não deixei. Não é que desmereça... engraçado que eu não deixei elas.

A expectativa de que suas filhas seguissem outro caminho profissional é expresso em sua narrativa. Analisemos agora o caminho trilhado por elas a partir de suas trajetórias.

3.3 Jussara, a filha mais velha de Joseane

Jussara³⁵ nasceu em 1981, em Esplanada, na Bahia, sendo a segunda filha de Joseane. Embora tenha nascido na Bahia, todas as suas memórias de infância estão relacionadas com a

³⁵ A entrevista biográfica com Jussara foi realizada de forma remota em fevereiro de 2022.

cidade do Rio de Janeiro, já que, quando tinha apenas um ano de idade, toda a sua família se mudou para a cidade carioca. Com uma infância difícil, em que via sua mãe sobrecarregada das responsabilidades domésticas e financeiras da família, Jussara tomou para si, desde muito jovem, a responsabilidade de ajudar em casa. Com a mãe trabalhando fora, com dois irmãos mais novos e sua avó paterna doente durante boa parte da sua infância, sentia-se encarregada de realizar as atividades domésticas da casa. Lembra de ser uma criança tensa, pois, durante as brincadeiras ou no momento pós-escola, constantemente estava preocupada em voltar para casa, a fim de realizar tarefas domésticas, como preparar parte da refeição ou mesmo cuidar da sua irmã mais nova, Janaína.

Aprendendo desde muito jovem sobre o trabalho doméstico na prática do dia a dia em casa, Jussara tinha tarefas que gostava de desempenhar mais do que outras, como era o caso de passar roupas, atividade que aprendeu a realizar com a sua mãe. Assim, no período da pré-adolescência, esporadicamente começou a passar roupas para algumas mulheres da comunidade, o que lhe garantia alguns trocados. Nesse período, aprendeu com uma vizinha que era boleira a bater bolos e a auxiliava-a batendo massas, fazendo caldas e lavando tabuleiros, atividades que garantiam uma pequena remuneração que ela utilizava para ajudar em casa.

Ao narrar sobre sua infância, Jussara tem a lembrança de ver a sua mãe em uma rotina muito corrida, sempre trabalhando muito, o que levava a uma ausência na vida dos filhos. Em busca de ficar perto de sua mãe, no período das férias escolares, Jussara acompanhava sua mãe nas faxinas. Assim, durante essas diárias, Jussara buscava ajudar a mãe em pequenas atividades, sempre ouvindo as afirmativas frequentes de que não queria aquele tipo de trabalho para ela. Reproduzindo as palavras da mãe:

“eu quero que você estude, que vocês, né? estudem pra não fazer isso porque muito sacrifício, é muito ruim, mas é o que sustenta a gente, eu não quero isso pra você”

Acompanhando de perto o trabalho da mãe, Jussara aprendeu, desde muito jovem, qual era o tipo de atividade desempenhada por sua mãe que trazia o sustento para casa. Nas idas aos apartamentos que sua mãe limpava, lembra que, com frequência, Joseane sinalizava a importância de não olhar para as coisas de valor daquelas pessoas. Esse comportamento reverbera até hoje na vida de Jussara, enfatizando que a educação transmitida por sua mãe estava amparada nos valores da honestidade e dignidade. Nessas idas aos locais de trabalho da mãe, era apresentada a Jussara a origem do sustento da família e, ao mesmo tempo, Joseane

insistia que aquele não era um trabalho que gostaria que sua filha levasse para sua vida, reforçando, assim, que Jussara se dedicasse aos estudos.

Jussara cursou todo o ensino básico dentro de sua comunidade, perto de casa, sem precisar fazer uso de transporte público para chegar à escola. Ao longo de sua trajetória escolar, conta que teve um bom desempenho nas atividades, não tendo nenhuma reprovação ao longo de sua formação. Passou a encontrar dificuldades quando estava no ensino médio, período em que começou a trabalhar, com carteira assinada, como atendente de caixa em uma loja por um período de seis horas diárias, a fim de ajudar em casa. Nesse período, seu rendimento escolar começou a cair e lembra de certa vez em que sua professora de literatura passou pela loja que trabalhava e comentou que agora entendia porque o seu rendimento escolar estava diminuindo. Este não era seu primeiro emprego, uma vez que já havia trabalhado em uma lanchonete e em um supermercado por meio de um vínculo, que havia na época, da escola com empresas, trabalhando três horas diárias. Sua mãe não queria permitir que ela trabalhasse enquanto estudasse, então Jussara pediu ao seu irmão, que naquele momento já era maior de idade, para assinar a declaração como responsável dela. Embora Joseane insistisse que Jussara não trabalhasse até a conclusão do ensino médio, ela afirma que sentia a necessidade de contribuir financeiramente em casa.

Quando contava com seus vinte e um anos de idade, Jussara já havia saído da casa dos seus pais e passou a morar com um namorado da época. Conseguiu emprego em um laboratório óptico, onde trabalhou por quatro anos. Quando saiu desse emprego, arriscou em um empreendimento por um certo período, e em seguida, ocupou uma vaga de auxiliar administrativo em uma empresa de construção civil. Além disso, também trabalhou em um call center realizando o serviço de cobrança de cartão de crédito e depois atuou como atendente em uma empresa de segurança e medicina do trabalho. Entre esses empregos, quando a remuneração era baixa, Jussara chegou a fazer um trabalho extra lavando roupas para um açougueiro, mas não chegou a trabalhar de forma fixa e registrada ou ter essa atividade como fonte principal de renda. No entanto, houve um momento, em sua trajetória, quando estava desempregada, que encontrou dificuldades para arrumar emprego. Nessa época, quando ia para as agências de emprego, já não se importava em se candidatar para vagas de serviços gerais de limpeza e enfatiza que não se recusaria a trabalhar nesse tipo de atividade, caso fosse necessário:

Mas eu sempre... tava na minha lista, sabe? Mas nunca chegou a acontecer de fato (trabalho doméstico ou limpeza), efetivada assim porque tinha oportunidades melhores naquele momento, mas eu trabalharia sim de

CLT... pra mim é um trabalho como outro, sabe? Sei que não é muito valorizado, não é, né?

Jussara se casou em 2015 com seu atual marido e têm três filhos. Atualmente, ela mora com sua família na cidade de Itaboraí, no Rio de Janeiro. Residindo em casa própria, realça que foi a principal responsável por essa aquisição, a partir de economias acumuladas ao longo dos anos trabalhados. A conquista da casa própria é motivo de muita satisfação para Jussara, uma vez que consegue oferecer para seus filhos conforto em uma casa que possui quintal. Este é, inclusive, um elemento que deixa Jussara muito entusiasmada, por lembrar de não ter, na infância, esse espaço para brincar, o que hoje pode oferecer a seus filhos. Na infância de Jussara, a casa em que morava na comunidade da Maré não tinha espaço livre para brincar e sua mãe não permitia que ela e seus irmãos brincassem na rua ou andassem de bicicleta, receosa por conta dos perigos da comunidade. Assim, demonstra, em sua narrativa, satisfação pelo fato de seus filhos hoje terem não só brinquedos para brincar, como patinete, bicicleta, bem como espaço adequado para tanto.

Jussara e seu marido também adquiriram juntos um carro popular em uma compra parcelada. Atualmente, ele trabalha como motorista de ônibus e é o responsável pelas contas da casa, enquanto Jussara dedica seu tempo integralmente aos cuidados dos filhos e às atividades domésticas. Desse modo, Jussara revela um certo cansaço na sua rotina diante das demandas dos cuidados com a casa e com a família. Embora seu marido contribua com algumas atividades, ela destaca que essa divisão de tarefas foi conquistada ao longo dos anos.

Há mais de cinco anos sem trabalhar fora, Jussara dedica-se sobretudo aos cuidados dos três filhos e sinaliza um valor aos cuidados que dedica a eles, algo muito importante e enfatizado por ela, uma vez que não pôde ter essa atenção de sua mãe quando era criança. Ao lembrar da ausência da mãe na infância, pontua sobre a dificuldade que ela e seus dois outros irmãos tiveram em chamarem Joseane de "mãe". Até hoje, Jussara conta que chama a mãe pelo nome e que, às vezes, consegue dizer um "mamãe" em mensagens de texto. Essa experiência contada por Joseane, nos faz estabelecer uma relação com a personagem Jéssica, do filme *Que horas ela volta?*, que também não chamava Val de mãe na maior parte do tempo. Essa dificuldade representada por Jéssica no filme era fruto da ausência da mãe em parte importante da sua infância. Jussara tem essa experiência na sua história de vida, reflexo da centralidade que o trabalho estabeleceu na trajetória de sua mãe, implicando na ausência desta na vida dos filhos. De um outro modo, Jussara buscou estabelecer a relação de cuidados com os filhos e revela um orgulho pelo fato de todos eles a chamarem de mãe:

Mas eu tô fazendo algo muito importante porque o que eu não queria... o que eu passei, eles passassem, sabe? De não ter o prazer de me chamar de mãe porque eu não taria, aqui, por exemplo, sei lá, trabalhando... aí eu fiz isso, sabe? Aí eu escolhi ficar com eles, por enquanto, né?

Cuidando de toda administração da casa, Jussara cuida do aprendizado escolar de seus filhos, auxiliando na leitura desde pequenos, muito inspirada na sua própria história, uma vez que teve a sua mãe e a sua avó paterna alfabetizando a ela e a seus irmãos quando eram crianças.

3.4 Janaína, a caçula de Joseane

Dentre as pessoas que entrevistei para esta pesquisa, Janaína foi aquela com que tinha maior proximidade. Ainda que em períodos diferentes, cursamos Ciências Sociais na mesma universidade e tivemos a oportunidade de conviver por um certo período da faculdade quando moramos no alojamento universitário. Por um período de mais ou menos dois anos, tivemos a oportunidade de conhecer um pouco da história uma da outra, encontrando muitas similaridades nas nossas trajetórias enquanto filhas de trabalhadoras domésticas. Já havia três anos que não nos víamos pessoalmente quando fiz a proposta para que ela participasse da minha pesquisa. Aceitando prontamente o convite, fez a intermediação do contato com sua mãe e com sua irmã, tornando possível a realização das entrevistas com elas. Realizamos a entrevista biográfica de forma remota, encontrando-se Janaína em sua casa em Florianópolis (SC), enquanto eu estava em São Carlos (SP) em dezembro de 2021.

Janaína nasceu em 1989, na cidade do Rio de Janeiro, onde cresceu ao lado dos seus irmãos, sua mãe, seu pai e também a sua avó, pessoa pela qual revela ter muita estima em sua narrativa. Assim como é narrado por sua irmã, Janaína conta que, durante a sua infância, transitava pouco pelo bairro. Nascida e criada no Complexo da Maré, lembra que sua mãe temia por balas perdidas entre as ruas da comunidade e, por isso, não permitia que os filhos brincassem nas ruas. Assim, a sua socialização com outras crianças se deu sobretudo na escola, lugar ao qual se refere com muitos detalhes em diferentes momentos no transcorrer da entrevista.

Dentre as pessoas de sua família, Janaína nutria um carinho especial pela sua avó, que se fez muito presente em sua criação e educação. Destaca que foi com sua avó que estabeleceu um laço afetivo, pois sua mãe trabalhava bastante e acabava convivendo pouco com ela. Lembra que, embora sua mãe estivesse presente na cobrança dos estudos, a ausência no dia a dia as afastava. Assim, a atenção e o afeto de sua avó foram muito importantes durante a sua infância. Contudo, quando Janaína contava com doze anos de idade, sua avó veio a falecer diante do

enfrentamento de um câncer. Esse ocorrido é narrado por Janaína como uma perda muito significativa, e conta que, na época, para ela foi como se houvesse perdido a sua própria mãe.

Antes de iniciar sua vida escolar, Janaína foi alfabetizada por sua mãe, que levava jornais e revistas para casa, incentivando-a com a leitura. Ao passar a frequentar a escola, teve sempre o rigor de sua mãe quanto aos seus estudos, de modo que conferia diariamente os seus cadernos. Assim, embora Janaína entendesse como obrigação os estudos na infância, conta que, aos sete anos de idade, já havia criado o hábito de ir à biblioteca da escola para pegar livros emprestados, cultivando ali o hábito da leitura. Coursou o ensino fundamental em uma escola pública que não ficava na comunidade onde residia e lembra de haver, dentro da escola, conflitos entre os alunos por conta de facções criminosas distintas das comunidades a que pertenciam os estudantes, mas destaca que essa questão não afetou o seu desempenho escolar. Mantinha-se sempre focada nos estudos, realizando as atividades escolares e aproveitando os recursos que a escola oferecia, como a biblioteca, os esportes e o teatro. Ainda que fosse bastante dedicada aos estudos, quando cursou a quinta série do ensino fundamental, sentiu dificuldades na disciplina de matemática, e logo sua mãe a colocou em um reforço da matéria, o que acabou ajudando bastante na época a melhorar o seu desempenho na disciplina.

Chegado o momento de cursar o ensino médio, em 2004, pediu para sua mãe lhe matricular em uma escola em que tinha vontade de estudar, um colégio que oferecia curso técnico em informática. No entanto, no momento da matrícula, sua mãe acabou se confundindo com o nome da escola e a matriculou em uma Escola Normal, destinada para a formação de professores. Se deparou então, com uma outra realidade, já que a escola era localizada no centro da cidade do Rio de Janeiro. Assim, passou a conviver com pessoas de diferentes classes sociais e diferentes culturas, algo novo para ela que, até aquele momento, convivia basicamente com pessoas oriundas de comunidades. Naquele período, houve um estranhamento por parte das pessoas da comunidade em relação ao uniforme que Janaína utilizava para ir para a escola. Com o uniforme de normalista, composto por saia e camisa de gola, Janaína chamava atenção no bairro em que morava, pois era uma vestimenta muito diferente daquelas que a maioria dos alunos ali costumavam usar. Essa época do ensino médio foi emblemática na vida de Janaína, pois foi o primeiro momento em que ela passou, não apenas a conviver com uma maior diversidade, mas também a ter uma maior mobilidade pela cidade, ao se deslocar diariamente de sua casa para a escola.

Ao longo dos quatro anos nessa escola, conviveu com muita diferença. Viviu situações de estranhamento quando ia fazer trabalhos escolares na casa de seus colegas, percebendo que era comum haver, na casa deles, computadores, e lembra do impacto quando notou que, na casa

de um deles, havia três computadores. Assim, conta que foi percebendo que havia uma diferença ali:

(...) eu fui tomando esses choques assim, apesar da amizade, do vínculo ali afetivo dentro da sala de aula com essas pessoas, eu sabia que elas não eram iguais a mim, eram... foi meio difícil pra me adaptar (...)

No processo de adaptação, Janaína encontrou pessoas que também eram oriundas da comunidade e, embora não fossem de sua turma, se encontravam nos momentos de ida e volta da escola. Essas eram pessoas com as quais se identificava e que a faziam se sentir melhor naquele ambiente, lembra Janaína. Apesar das dificuldades de adaptação, que também envolviam um maior número de disciplinas e conteúdos que exigiam bastante dos alunos, Janaína conseguiu ter um bom desempenho ao longo do seu ensino médio, chegando a se destacar na escola em 2004, quando participou de um concurso de redação promovido pela secretaria de educação do estado do Rio de Janeiro, no qual teve um texto publicado pela Folha Dirigida, sendo um momento de muito orgulho para sua mãe.

Quando passou a cursar o segundo ano do ensino médio, sua rotina foi alterada. No período da manhã estudava no colégio, localizado no centro da cidade, à tarde ia para o estágio que ficava no bairro do Maracanã, chegando em casa por volta das 18 horas. Em seguida, no período da noite, ainda oferecia reforço escolar para duas crianças da comunidade, o que lhe garantia uma certa quantia em dinheiro. Com uma rotina exaustiva ao longo da semana, muito voltada para os estudos, aos sábados, Janaína não deixava de cumprir a sua obrigação quanto à limpeza da casa.

No último ano do ensino médio, após quatro anos estudando para a formação de professores, Janaína enfrentou um momento difícil em sua trajetória e não sabe o que fazer. Em 2007, realizou a prova do ENEM e acabou desistindo no meio da aplicação do exame mediante os sintomas de ansiedade e estresse que sentia naquele momento. Decide, então, não entrar na faculdade e estudar para concurso público. No entanto, ao se formar no ensino médio, começou imediatamente a trabalhar para garantir o seu sustento. Com dezoito anos, começou a trabalhar como caixa em uma loja de conveniência de um posto de gasolina, com carteira assinada, e ali permaneceu ao longo de um ano. Fazendo algumas economias a partir do salário, somado ao valor recebido do FGTS, Janaína investiu, em 2009, em um empreendimento de "quentinhas" (produção de refeições) com um amigo no centro do Rio de Janeiro. Depois de oito meses nesse trabalho autônomo, a depressão tomou tamanha dimensão na vida de Janaína que passou a impedir o prosseguimento deste empreendimento.

Entre os anos de 2009 e 2010, Janaína viveu um período de depressão profunda, não conseguindo desempenhar nenhuma atividade, seja no âmbito dos estudos ou do trabalho. Uma pessoa importante nesse período foi a sua mãe, que, em certo momento, teve uma conversa muito séria com ela, elogiando suas capacidades, incentivando-a a prosseguir com seus projetos. Assim, mesmo afastada dos estudos há muito tempo, Janaína resolveu fazer a prova do ENEM em 2010 e, no ano de 2011, inscreveu-se no SISU, tendo como primeira opção o curso de Gestão Pública e como segunda opção o curso de Direito, ambos na UFRJ. Não sendo aprovada na primeira chamada, ficou frustrada e deixou de acompanhar os resultados. Posteriormente foi informada que havia sido aprovada em outras chamadas, mas já havia perdido o prazo das matrículas. No segundo semestre daquele mesmo ano, com a abertura de novas inscrições para o SISU, Janaína se inscreveu novamente e, dessa vez, no curso de Ciências Sociais na UFRRJ. Sendo aprovada, Janaína se matriculou no curso que ficava no câmpus Seropédica, localizado na baixada fluminense.

Com medo, sem saber como se manter na universidade, recebeu o incentivo de sua mãe que, na época, já separada do pai de Janaína, conversou com o então ex-marido, a fim de que ele ajudasse a filha de alguma maneira. Assim, Joseane combinou com Arlindo que ele compraria um notebook para a sua filha, pois seria um material fundamental para os seus estudos na universidade, enquanto que ela ajudaria financeiramente a filha para que se mantivesse estudando.

Na primeira semana de integração na universidade, Janaína conheceu algumas pessoas que a acolheram no alojamento universitário, pois ainda não tinha conseguido a vaga na moradia. Embora estivesse se inscrito para concorrer às bolsas de permanência, os resultados ainda não haviam sido publicados. Sem bolsa alimentação, se manteve nos primeiros meses com o valor de vinte reais por semana dado por sua mãe e retornava para casa com um bilhete de transporte público emprestado por um amigo.

Então essas pessoas elas me ajudam, me cedem o alojamento, eu vou morar nesse alojamento e eu não tinha bolsa também, não tinha bolsa alimentação, então os vinte reais que minha mãe me dava era a conta certa de comprar o tíquete-alimentação do almoço, da janta e também do café da manhã. Me sobrava cinquenta centavos, isso foi muito marcante porque eu sobrevivi um semestre ali daquela faculdade com cinquenta centavos por semana.

Não sobrando dinheiro para as cópias dos textos para estudar no primeiro semestre, Janaína recorria a buscas na internet para encontrar PDFs e a ajuda de colegas que, às vezes, lhe emprestavam os textos. Em meados do primeiro semestre, saiu, enfim, o resultado de sua

vaga no alojamento da universidade, bem como a bolsa alimentação. Assim, os vinte reais que sua mãe lhe dava toda semana passou a ser gasto com as cópias de textos e itens básicos de higiene pessoal.

No segundo semestre de 2012, com a greve geral das universidades federais, Janaína conseguiu um emprego como controladora de estoque em uma fábrica de colchões. Após o retorno das aulas na universidade, Janaína retornou aos estudos, embora sua vontade fosse continuar no trabalho, pois sabia que voltaria para uma rotina com pouco dinheiro. Nesse retorno, conheceu a capelania universitária, onde passou a se envolver com as atividades da casa e, inclusive, a desempenhar atividades de limpeza que eram remuneradas e que contribuíram para o seu sustento até o ano de 2014, quando decidiu trancar a faculdade para trabalhar:

Eu começo a me sentir muito mal porque eu já venho de uma rotina de trabalho onde eu tinha o mínimo pelo menos pra mim e a faculdade ela foi aflorando a depressão e a ansiedade em mim porque eu, eu precisava me virar financeiramente então eu me sentia culpada por estudar.

Com a faculdade trancada, começou a trabalhar na campanha de um deputado federal e, quando retornou, se viu deslocada do meio acadêmico. Com dificuldades, concluiu mais alguns períodos, se sentindo mal por estar apenas estudando. Lembra ainda que, em um certo momento, chegou a realizar uma faxina na casa de uma pessoa, a fim de ganhar um dinheiro. Voltou a trancar a faculdade, mais uma vez para trabalhar e, dessa vez, conseguiu um emprego como orientadora social, onde trabalhou por um certo período. Em 2017, trocou mais uma vez de trabalho, onde permaneceu até o ano de 2020. Centrada no trabalho, encontrou muitas dificuldades para concluir a graduação quando faltava apenas a monografia (trabalho de conclusão de curso), enfrentando crises de pânico, ansiedade e depressão nessa reta final.

Em 2020, no meio da pandemia de Covid-19 e ainda com a faculdade trancada, Janaína mudou-se para Florianópolis em busca de novas oportunidades e passou a se dedicar mais à escrita de sua monografia. Diante dos problemas de depressão e ansiedade que lhe atormentavam, em 2021 ainda retorna para o Rio de Janeiro, para a casa da sua mãe em busca de afeto. Com o acolhimento de sua mãe, conseguiu ter um maior foco na escrita e logo finalizou seu texto, concluindo sua graduação em Ciências Sociais no ano de 2021. Com uma casa financiada na cidade de Itaboraí, no Rio de Janeiro, Janaína segue trabalhando como entrevistadora para o IBOPE na cidade de Florianópolis.

3.5 A trajetória no trabalho doméstico: entremeando a experiência de Joseane com a de outras trabalhadoras domésticas

Destaca-se ao longo de toda a trajetória de Joseane o empenho em garantir a sua sobrevivência e a de sua família. Se, em um primeiro momento, a sua dedicação ao trabalho destina-se a auxiliar sua mãe e seus irmãos mais novos, posteriormente, esse dispêndio de energias, trabalho e cuidado passa a ser destinado para o sustento dos seus filhos. Com estes, cria-se também todo um investimento para que eles não passassem pelas privações e constrangimentos vividos por ela, o que nos faz retomar o relato de Joseane que abre esse capítulo:

Pelas humilhações que eu sofria, eu e meus irmão, pela vida difícil lá, então quando eu me vi com os filhos, eu falava que eu não queria que meus filhos vivesse ali e passasse pela situação que eu passei, então eu quis, eu queria que eles tivessem uma vida diferente da minha.

(...) principalmente de não passar fome, de ter o que comer. Que eu passei necessidade, meus filho não.

Desse modo, percebe-se que, para Joseane, a busca por mobilidade social está mais nesse sentido mais básico, sobretudo em garantir o sustento de si e sua família, realçado em seu relato pela garantia de uma alimentação digna.

Ao mencionar os filhos, demonstra um certo orgulho do fato de todos eles terem conseguido estudar, terem suas profissões³⁶, destacando que nenhum deles lhe deu maiores preocupações, como vícios em drogas ou bebidas, e confere, assim, valor à sua trajetória, diante da história digna construída por ela e seus filhos. Nesse sentido, vale lembrar o que Ciocari (2015) chamou em seu estudo sobre o universo de mineiros de carvão de “pequena honra”:³⁷

O que passei assim a denominar como “pequena honra” é a combinação entre o prestígio que cada um obtém socialmente e a estima de si, seu próprio sentimento de dignidade, que tanto é alimentado por esse reconhecimento como o alimenta na esfera social. Todo o tempo evidencia-se uma tensão entre o prestígio e o desprestígio, o respeito e desrespeito (CIOCCARI, 2015, p. 83).

³⁶ Joseane conta que seu filho mais velho, Leandro, fez um curso técnico de Refrigeração e Joseane destaca que ele trabalha nessa área : “ele vive bem com isso, gosta disso”. Sua filha Jussara fez o curso técnico de Segurança do Trabalho, o Pedro fez Técnico de Informática e a Janaína concluiu um curso de Ensino Superior: Bacharelado em Ciências Sociais.

³⁷ Inspirada no modelo de Redfield (1967), referente à Grande e a Pequena Tradição a autora desenvolveu os termos de “grande honra” e de “pequena honra”: “Guardando uma alusão ao sentido original, tomei de empréstimo o modelo transformando-o em ‘grande honra’, de cuja construção participariam o Estado, as empresas, os partidos, a mídia, os sindicatos, os intelectuais e toda uma gama de agentes com poder sobre a opinião pública, e ‘pequena honra’, correspondendo a uma diversidade de valores, crenças e práticas locais combinados entre si, com origem periférica em relação à centralidade representada pela ‘grande honra’.” (CIOCCARI, p. 82, 2015).

Embora a noção de “pequena honra” desenvolvida por Cioccarri (2015) esteja mais ligado ao trabalho, verifico essa forma de “pequena honra” na percepção de Joseane sobre sua trajetória. Ela traz em sua narrativa um orgulho de si perante a maior escolaridade que garantiu aos filhos. Ela pontua também a atenção que conferiu à saúde de seus filhos, algo que se orgulha, como pode-se conferir nesse relato:

Levava eles uma vez no mês no médico, levava eles no dentista, levava eles pra tomar as vacina, tu vê as carteira de vacina deles... até... tudo certinha, tudo direitinho.

Além disso, essa “pequena honra” encontra-se também quando enfatiza, em sua narrativa, que suas filhas não reproduziram a profissão do trabalho doméstico. Ela traz esse relato ao narrar sobre as dificuldades que enfrentou enquanto trabalhadora doméstica:

Sofrimentos de trabalhar de diarista porque você... aí eu fui aprendendo a me defender, aí eu ia trabalhar em casas que queriam me maltratar, eu já não ficava, já partia pra outra, mas não desisti em nenhum momento e daí pra (inaudível) tanto que todo mundo foi fazer curso, todo mundo pra estudar... que eu nunca, não deixei minhas filha trabalhar como doméstica, não deixei. Não é que desmereça... engraçado que eu não deixei elas.

Essa busca por melhores condições de vida para seus filhos está diretamente relacionada com a migração de Joseane para o Rio de Janeiro. Como pode-se observar em trecho do relato transcrito no início deste capítulo, Joseane, vendo-se já com seus dois primeiros filhos em Esplanada e com escassas oportunidades de trabalho, partiu para o Rio de Janeiro. Assim, as memórias de humilhações vivenciadas na sua cidade de origem, inclusive a fome na infância, impulsionaram Joseane a assumir o risco de ir para um lugar distante e desconhecido.

Ela permanece um período de vinte anos no Rio de Janeiro até o momento em que as dificuldades financeiras impostas para ela e sua família a fazem buscar melhores condições de vida em um outro lugar que, no caso, foi Esplanada, sua cidade natal. Esses movimentos realizados por Joseane representam uma busca consciente de sobrevivência, podendo tanto ser para uma cidade desconhecida, ou mesmo para aquela de que saiu um dia. Nesse sentido, Silva e Menezes (2006) discutem que, desde a década de 1970, muitos estudos apontavam para grupos de trabalhadores que migraram repetidas vezes a fim de encontrarem meios de sobrevivência, o que indicava um outro caminho interpretativo distinto daquela ideia clássica de origem e destino. As autoras concebem que, em relação à migração de retorno, o próprio migrante não identifica sua volta enquanto retorno:

O migrante não abandona a origem para se integrar no destino, ao contrário, a migração representa um ponto de contato permanente entre um e outro local (SILVA & MENEZES, 2006, p. 6).

É nesse sentido que é possível perceber a migração de Joseane. Os deslocamentos que realizou, ainda muito jovem no estado da Bahia e posteriormente para o Rio de Janeiro e depois novamente para a Bahia, são motivados pela busca por um desejo de melhoria de vida para si e para sua família. Assim, nem a Bahia nem o Rio de Janeiro são lugares definitivos, mas parte de um processo que integra a vida de Joseane. Desse modo, os deslocamentos geográficos que realizou sempre estiveram relacionados com a busca de sobrevivência do grupo familiar. Quando foi para Alagoinhas e para Salvador, buscava ajudar a sua mãe e os seus irmãos mais novos. Já em sua ida para o Rio de Janeiro, em 1982, ou quando retornou para Esplanada, em 2002, também foi um deslocamento em busca de melhores condições para si e seus filhos.

Como foi possível notar na trajetória de Joseane, ao longo da sua vida, suas experiências no trabalho doméstico remunerado foram majoritariamente na modalidade de diarista, embora tenha experimentado o trabalho como mensalista também. Desde quando Joseane migrou para o Rio de Janeiro, seu trabalho como doméstica se deu como diarista. Nesse tipo de trabalho ela situa vantagens na autonomia que tinha em relação à flexibilidade de horários que permitia levar os filhos ao médico ou ao dentista. Além disso, ela destaca que o trabalho como diarista lhe garantia uma maior remuneração do que quando, por exemplo, ela trabalhou de carteira assinada em uma empresa como faxineira. Pode-se destacar essa autonomia característica do trabalho como diarista no momento de deixar o trabalho diante de alguma situação de humilhação. Isso, de fato, é demonstrado ao longo da trajetória de Joseane como diarista no Rio de Janeiro, uma vez que relatou que, em mais de uma ocasião, quando se sentia constrangida ou humilhada em alguma casa não voltava mais a trabalhar. Essa condição do trabalho de diarista também foi observada em pesquisa por Porfírio (2021), que entrevistou tanto empregadas domésticas mensalistas quanto diaristas. Ela pontua, a partir das entrevistas que realizou com estas últimas, que “se não se sentem valorizadas com determinado empregador, têm a opção de não voltarem mais a trabalhar para ele, o que não acontece com as mensalistas” (PORFÍRIO, 2021, p.99). Vale destacar que a dinâmica do trabalho da diarista é distinta da empregada doméstica. Embora ambos estejam ligados ao desempenho do trabalho reprodutivo de uma casa, a empregada doméstica mensalista, no geral, fica restrita apenas a uma casa, estabelecendo uma relação mais estreita apenas com um patrão ou patroa. Já a diarista realiza seu trabalho de forma mais flexível, de acordo com a demanda de faxinas e no modo que

consegue inserir as casas na sua rotina de trabalho, estabelecendo assim um maior número de patroas/patrões para quem desempenha o trabalho doméstico.³⁸

Joseane conta sobre o adoecimento de sua mãe por conta do excesso de trabalho, diante da sobrecarga de criar os filhos praticamente sozinha, e aponta essa situação como aquela que mais a impulsionou a se dedicar ao trabalho ainda tão jovem. Essa situação de sobrecarga de trabalho se repete em sua vida adulta diante da ausência do marido no cumprimento das obrigações como pai e marido. Essa realidade a levou a se desdobrar entre o trabalho doméstico e de cuidado no interior da sua casa, em que se via responsável pelos cuidados dos filhos pequenos e da sogra, uma mulher que, na época, encontrava-se debilitada, e do trabalho doméstico remunerado, onde cumpria a função de diarista em diversas casas no Rio de Janeiro, a fim de levar o sustento para seu lar. Essa dupla jornada, não surpreendentemente, levou ao desenvolvimento de várias doenças, como relatou em entrevista. Viveu, assim, a sobrecarga de trabalho evidenciada pela conciliação do trabalho doméstico e de cuidados de sua casa, somado ao da casa de outras pessoas de forma remunerada. Nesse sentido, a divisão sexual do trabalho opera na medida em que se estabelece uma divisão desigual do trabalho doméstico entre homens e mulheres, como discutiram Hirata e Kergoat (2007).

É importante reiterar que o exercício do trabalho doméstico veio cedo para as trabalhadoras domésticas entrevistadas nessa pesquisa. Assim como na trajetória de Bete, a socialização no trabalho doméstico veio cedo para Joseane. O empobrecimento da família de Joseane, agravada pela fatalidade da morte do pai quando ainda era uma criança, a levou a assumir responsabilidades junto com sua mãe. A execução do trabalho doméstico e do cuidado no interior do lar de sua família se traduziu no trabalho como babá e posteriormente como empregada doméstica na casa de outras famílias. As atividades aprendidas e desempenhadas em sua casa, ao lado de sua mãe e irmãos, portanto carregado de afeto, passa a tomar forma de trabalho remunerado desempenhado com muito cuidado e dedicação e, como disse sua filha Jussara em entrevista:

minha mãe é, nossa! ela é muito excelente. A minha mãe, ela esfrega até brilhar, ela se cobra demais fazendo uma coisa muito simples, então, poxa, a minha mãe ficar magoada é porque a pessoa magoou ela. Aí chegava e falava assim “poxa, mas você limpou aqui tinha que dá um jeitinho assado. Ficou bom, mas não ficou tão bom.” Aí minha mãe, ela levava pro coração, sabe? Ela ficava muito ofendida. Aí ela ficava, “ah, poxa, esse trabalho não

³⁸ Alexandre Fraga, em sua dissertação de mestrado, *De empregada a diarista: as novas configurações do trabalho doméstico remunerado* (2010), trata detalhadamente da diferenciação entre empregado doméstico e diarista nos termos legais e discute sobre as mudanças no trabalho doméstico remunerado e o aumento do número de diaristas nos anos 2000.

tem valor, mas é assim mesmo e tal.” Eu ouvia muito esses relatos assim dela. Dela, às vezes, se sentir um pouco diminuída porque a pessoa queria dar mais do que pagava, mais trabalho, né? Do que ela tinha que fazer e cobrava, tal. Aí ela se sentia muito assim, usada de uma forma que não era necessário...

As filhas escutaram, ao longo de toda a vida, os relatos da mãe sobre a frustração diante da falta de reconhecimento do seu trabalho, o que é marcante na vida das mulheres dessa família. Jussara reconhece o trabalho bem feito da mãe e, com tristeza, narra a frustração dela. Esse é um sentimento compartilhado entre as trabalhadoras domésticas: a falta de reconhecimento do trabalho bem feito como é relatado por Cármen, trabalhadora doméstica, autodeclarada parda, de 53 anos:

É um trabalho muito pesado e muitos não valoriza mesmo que você... cê dá o melhor de você, mas às vezes os patrão ainda bota defeito que não tá bom, que não tá num sei o quê e isso eu não queria pra minha filha, de jeito nenhum! (...) E foi aonde que eu lutei pra poder ela [a filha] estudar, pra fazer a diferença na vida dela. Hoje em dia, se eu hoje fosse nova eu não queria mais esse trabalho pra mim. Eu sei, eu gosto, eu gosto de cozinhar, eu gosto de servir e tudo, mas pelas pessoas não valorizar o seu trabalho. (...) Que é um trabalho que não é valorizado ainda que devia ser mais valorizada, que devia ter um ganho melhor porque você faz de tudo... você cozinha, você lava, você passa cê faz não sei quantos serviços num só e as pessoas não te valoriza. Ainda acha que ganha bem, sem ganhar. Porque se você for cobrar por cada trabalho que você faz, a empregada doméstica deveria ganhar muito melhor.

Quando Cármen, por exemplo, afirma que “gosta de cozinhar, gosta de servir” apresenta sua subjetividade ali, pautada numa relação muito estreita com o trabalho doméstico, pois, assim como Joseane ou Bete, também teve o trabalho doméstico presente em sua vida desde muito cedo, sendo uma atividade que elas sabem desempenhar e a fazem bem feita. Desse modo, é importante considerar as referências dessas mulheres, ou seja, o valor que conferem para o trabalho que desempenham, mas que não é conferido na mesma medida pelas pessoas para as quais trabalham.

Além do desvalor do trabalho doméstico, algo que acompanha as trajetórias dessas mulheres, inclusive a de Joseane, é o constrangimento para trabalhar a mais do que o combinado. Joseane conta sobre a situação em que certa patroa a fazia trabalhar mais do estipulado, mesmo sabendo que ela tinha um filho pequeno em casa que dependia do seu retorno para ser amamentado:

A casa grande... eu ia, limpava aquela casa toda e quando eu tava terminando pra ir embora, tipo assim, quatro e pouca, cinco hora ela

inventava mais coisa e eu entrava pela noite e quando eu dizia assim “eu quero ir embora, eu preciso ir embora porque eu tenho meus filho pequeno pra cuidar” “pobrema seu! Você tá aqui, eu vou te pagar, se você não fizer, eu não vou te pagar!” E eu ficava desesperada porque até então eu precisava daquele dinheiro e até mesmo pra passagem pra voltar pra casa. Eu dependia que ela me pagasse pra eu voltar.

Comportamentos desse tipo são caracterizados como assédio moral³⁹, situação em que há a exposição de pessoas a situações humilhantes e constrangedoras. Infelizmente, esse tipo de assédio é comum entre as trabalhadoras que, mediante a condição subalterna que vivem no interior da casa dos seus patrões, acabam encontrando-se em extrema desvantagem social. Em um trabalho solitário, em que na maioria das vezes, não há contato com outros trabalhadores, se veem isoladas, suscetíveis a sofrerem preconceitos classistas e racistas e não terem a quem recorrer ou que possa testemunhar a seu favor.

Situação semelhante aconteceu com Nelma, 45 anos, autodeclarada preta. Ao longo da sua trajetória como trabalhadora doméstica passou por vários constrangimentos. Um deles, que narra em entrevista, foi uma situação de assédio moral, em que sua patroa relatava o desaparecimento de objetos da casa (que posteriormente eram encontrados por ela) insinuando que tais sumiços poderiam ser obra de Nelma. Isso gerava um enorme desconforto em Nelma, que sentia-se constrangida já que como relatou em entrevista:

Pra quem sempre trabalhava direito, gostava das coisa direito, meus pais nunca ensinou coisa errada pra gente, sempre era o certo e tal. Começar falar que tá sumindo as coisa, né? é demais.

Esse sentimento de ter sua honra posta em dúvida incomodou Nelma a tal ponto de, certo dia, convidar sua patroa a ir em sua casa, o que gerou um estranhamento na mesma. Nelma explicou para sua patroa que queria provar a ela que não estava levando nada de sua casa. Essa atitude de Nelma gerou um desconforto em sua patroa, que desconversou e disse que não iria.

Através dessas situações constrangedoras e humilhantes vividas por essas mulheres na casa de suas patroas, acaba chamando muita atenção a desumanização sofrida pelas trabalhadoras domésticas, que se revela em vários aspectos. Um deles é trazido também nos relatos de Joseane, na relação com uma de suas patroas, quando ela relata situações como aquela

³⁹ Sobre o assunto, ver cartilha de prevenção ao assédio moral elaborada pelo Tribunal Superior do Trabalho em parceria com o Conselho Superior da Justiça do Trabalho, disponível em: <https://www.tst.jus.br/documents/10157/55951/Cartilha+ass%C3%A9dio+moral/573490e3-a2dd-a598-d2a7-6d492e4b2457#:~:text=Ass%C3%A9dio%20moral%20%C3%A9%20a%20exposi%C3%A7%C3%A3o,prejudicando%20o%20ambiente%20de%20trabalho>. Acesso em: 17 de Fevereiro de 2023.

do pão mofado que sua patroa lhe ofereceu, assim como o pão duro para seus filhos, referindo-se a eles como “ratinhos”. Esse foi um caso de explícita desumanização, sugerindo uma inferioridade, não só a uma pessoa como à sua família.

Nessa perspectiva, é importante lembrar do período mais delicado da pandemia de Covid-19, o ano de 2020, quando se sabia pouco sobre o vírus, com a vacina ainda em desenvolvimento e quando as taxas de complicações e morte por conta da contaminação do vírus eram altíssimas. Ao longo do ano de 2020, muitas desvantagens recaíram para as trabalhadoras domésticas que, se viram constrangidas a trabalharem, seja confinadas na casa de seus patrões, seja na exposição ao vírus durante o deslocamento de suas residências para a casa de seus patrões. Vale ressaltar que a primeira vítima da Covid-19 na cidade do Rio de Janeiro foi uma trabalhadora doméstica negra de 63 anos, hipertensa e diabética, que trabalhava em uma casa no Leblon, cuja empregadora havia retornado recentemente da Itália e que havia testado positivo para a doença. De acordo com dados do Instituto Locomotiva trazidos em matéria da BBC News Brasil de 2020, “23% dos empregadores e empregadoras de diaristas e 39% dos patrões de mensalistas afirmaram que suas funcionárias continuam trabalhando normalmente, mesmo durante o período de quarentena”⁴⁰. Realidade hostil para as trabalhadoras domésticas que se viram mais expostas ao vírus, seja no interior da casa de seus patrões, seja nos deslocamentos para o trabalho.

Desse modo, observa-se a presença de uma distinção entre quem teve o direito de proteger suas vidas diante da ameaça de um vírus, em detrimento daqueles que foram obrigados a se expor. Demonstra-se assim, a retirada da humanidade da trabalhadora doméstica, utilizada para servir a todo custo. A experiência de desumanização é comum nos relatos das trabalhadoras no sentido de serem intimidadas a trabalharem mais do que foi o combinado, como contado pela filha de Joseane. Essa experiência também se revela no sentido de serem vistas por seus patrões como inferiores, passíveis de um tratamento humilhante, como nos casos relatados por Joseane nas relações estabelecidas com várias de suas patroas durante sua trajetória.

É pertinente considerar a desumanização sofrida por essas trabalhadoras em uma perspectiva interseccional (Crenshaw, 2002). Quando partimos do dado de que a maioria das trabalhadoras domésticas no Brasil são mulheres, que em maior número são negras, essa chave analítica ecoa como um bom caminho interpretativo para a compreensão dessa realidade

⁴⁰ Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-52375292>. Acesso em: 04/02/2023

marcada por múltiplos atravessamentos. No caso estudado desta pesquisa, em que encontram-se, em sua maioria, mulheres não-brancas que migram do Nordeste para o Sudeste a fim de se empregarem como trabalhadoras domésticas, é possível observar diversos atravessamentos que se somam colocando essas mulheres em desvantagem social. Apresenta-se assim, a condição de serem mulheres empobrecidas, migrantes e não-brancas que acabam sendo desumanizadas por suas patroas e patrões.

A realidade de desumanização sofrida pelas trabalhadoras domésticas é discutida pela pesquisadora Tamis Porfírio com foco na questão racial. Em seu livro *A Cor das Empregadas: a invisibilidade racial no trabalho doméstico remunerado* (2021) é tratada a realidade das mulheres negras no trabalho doméstico. Porfírio (2021) debruça-se sobre as experiências das trabalhadoras domésticas a partir de seus relatos para compreender mecanismos de desumanização, desvalor do trabalho doméstico entre outros elementos que perpassam esse tipo de trabalho. A autora chama atenção para o fato de como o trabalho doméstico passou a se constituir de características racializadas:

Não se pode ignorar as origens escravocratas do trabalho doméstico remunerado, não só no que diz respeito à sobre-representação de mulheres negras nessa categoria, desde que esse tipo de serviço passou a ser realizado de forma remunerada e não apenas de forma escrava, mas também a própria origem do serviço realizado pelas mucamas em tempos de escravidão. Tal origem histórica cumpre uma ordem de estigmatização circular em que tanto os indivíduos que praticam o trabalho doméstico remunerado são estigmatizados por praticarem esse tipo de serviço, quanto pelo próprio trabalho doméstico carregar o estigma de ser um ‘trabalho rebaixado’ e sem valor por ser em sua origem histórica, aqui no Brasil, delegado pelas famílias brancas e detentoras de posses (padrões sociais) a escravas, tornando, assim, o trabalho doméstico um ‘trabalho de preta’, de escrava. (PORFÍRIO, p.70, 2021)

Desse modo, como pontuou Porfírio (2021) observa-se que a trabalhadora doméstica carrega consigo o estereótipo da escrava, desumanizada e que, portanto, pode ser naturalizada todo tipo de violência e humilhação vivenciada em seu ambiente de trabalho.

Durante a aplicação do questionário, as interlocutoras desta pesquisa se autodeclararam quanto à raça e todas elas podem ser colocadas aqui como não-brancas. Quando perguntei a Joseane sobre como ela se declara em relação à raça, ela me respondeu “eu me acho amarela”. A experiência que ela sofreu quando ainda era criança na casa das pessoas para as quais ela trabalhava, onde foi submetida a agressões relacionadas às características do seu cabelo, nos faz enquadrar como um episódio de racismo, onde foi humilhada. Como aparece em sua

trajetória, o cabelo cheio⁴¹ de Joseane era motivo de incômodo para a sua patroa que usava dessa característica para agredi-la tanto verbalmente quanto fisicamente.

3.6 O assédio sexual no trabalho doméstico remunerado

Dentre as situações de violências e constrangimentos que marcaram a trajetória de Joseane no trabalho doméstico e que, de alguma maneira, articulam-se com as trajetórias da maioria das outras interlocutoras, encontrou-se o assédio sexual vivenciado por elas como uma questão delicada, mas pertinente de ser tratada nesta pesquisa. Optou-se por trazer uma seção para se tratar desse tema que surgiu nas entrevistas de forma espontânea, não só por parte de Joseane, mas por mais duas outras trabalhadoras domésticas entrevistadas. Por se tratar ainda de um tema tabu, mas presente na trajetória de muitas trabalhadoras domésticas, trata-se de um tema com uma discussão ainda incipiente. Além disso, entende-se como um tema sensível para desenvolvê-lo na trajetória da interlocutora sem oferecer o desdobramento analítico devido e, embora constitua uma questão muito importante, não constitui a questão central desta pesquisa. Desse modo, para não se cometer o erro de tratá-lo de forma abrupta na trajetória, mas também não desconsiderá-lo, abre-se uma seção para discuti-lo a partir da reunião dos relatos das interlocutoras.

Em estudo produzido por Tamis Porfírio para a ONG Themis – Gênero, Justiça e Direitos Humanos (THEMIS, 2022), a autora traz uma importante contribuição para o debate sobre o tema de assédio sexual que sofrem as trabalhadoras domésticas ao investigar as vivências de assédio e violência sexual sofridos pelas mesmas. Nesse estudo há também uma análise sobre a importância da Convenção 190 e sua Recomendação 206 da OIT⁴² no enfrentamento à violência de gênero no cotidiano do trabalho. A importância desse estudo se dá não só pelo tema, mas pela maneira que foi conduzido. Sua realização se deu a partir de uma parceria dos pesquisadores com as próprias trabalhadoras domésticas de diversos países da América Latina e Caribe, sobretudo para a realização das entrevistas. Essa metodologia que uniu pesquisadoras e trabalhadoras domésticas permitiu que um tema tão sensível fosse

⁴¹ Em relação à questão do cabelo, uma outra interlocutora desta pesquisa trouxe relatos durante a entrevista sobre essa questão. Nesse caso, foi uma interlocutora da segunda geração, Daiane, filha de Nelma. Daiane tem 21 anos e autodeclara-se como preta. O cabelo para ela desde muito jovem era uma questão a ser resolvida. Alisando o cabelo ainda criança, lembra que em um certo momento, cansada de todo o trabalho que tinha para alisá-lo, resolveu deixá-lo natural o que acabou não sendo um processo fácil. O processo de transição que passou foi marcado por dificuldades, inclusive da própria cabeleireira que durante o processo de transição a enganou alisando seu cabelo. Mesmo ela afirmando que não queria alisar o seu cabelo, a cabeleireira falou que seria apenas para abaixar o volume. O cabelo para as mulheres negras, desde muito cedo, aparece não apenas como cabelo, mas como uma questão a ser resolvida. O racismo que permeia a vivência dessas mulheres se expressa seja em um alisamento não autorizado como no caso de Daiane, seja em agressões físicas e verbais como sofreu Joseane.

⁴² A Convenção 190 e sua Recomendação 206 foram aprovadas no ano de 2019 pela Organização Internacional do Trabalho com a pretensão do enfrentamento ao assédio e da violência no ambiente de trabalho.

trabalhado de forma respeitosa. Em uma perspectiva interseccional, no estudo da Themis (2022) é discutida a questão do assédio sexual sofrido pelas trabalhadoras domésticas não só como uma questão de gênero, mas sinalizando os atravessamentos das desigualdades de classe e raça.

Durante a entrevista biográfica, de forma espontânea, Joseane narra episódios de assédio sexual sofrido no interior das casas onde trabalhou por parte dos patrões. A primeira vez que sofreu esse tipo de violência foi ainda em Alagoinhas, no interior da Bahia, residindo na casa de seus patrões. Na época, contava com apenas treze anos e o assédio partiu do seu patrão na época. Nas outras situações em que sofreu esse tipo de violência, já estava na cidade do Rio de Janeiro, quando trabalhava como diarista. Em todas essas situações, sua atitude foi deixar o trabalho.

Se entre a trabalhadora doméstica e a patroa o relacionamento se estabelece pelo compartilhamento do doméstico, como discutiu Kofes (2001), eis que o relacionamento entre a trabalhadora doméstica e o patrão se estreita na forma de assédio e violência como é discutido por Tamis Porfírio em estudo para a ONG Themis – Gênero, Justiça e Direitos Humanos (2022):

Dessa forma, a partir do sexismo, o assédio e a violência sexual são os pontos de contato mais comuns entre a trabalhadora doméstica e o patrão homem. Para essa trabalhadora, é a partir do medo de ser violentada e assediada sexualmente que a presença masculina se encontra mais perceptível dentro do lar, estabelecendo-se um relacionamento de poder e hierarquia entre as partes, o que carrega em si extrema inferiorização e subordinação. (THEMIS, 2022)

Ao ouvir as histórias das trabalhadoras domésticas, foi possível perceber que a posição dos homens, enquanto patrões, é alguém que passa a sensação de insegurança e medo no interior das casas. Por um lado, se via o apagamento da figura masculina quando elas narravam sobre a relação de trabalho, em que se sobressaía a relação da trabalhadora com a patroa. Já quando a figura do patrão aparecia, na maioria das entrevistas, o tom da narrativa trazido pelas trabalhadoras era de alguém que despertava nelas a sensação de desconforto, seguido de um relato de assédio.

Em uma das três situações que Joseane traz em entrevista em que sofreu assédio sexual, ela narra o incômodo pela situação constrangedora que passou e decidiu não voltar mais para a casa em que prestava o serviço doméstico há muitos anos. Assim, destaca que ficou ainda mais chateada diante o silêncio de sua patroa, que não a procurou após o ocorrido:

Eu trabalhava na casa, cuidava da roupa dela, da comida dela, da casa dela e o marido dela... ele era... ele trabalhava a noite, ficava de dia em casa dormindo. Ele trabalhava na (cita o nome da empresa), ele era num sei o

quê lá da (cita o nome da empresa) e ela... era... ela trabalhava de dia. No início, era tranquilo porque eu lembro que ele se trancava no quarto, ia dormir e eu não entrava naquele, nunca naquele quarto. Só quando ele não estava, calhava de um dia dele não estar porque ele às vezes trocava, dormia... ia trabalhar de dia e voltava a noite, e quando calhava eu limpava o quarto, mas ela que limpava o quarto, não era eu. Limpava o resto da casa, o apartamento e ele ficava trancado dormindo. Um belo dia, começou acordar, do nada, dos dias que eu tava lá... tava lá fazendo as coisa, ele acordava, aparecia na cozinha onde eu tava passando roupa, aí começava conversar. Até então tava indo muito bem, começou puxar assunto, conviver... convivendo, convivendo aí um belo dia ele veio pra cima me assediando. Queria porque queria... “que a gente pode namorar, ela não vai saber” “eu não quero, me respeita! E respeita sua mulér!” O negócio ficou doido. Aí ele ficou doido lá e eu vi que o negócio ia ficar sério, peguei minhas coisa e fui embora, larguei as coisa lá. Eu me lembro que eu larguei roupa, ferro na tábua, eu me lembro disso. Deixei prato na pia que ele tinha almoçado que eu nunca deixava nada, deixava tudo certinho pra ela. Eu gostava de trabalhar com ela, ela era... a gente se conhecia bem, se dava bem e ela me contratou pra fazer aquelas coisa que ela chegava cansada, tarde que ela trabalhava o dia inteiro e ele não fazia nada pra ajudar ela e eles não tinham filhos e ela não era novinha, ela era mais velha que eu, na época. E aí eu me senti ofendida sim porque ela me conhecia, se ela tinha um marido cafajeste deveria ter me avisado.

O interessante nessa fala de Joseane foi a frustração de não ter um retorno de sua patroa. Ela conta que era alguém que conhecia de longa data. Ela era a nutricionista da empresa que trabalhava e foi dali que a conheceu passando a fazer as diárias em sua casa após ter saído daquela empresa. Destaca que havia uma relação muito amigável com ela e que esperava uma outra atitude que não o silenciamento. Mais uma vez, parece surgir a expectativa de ser tratada como uma igual, algo que não aconteceu diante a postura do seu patrão que a assediou e nem por sua patroa que sequer buscou saber a causa por ter abandonado o trabalho.

Cármen também traz espontaneamente a situação de constrangimento por parte do patrão quando todo o resto da família foi viajar e ele ficou em casa e ela também. Ela, que na época morava na casa, já havia percebido comportamentos do patrão que a constrangiam e o estopim foi quando toda a família para a qual trabalhava fez essa viagem. Nesse momento, ela narra o medo que sentiu diante a atitude impertinente de seu patrão:

E aí eu saí que eu vi assim que meu patrão tava me olhando de um jeito diferente, eu saía, ele ficava olhando pelo olho de... olhinho mágico, que tinha aqueles olhinho na porta. Então eu entrava no elevador, tudo, esse tipo de coisa cê vai vendo, cê vai percebendo as coisa. Aí teve uma vez que a patroa viajou com as duas criança e ele não quis viajar, ele ficou e aí... aí eu cismeí, parece que tem coisa que eu olho... eu tranquei, eu fui dormir eu tranquei a porta, né? aí à noite eu vi ele mexendo na porta, aí no outro dia eu só levantei depois que ele foi pro trabalho que eu vi que ele bateu a porta que ele foi trabalhar aí eu já não ficava dormindo lá só enquanto ela

não chegou. Eu ia pra, pro trabalho da minha tia, dormia lá com ela, aí no outro dia cedo eu vinha fazer as coisa, deixava tudo pronto e ante dele chegar eu saí de novo. Aí quando ela voltou, eu pedi demissão e saí. Ela perguntou porque eu falei “não, porque fica longe, eu não quero é... vai ficar muito longe pra mim vim trabalhar” mas nem falei nada e quando ele chegou ela... ele falou pra ela “ah, parece que ela tava com medo de mim, não dormia aqui”. Aí eu fiquei queta, não falei nada, só pedi demissão e saí.

O emprego doméstico é marcado por ser um trabalho com características bem específicas, já que se dá no espaço da intimidade das pessoas, suas casas, o que relativiza seu caráter profissional e impessoal e passa a ser marcado mais pela pessoalidade e afetividade. Essas características somam-se à falta de proteção para as trabalhadoras, que se veem solitárias em um espaço que segrega espaços para elas, colocando-as em uma maior vulnerabilidade diante de sua condição de gênero. No caso de Cármen, que dormia no local de trabalho, essa vulnerabilidade é demonstrada numa situação onde, caso o ocorrido se agravasse, não teria a quem recorrer no momento ou para onde ir, considerando a situação de extrema desvantagem social em que se encontrava.

Sua situação, no entanto, no que diz respeito à relação com a patroa apresenta-se um pouco diferente do que aconteceu com Joseane, que buscou saber o porquê dela não querer continuar no trabalho. Isso se deu principalmente pelo tipo de trabalho doméstico que exercia em que era mensalista, além de residir no local onde trabalhava, o que facilitou um contato com sua patroa para explicar sua saída do trabalho, diferentemente de Joseane que mantinha uma relação mais autônoma a partir de sua função de diarista na época. Na condição de Cármen no entanto, é possível notar o sentimento de insegurança de contar para sua patroa o que de fato estava acontecendo e que a estava levando a tomar a decisão de sair daquela casa. O sentimento de culpa e o medo de serem culpabilizadas e de não terem as suas falas legitimadas é o que leva a muitas mulheres que sofrem esse tipo de violência a permanecerem em silêncio, sendo a atitude mais comum a demissão do trabalho. Essa foi também a atitude de Nelma que também residia no trabalho e, ao se sentir constrangida diante a aproximação de seu patrão, tomou a decisão de pedir demissão também.

A decisão de sair do emprego parece ser a mais comum entre as empregadas domésticas diante de uma situação de assédio. Essa tomada de decisão acaba se configurando como a mais prudente diante do medo que passam a sentir de residir em um ambiente onde podem ser constrangidas ou violadas a qualquer momento. Além disso, elas relatam o sentimento de não se sentirem confortáveis em compartilhar com suas patroas o verdadeiro motivo de estarem se demitindo. A condição de gênero, nesse caso, somada à condição de desvantagem econômica

parece pesar no silêncio que carregam. Nesse sentido, Nelma não conta o verdadeiro motivo para a sua patroa sobre o seu pedido de demissão do emprego:

Aí depois eu saí e ela “ah, e tal, porque você quer sair, você não tá gostando?” Aí inventei alguma coisa lá, mas não tive coragem de falar o maior porque que eu tava querendo sair dali.

L: Por que?

N: Porque é... eu tinha medo dele fazer alguma coisa comigo. E só que aí eu não tinha coragem de falar pra ela porque eu sabia que ela não ia acreditar ou qualquer coisa assim, né?

L: Você tinha medo de contar pra ela porque...?

N: Porque às vezes não acredita na gente, acredita nele e coisa assim, né? Então, achei melhor sair e deixar ele com ela lá.

Essas experiências de violências sofridas por Nelma, Cármen e Joseane ilustram um pouco sobre a realidade de muitas brasileiras que passam por diversos tipos de constrangimentos e assédios como esses, mas que não têm a oportunidade de falar sobre o assunto e, muitas vezes, nenhum apoio para denunciar esses abusos. O caráter solitário do emprego doméstico impõe uma dinâmica de pouca capacidade de agência para as trabalhadoras diante de situações de constrangimento no interior das casas de famílias de classe média ou alta. Quando situações de constrangimento partem dos patrões, o peso das desigualdades de classe soma-se à vulnerabilidade de gênero.

3.7 As filhas de Joseane: experiências juvenis entre o trabalho e o estudo

É comum que os pais tenham a expectativa de que os filhos tenham condições de trabalho e de vida mais justas e dignas do que tiveram. Para tanto, existe uma soma dos esforços dos pais e dos filhos para que essa expectativa torne-se realidade. No entanto, o contexto socioeconômico e político em que se encontram é fundamental para a viabilidade ou não de projetos de ascensão social para os sujeitos das classes populares. A hereditariedade do trabalho doméstico, fruto, na maioria das vezes, de um pauperismo de mulheres que atravessa gerações, teve ao longo dos anos 2000 e 2010, a possibilidade de frear esse ciclo de desigualdades. As políticas sociais desenvolvidas nesse período possibilitaram uma considerável melhoria de vida da população. Esse ganho social permitiu que as tímidas chances que a população empobrecida tinha de melhorar de vida através do trabalho (ou mesmo pela migração como observou-se na primeira geração de mulheres aqui estudada) acontecesse de uma outra maneira. As oportunidades que se abriram para a geração dos jovens das classes populares ao longo da década de 2000 e de 2010 se firmou na possibilidade de uma escolaridade alongada, algo que na maioria das vezes, era inédito em suas famílias.

Assim, durante os governos do PT (Partido dos Trabalhadores) houve algumas decisões políticas que possibilitaram uma mudança substancial na vida das pessoas mais pobres. O aumento real do salário mínimo, a diminuição do desemprego e a implantação do programa de redistribuição de renda Bolsa Família passou a garantir a dignidade de parte considerável da população. A crescente saída das pessoas da pobreza suscitou, inclusive, o debate sobre uma “nova classe média” (Neri, 2008) no fim dos anos 2000, já discutida aqui nessa pesquisa. Toda a discussão sobre a existência ou não de uma “nova classe média” naquele momento já demonstra a dimensão das mudanças efetivas que estavam acontecendo no período.

Além disso, o trabalho doméstico remunerado tem revelado novas configurações. De acordo com dados do Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos (DIEESE, 2013), de 2008 para 2011, houve uma redução de mulheres jovens no emprego doméstico passando de 16,8% para 9,3% entre as jovens de faixa etária entre 18 e 24 anos, o que sugere que as mulheres jovens estariam conseguindo acessar ocupações mais valorizadas e com melhor remuneração. Outro dado também apresentado pelo DIEESE (2013) é a maior escolarização das trabalhadoras domésticas: o grupo daquelas com Fundamental completo ou Médio incompleto cresceu de 20,4% para 23,1% entre 2004 e 2011, e aquelas com Médio completo ou Superior incompleto passaram de 11,3% para 19,0% em 2004. A maior escolarização indica uma tendência de busca por ocupações de maior prestígio e salários por essas trabalhadoras e as maiores oportunidades de concretizar uma maior escolaridade.

As transformações no mundo do trabalho doméstico remunerado, quando combinadas com a ampliação do acesso ao ensino superior, demarcaram mudanças importantes no Brasil contemporâneo. Janaína, por exemplo, estudou em uma universidade pública beneficiada pelo Programa de Apoio aos Planos de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais, o REUNI, uma ação que propiciou a ampliação do Ensino Superior no país. A implementação do REUNI nas Universidades Federais garantiu, principalmente, a criação de novos cursos nas universidades, o que, por sua vez, implicou no maior número de vagas e em infraestrutura para as universidades. O curso de Bacharelado em Ciências Sociais no qual Janaína se graduou foi criado pelo REUNI no ano de 2009, passando a oferecer junto com a Licenciatura 80 vagas anuais distribuídas no 1º e 2º períodos⁴³.

Visualizando esse contexto, é possível perceber que havia um cenário favorável para que mudanças sociais acontecessem como a tão significativa entrada das classes populares nas

⁴³ Ver dissertação de mestrado de Fabiane da Silva de Lemos Predes *A implementação do programa de apoio a planos de reestruturação e expansão das universidades federais (REUNI): consensos e dissensos na Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ)* (2015, p. 110).

universidades. Embora a entrada em um curso de graduação seja importante e significativa como possibilidade de novos horizontes para as classes populares, a permanência e a conclusão do curso demandam atributos materiais e sociais. Como é trazido na trajetória de Janaína, a sua permanência na universidade se deu com muitas dificuldades financeiras. Ainda que, a princípio, ela tenha garantido condições mínimas para sua sobrevivência durante a realização da graduação, como a moradia universitária e a alimentação no restaurante universitário, a falta de uma renda para garantir o seu sustento era uma ameaça constante, desde o seu ingresso no ensino superior.

Contando apenas com o pouco com o que sua mãe podia lhe ajudar financeiramente naquele momento, Janaína segue os primeiros anos da graduação se sentindo muito mal diante a falta de autonomia financeira. Manter uma rotina em que se pedia que os estudos fossem a centralidade não parecia fazer sentido diante tantas limitações que a falta de dinheiro impunha em sua vida. O objetivo de estender uma escolaridade além da educação básica esbarra nas escassas condições materiais para sustentar uma vida acadêmica linear. Assim, a conciliação entre estudo e trabalho vem a ser sua realidade já no primeiro ano de faculdade, configuração que se estende até a conclusão da sua graduação. Embora em alguns curtos períodos tenha se dedicado apenas aos estudos da graduação, logo o próprio desconforto material e o sentimento de culpa pela dedicação exclusiva aos estudos despontava, levando a conflitos internos. O desejo de trabalhar passa a ser não apenas motivado pela exigência de satisfazer necessidades básicas, mas para lhe trazer o sentimento de dignidade.

Margulis e Urresti (1996) discutem que geralmente os jovens de classe média e alta têm a oportunidade de estudar e postergar as responsabilidades da vida adulta. Esses jovens, por sua vez, teriam a seu favor a “moratória social” que seria um tempo a mais com condições favoráveis para vivenciar a juventude. Situação distinta seria experimentada pelos jovens das classes populares que adentram no mundo do trabalho mais cedo. Esse é o caso de Janaína e de sua irmã Jussara, em que essa “moratória social” é praticamente inexistente, havendo uma preocupação de ambas na busca de um emprego ainda muito jovens. É possível compreender que essa urgência advém, sobretudo, da carência de recursos da família, que não permitiu um período de despreocupação para essas mulheres. No caso de Janaína, que buscou uma escolaridade alongada, se sentia mal por estar estudando, uma culpa advinda da obrigação que sentia de ter que trabalhar, o que gerava crises de ansiedade e agravava sua depressão. Conciliar estudo e trabalho, então, passa a ser a alternativa que Janaína encontra para viabilizar seu sonho de se formar. No entanto, a dedicação ao trabalho, aos poucos, passou a ganhar importância frente aos estudos. Em contrapartida, a vida acadêmica gerou em Janaína um sentimento de

inadequação que, no limite, faz com que a escrita de seu trabalho de conclusão de curso se tornasse uma tarefa difícil e fonte de inseguranças para que concluísse sua graduação. Assim, quando se fala da inserção das classes populares nas universidades, verifica-se que a falta de políticas públicas e sociais de permanência implica diretamente no sucesso da política de acesso.

Abramo et al (2020) sinalizam que diferentemente do contexto europeu, em que a transição da escola para o trabalho esteve ligada ao processo de uma passagem lenta para a vida adulta, no Brasil e na América Latina a condição juvenil é marcada pelo ingresso precoce no trabalho em conciliação com os estudos. Neste mesmo estudo, os autores apresentaram uma pesquisa realizada com jovens das camadas populares da Região Metropolitana de São Paulo em que 27 dos 32 entrevistados viviam ou tinham vivido a experiência de trabalhar e estudar. Os autores verificaram algumas dificuldades que se estabelecem a partir da conciliação dessas duas atividades, entre elas as condições do trabalho exercido que variam em relação a jornada, intensidade e precariedade, bem como as tarefas do âmbito familiar. Para as jovens mulheres, os autores chamam atenção para a desigualdade de gênero:

Nesse sentido, manifesta-se fortemente a desigualdade de gênero, trazendo para as jovens mulheres, desde muito cedo, a possibilidade de experimentar a situação de tripla jornada e obrigando muitas delas a participar, com as outras figuras femininas da família, da estruturação de uma espécie de rodízio intergeracional entre estudo, trabalho remunerado e tarefas domésticas. (ABRAMO ET AL, p. 539-540, 2020)

Abramo et al (2020) ressaltam ainda que o ingresso no ensino superior na geração dos jovens dos anos 2000 passa a ser um projeto amplamente disseminado, principalmente para aqueles de baixa renda. No entanto, entre os entrevistados, observou “como esse período entre o ensino médio e o ensino superior é crucial para a construção de suas estratégias de futuro. Contudo, é também aquele em que têm menos apoio, seja por parte da família, seja por parte das políticas públicas.” (2020, p. 536). Esse projeto de acessar o ensino superior fez parte também da trajetória de Janaína que encontrou dificuldades para sua permanência na universidade.

As irmãs Jussara e Janaína são mulheres negras. Nas entrevistas, Jussara se autodeclarou como parda e Janaína como preta. Embora com a mesma origem familiar, tiveram experiências distintas em suas trajetórias. É possível sinalizar a questão da escolaridade. Sem desconsiderar todas as dificuldades financeiras que atingiam esse arranjo familiar de formas diferentes em períodos distintos, é interessante pontuar a formação de redes experimentadas pelas irmãs

Jussara e Janaína. Nesse sentido, cabe frisar a exposição de Janaína a uma rede mais diversa quando passa a estudar em uma escola com maior estrutura, fora da comunidade, passando a pegar ônibus e conviver no espaço escolar com pessoas de outras classes sociais e experiências culturais. Nesse caso, houve a incorporação de um capital cultural valorizado nessa escola, bem como a formação de um capital social (Bourdieu, 1998) mais diverso que propiciou um conhecimento mais amplo das oportunidades. Além disso, vale destacar a diferença de idade entre ela e sua irmã Jussara que é de nove anos, o que demonstra que Janaína teve, no momento de ingresso na universidade, um maior leque de oportunidades educacionais do que sua irmã Jussara em sua juventude.

Jussara e Janaína tiveram trajetórias que se diferenciam principalmente quando observam-se as oportunidades educacionais a que tiveram acesso. No entanto, a escassez de atributos materiais e sociais fizeram-se presentes nas vidas de ambas, implicando em dificuldades ao longo de suas trajetórias. Ambas não reproduziram, ao longo das suas vidas, a ocupação da mãe Joseane. Tanto Jussara quanto Janaína acessaram ocupações que contavam com maior prestígio do que o emprego doméstico na sociedade brasileira. Ainda sim, em momentos de dificuldades financeiras, elas relataram ter realizado atividades de limpeza. Jussara mencionou em entrevista ter lavado roupas para um conhecido com alguma remuneração e chegou a concorrer a vagas em agências de emprego na área da limpeza e afirmou que desempenharia o trabalho doméstico remunerado, se fosse necessário, realçando a natureza digna deste tipo de trabalho. Já a sua irmã, relatou ter desempenhado tarefas de limpeza para a capelania universitária de forma remunerada e chegou a fazer uma faxina para uma pessoa em um momento em que estava precisando de dinheiro.

Nesse sentido, como analisou Tamis Porfírio, “quando se trata de mulheres negras, o emprego doméstico aparece como um fantasma.” (PORFÍRIO, 2021, p.94). Com a falta de estudo, qualificação ou oportunidades profissionais, o emprego doméstico acaba sendo a alternativa viável para essas mulheres. Desse modo, quando Janaína realiza uma faxina em um momento que estava precisando de recursos ou quando sua irmã, em um momento de dificuldade financeira, passa a buscar vagas de serviços gerais, demonstra como o emprego doméstico de fato ronda as trajetórias de mulheres negras das classes populares. Assim, por mais que haja o esforço de romper a hereditariedade do emprego doméstico através de estudo e qualificação, em momentos de ausência de outras oportunidades profissionais, este aparece como referência de trabalho para a sobrevivência.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao realizar essa pesquisa de mestrado, busquei ampliar a complexidade de uma investigação conduzida durante a graduação em Ciências Sociais, ampliando-a com novos temas e a partir da perspectiva geracional. Voltar ao campo e encontrar algumas das mesmas interlocutoras e ouvir suas histórias de vida com uma nova questão de pesquisa foi uma tarefa instigante. Parti com o desafio de realizar as mesmas perguntas, ouvir os mesmos relatos, mas também acessar novas percepções que essas mulheres tinham de si e de suas trajetórias. Somado a isso, assumi a tarefa de entrevistar suas filhas e assim buscar compreender as percepções de mobilidade social presentes em duas gerações familiares de mulheres.

Ao analisar a trajetória das mães entrevistadas, tratou-se de considerar suas condições de migrantes em busca de melhores condições de vida. A escassez material na vida dessas mulheres desde a infância impulsionou a migração na busca por uma melhoria de vida para si e para suas famílias. Na ocupação do emprego doméstico foi possível observar o peso da questão da classe, do gênero e da raça a partir das situações de assédio moral e sexual vividas pelas trabalhadoras.

Na busca por mobilidade social ascendente, as trabalhadoras domésticas investigadas estavam muito ligadas a projetos coletivos, visando oferecer uma melhoria de vida não só para si, mas também para seus familiares. Esse projeto de melhoria de vida se estende para suas filhas em uma busca pela não hereditariedade do trabalho doméstico. Assim, é notável os esforços que essas mulheres envidaram, a fim de que suas filhas alcançassem ocupações de maior prestígio e condições de vida mais dignas.

Verificou-se que as filhas das trabalhadoras aqui analisadas apresentavam um estilo de vida e projetos mais pautados na individualidade, uma narrativa mais voltada para projetos individuais na busca por uma escolaridade cada vez mais alargada e pela intenção de estabelecerem-se nas grandes cidades. Isso marca uma diferença em relação às trajetórias de suas mães, marcadas pelo projeto coletivo de garantir a melhoria de vida de seus familiares. Assim, é possível observar mudanças no comportamento de gerações femininas que resultam, sobretudo, das oportunidades a que tiveram acesso para conquistar uma melhoria de vida.

No caso das filhas, considerou-se o período histórico inédito na história do país de uma massiva expansão da educação superior e o papel importante que cumpriram as políticas públicas desse contexto em garantir o acesso de jovens das classes populares às universidades. Embora essas políticas tenham sido fundamentais para o ingresso das filhas das trabalhadoras domésticas aqui estudadas, a partir da análise de suas trajetórias foram apontadas as dificuldades de permanência dessas jovens nas universidades, advindas dos escassos recursos

financeiros familiares. As adversidades enfrentadas por essas jovens para permanecerem na universidade apontaram para a fragilidade das mesmas políticas públicas que garantiram o acesso delas. Desse modo, a passagem pela universidade para essas jovens foi atravessada por incertezas a todo o tempo se iriam conseguir concluir o curso ou não. Além disso, ao concluírem a graduação, elas encontraram-se desorientadas em um cenário de pouca viabilidade de acessarem profissões correspondentes às suas formações.

Nessas análises, conferiu-se atenção para os capitais acumulados por essas jovens e em que medida foram usados ao longo das suas trajetórias, bem como seus limites. Nessa perspectiva, adotou-se a teoria dos capitais do sociólogo francês Pierre Bourdieu (1998), buscando identificar os capitais mobilizados nas trajetórias juvenis em busca de mobilidade social. Notou-se a presença de um capital cultural adquirido através da escolaridade alongada, no entanto encontrou-se desafios na falta de um capital social que orientasse uma inserção profissional na área de formação dessas jovens mulheres.

Desse modo, verificou-se que, se por um lado, as políticas públicas voltadas à educação provocaram mudanças importantes no que diz respeito a possibilidade de uma escolaridade alongada das filhas das trabalhadoras domésticas, por outro, elas encontraram limitações para alcançarem uma ascensão social a partir de suas qualificações profissionais. Essas jovens ao buscarem mobilidade social a partir dos estudos, tiveram permeadas em suas trajetórias, incertezas em relação aos empregos que ocupariam. Assim, ao mesmo tempo em que buscava-se escapar do emprego doméstico, mantinha-se a precariedade em empregos de baixa remuneração e pouco prestígio social.

Observou-se, nesse sentido, as dificuldades enfrentadas após a conclusão do ensino superior para acessar ocupações correspondentes à formação adquirida, obstáculos que se inserem em um contexto social e político conturbado na história do Brasil após o golpe de 2016, que provocou o impeachment da presidenta eleita democraticamente Dilma Rousseff, seguida de governos que adotaram políticas de austeridade, que prejudicaram principalmente os mais pobres. Essa situação adversa para as classes populares foi ainda agravada pela pandemia de coronavírus a partir do ano de 2020, que deixou mais de 600 mil mortos no país. Nesse período, se viu as recomendações da OMS (Organização Mundial da Saúde) de redução do contágio serem desestimuladas pelo ocupante do cargo mais alto do governo, o ex-presidente Jair Bolsonaro, além do atraso na compra de vacinas. Um período muito conturbado na história do país com muitos impactos negativos, sobretudo para as classes populares.

Vale ressaltar que no dia 1º de janeiro de 2023, o Luiz Inácio Lula da Silva, mais conhecido como Lula, tomou posse como presidente do Brasil para realizar o seu terceiro

mandato⁴⁴. A posse do Lula inaugura um momento de muitas expectativas para a democracia no Brasil. O presidente Lula, que em outros mandatos conferiu uma atenção especial aos mais pobres, sobretudo com a adoção de políticas sociais voltadas a essa população, sinalizou diversas vezes essa mesma preocupação durante sua campanha nas eleições de 2022 e no momento de sua posse em Brasília em 2023.

Nesse sentido, algumas medidas já têm sido adotadas pelo atual governo como o aumento real do salário mínimo acima da inflação previsto para maio de 2023⁴⁵. Além disso, houve também o anúncio do reajuste em bolsas de pesquisa que não eram reajustadas desde 2013. De acordo com o anúncio do governo federal⁴⁶, os valores das bolsas de mestrado e doutorado, por exemplo, subirão 40%. Ações nesse sentido funcionam como incentivo para que jovens egressos dos cursos de graduação, sobretudo aqueles das classes populares, possam seguir uma carreira acadêmica. Assim, a partir de um novo governo mais progressista que se apresenta a partir do ano de 2023, um cenário mais favorável pode vir a contemplar uma juventude que se viu desmotivada nos últimos anos.

Diante uma outra conjuntura social, essa pesquisa pode contribuir para futuros trabalhos que busquem analisar a ocupação profissional de mulheres jovens, filhas das trabalhadoras domésticas. Considerando as transformações já apresentadas nessa pesquisa da geração das mães trabalhadoras domésticas para as suas filhas, seria interessante explorar em uma nova pesquisa aspectos relacionados às experiências destas últimas nas suas ocupações profissionais. Desse modo, essa pesquisa poderia avançar nas análises das experiências dessas jovens mulheres oriundas das classes populares, observando aspectos relacionados à classe, ao gênero e à raça.

⁴⁴ Luiz Inácio Lula da Silva teve o seu primeiro mandato como presidente do Brasil de 2003 até 2006 e o segundo, de 2007 a 2011.

⁴⁵ Disponível em: <https://economia.uol.com.br/noticias/redacao/2023/02/16/r-18-a-mais-salario-minimo-de-r-1320-garantira-aumento-real-de-28.htm>>. Acesso em: 23 de Fevereiro de 2023.

⁴⁶ Disponível em: <https://g1.globo.com/educacao/noticia/2023/02/16/governo-divulga-reajuste-em-bolsas-de-pesquisa-nesta-quinta-valor-deve-subir-40percent-em-media.ghtml> . Acesso em: 23 de Fevereiro de 2023.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABRAMO, H.W.; VENTURI, G.; CORROCHANO, M. C. Estudar e trabalhar: um olhar qualitativo sobre uma complexa combinação nas trajetórias juvenis. *Novos Estudos*. CEBRAP. São Paulo, v. 39, n. 03, p. 523-542, set/dez, 2020.

BARROS, R. CARVALHO, M. FRANCO, S. MENDONÇA, R. Determinantes da Queda na Desigualdade de Renda no Brasil. IPEA. Texto para discussão nº 1460, 2010.

BEAUD, S.; PIALOUX, M. *Retorno à condição operária: investigação em fábricas da Peugeot na França*. São Paulo: Boitempo, 2009.

BECK, U. *Sociedade de Risco: rumo a uma outra modernidade*. São Paulo: Editora 34, 2010.

BECKER, S. H. A história de vida e o mosaico científico. *In: Métodos de Pesquisa em Ciências Sociais*. São Paulo. Hucitec: 1993.

BERTAUX, D. A coleta de narrativas de vida. *In: Narrativa de vida: a pesquisa e seus métodos/ Daniel Bertaux; tradução Zuleide Alves Cardoso Cavalcante, Denise Maria Gurgel Lavallée; Natal, RN: EDUFRN; São Paulo: Paulus, 2010.*

BOTH, E. *Família e rede social*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1976.

BOURDIEU, P. A ilusão biográfica. *In: FERREIRA, M. de M.; AMADO, J. (Orgs.). Usos e abusos da História Oral*. Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getúlio Vargas, 1996.

BOURDIEU, P. Compreender. *In: A miséria do mundo*. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 1997.

BOURDIEU, P. Os três estados do capital cultural. *In: NOGUEIRA, M. A; CATANI, A. (Orgs.) Escritos de Educação*. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 1998.

BOURDIEU, P. O capital social - notas provisórias. *In: NOGUEIRA, M. A; CATANI, A. (Orgs.) Escritos de Educação*. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 1998.

BOURDIEU, P. Capital simbólico e classes sociais. *Novos Estudos CEBRAP*, 96, julho 2013.

CIOCCARI, M. Entre o campo e a mina: valores e hibridações nas trajetórias de mineiros de carvão no RS. *Revista Mundos do Trabalho*, v.7, n. 14, p.75 - 98, 2015.

CRENSHAW, K. Documento para o encontro de especialistas em aspectos da discriminação racial relativos ao gênero. *Revista Estudos Feministas*, Florianópolis (SC). 10 (1), p.171-188, 2002.

DA MATTA, R. O ofício do etnólogo, ou como ter Anthropological Blues. *In: A aventura sociológica. Objetividade, paixão, improviso e método na pesquisa social*. Edson de Oliveira Nunes (org.). Rio de Janeiro: Zahar, pp. 23-35, 1985.

DIEESE. *Emprego doméstico no Brasil*. Estudos e pesquisas. V. 68, 27 p. agosto 2013.

- DURHAM, E. R. *A caminho da cidade: a vida rural e a migração para São Paulo*. 2. ed. São Paulo: Perspectiva, 1978.
- DURHAM, E. R. Movimentos sociais: a construção da cidadania. *Novos Estudos*. São Paulo: CEBRAP, n. 10, p. 24-30, 1984.
- FRAGA, A. B. De empregada a diarista: as novas configurações do trabalho doméstico remunerado. Dissertação (Mestrado em Antropologia e Sociologia). Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2010.
- FEDERICI, S. *O ponto zero da revolução*. Trabalho doméstico, reprodução e luta feminista. São Paulo: Ed Elefante, 2019.
- FERRARI, M. de M. A migração nordestina para São Paulo no segundo governo Vargas (1951-1954) – seca e desigualdades regionais. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais). Universidade Federal de São Carlos, 2005.
- FURTADO, C. *Seca e poder: entrevista com Celso Furtado*. São Paulo: Ed. Fundação Perseu Abramo, 1998.
- GIRARD-NUNES, C.; SILVA, P. H. I. Entre o prescrito e o real: o papel da subjetividade na efetivação dos direitos das empregadas domésticas no Brasil. *Revista Sociedade e Estado*, v. 28, n. 3 set./dez, 2013.
- GONZALEZ, L. Cultura, Etnicidade e Trabalho: Efeitos linguísticos e políticos da exploração da mulher. Artigo apresentado em: 8º Encontro Nacional da Latin American Studies Association. 1979. Pittsburgh.
- GREMAUD, A. P.; VASCONCELLOS, M. A. S.; TONETO JUNIOR, R. *Economia Brasileira Contemporânea*. 6. ed. São Paulo: Atlas S. A, 2007.
- GROPPO, L. A. Juventude: Ensaios sobre Sociologia e História das Juventudes Modernas. Rio de Janeiro: DIFEL, 2000.
- HIRATA, H.; KERGOAT, D. Novas configurações da divisão sexual do trabalho. *Cadernos de Pesquisa*, São Paulo, v. 37, n. 132, set./dez, 2007.
- HIRATA, H. Gênero, classe e raça: interseccionalidade e consubstancialidade das relações raciais. *Tempo Social*, revista de sociologia da USP, São Paulo, v. 26, n.1, p.61-73, 2014.
- HOGGART, R. As utilizações da cultura: aspectos da vida cultural da classe trabalhadora. Lisboa: Editorial Presença, 1973.
- JESUS, C. M. de. *Quarto de despejo: diário de uma favelada*. São Paulo: Francisco Alves, 1960.
- KERGOAT, D. Verbete divisão sexual do trabalho e relações sociais de sexo. In: HIRATA, Helena et al (orgs). *Dicionário crítico do feminismo*. São Paulo: Unesp, 2009.
- KERGOAT, D. Dinâmica e consubstancialidade das relações sociais. *Novos Estudos*, São Paulo, v.86, p.93-103, março, 2010.
- KOFES, S. *Mulher, Mulheres: Identidade, Diferença e Desigualdade na Relação entre Patroas e Empregadas*. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2001.

KOFES, S. Seguindo o conselho do poeta: repetir, repetir, até ficar diferente. *Ex Aequo*, n. 22, pp. 95-109, 2010.

LEÃO, L. S. Entre a Bahia e São Paulo: narrativa feminina sobre migração e trabalho doméstico. *Revista da ABET*, João Pessoa, v. 16, n. 2, p. 90-99, jul./dez. de 2017.

LEÃO, L. S. *Trabalho Doméstico e Migração: um estudo de trajetórias femininas nos deslocamentos entre o sertão da Bahia e São Paulo*. Monografia, (Graduação em Ciências Sociais), Instituto de Ciências Humanas e Sociais, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro. Seropédica, 2018.

LIMA, J. C. Trabalho, família e mobilidade social: um estudo sobre sociabilidade operária. *CADERNO CRH*, Salvador, n.24/25, p.123-153, jan./dez. 1996.

LOPES, J. R. B. Desenvolvimento e mudança social: formação da sociedade urbano-industrial no Brasil. [online]. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais, 2008.

MANNHEIM, K. “O problema sociológico das gerações” [tradução: Cláudio Marcondes], *In: Marialice M. Foracchi (org.), Karl Mannheim: Sociologia*, São Paulo, Ática, 67-95, 1982.

MARGULIS, M.; URRESTI, M. La juventud es más que una palabra. *In: MARGULIS, M. (org.). La juventud es más que una palabra*. Buenos Aires: Biblos, 1996.

MENEZES, M. A. de. “Da Paraíba pra São Paulo e de São Paulo pra Paraíba” (migração, família e reprodução da força de trabalho). Dissertação de Mestrado em Sociologia Rural, Universidade Federal da Paraíba, Campina Grande, 1985.

MENEZES, M. A. de. Migrações e mobilidades: repensando teorias, tipologias e conceitos. *In: TEIXEIRA, P. E.; DA COSTA BRAGA, A; BAENINGER, R. Migrações: implicações passadas, presentes e futuras*. Editora Oficina Universitária, 2012.

NERI, M. *A Nova Classe Média*. Rio de Janeiro: CPS, 2008.

PERALVA, A. O jovem como modelo cultural. *Revista Brasileira de Educação*, São Paulo, n. 6, p. 15-24, set./out./nov./dez. 1997.

PINHEIRO, L.; LIRA, F.; REZENDE, M.; FONTOURA, N. Os desafios do passado no trabalho doméstico no século XXI: reflexões para o caso brasileiro a partir dos dados da PNAD contínua. Brasília: IPEA, 2019.

PORFÍRIO, T. *A cor das empregadas: a invisibilidade racial no debate do trabalho doméstico remunerado*. Belo Horizonte: Letramento; Temporada, 2021.

RIBEIRO, C. A. R. Quatro décadas de mobilidade social no Brasil. *Dados - Revista de Ciências Sociais*, Rio de Janeiro, vol. 55, nº 3, pp. 641 a 679, 2012.

SARTI, C. A. *A família como espelho: um estudo sobre a moral dos pobres*. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2005.

- SAYAD, A. *A Imigração* ou os paradoxos da alteridade. São Paulo, Edusp, 1998.
- SENNETT, R. *A corrosão do caráter*. Consequências pessoais do trabalho no novo capitalismo. 14ª ed. Rio de Janeiro: Record, 2009.
- SILVA, M. A. M.; MENEZES, M. A. de. Migrações rurais no Brasil: velhas e novas questões. 2006. Mimeo.
- SILVA, P. de S. Mobilidade intergeracional de ocupação das filhas de trabalhadoras domésticas nas grandes regiões brasileiras. Dissertação (Mestrado em Demografia) Universidade Federal do Rio Grande do Norte, 2014.
- SILVA, T. A. A. As políticas públicas de juventude no Brasil pós-golpe de 2016: o cenário de ataque aos direitos sociais. *Revista de Ciências Sociais - Política e Trabalho*, nº 54, p. 150-167, Janeiro/Junho de 2021.
- SOUZA, F. F. de. Criados, escravos e empregados: o serviço doméstico e seus trabalhadores na construção da modernidade brasileira (cidade do Rio de Janeiro, 1850-1920). Tese de doutorado em História, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2017.
- SCALON, C.; SALATA, A. Uma Nova Classe Média no Brasil da Última Década? O Debate a Partir da Perspectiva Sociológica. *Sociedade e Estado*, v. 27, n. 2, p. 387-407, 2012.
- SOUZA, P. H. G. F.; CARVALHAES, F. Estrutura de Classes, Educação e Queda da Desigualdade de Renda (2002-2011). *DADOS - Revista de Ciências Sociais*, v. 57, n. 1, p. 101-128, 2014.
- THEMIS – GÊNERO, JUSTIÇA E DIREITOS HUMANOS. Assédio sexual e as trabalhadoras domésticas na América Latina e Caribe [recurso eletrônico]: a implementação da C190 da OIT no Brasil, Colômbia, Equador, Honduras e México. Porto Alegre (RS): Themis – Gênero, Justiça e Direitos Humanos, 2022.
- TOMIZAKI, K. Ser metalúrgico no ABC: Rupturas e continuidades nas relações intergeracionais da classe trabalhadora. Tese de doutorado em Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2005.
- VELHO, G. Observando o familiar. *In: Individualismo e cultura: notas para uma antropologia da sociedade contemporânea*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1981.
- VELHO, G. Biografia, trajetória e mediação. *In: VELHO, G; KUSCHNIR, K. Mediação, cultura e política* – Rio de Janeiro: Aeroplano, 2001.
- VELHO, G. O patrão e as empregadas domésticas.: *Sociologia: Problema e Prática*, São Paulo, no 69, pp: 13-30, 2012.
- WOORTMANN, K. Migração, família e campesinato. *Revista Brasileira de estudos de população*. Jan./Jun, 1990.

Filmes:

QUE horas ela volta? Direção: Anna Muylaert. Brasil: Pandora Filmes, 2015.